

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
CAMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Carolina Bortoleto Firmino

**“SOU ATLETA, SOU MULHER”: A REPRESENTAÇÃO FEMININA SOB
ANÁLISE DAS MODALIDADES MAIS NOTICIADAS
NAS OLIMPÍADAS DE LONDRES 2012**

Bauru

2014

**“SOU ATLETA, SOU MULHER”: A REPRESENTAÇÃO FEMININA SOB
ANÁLISE DAS MODALIDADES MAIS NOTICIADAS
NAS OLIMPÍADAS DE LONDRES 2012**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da área de concentração Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Unesp, campus de Bauru, como requisito à qualificação para a obtenção do título de mestre em Comunicação Social, sob orientação do Professor Dr. Mauro de Souza Ventura.

Bauru

2014

Carolina Bortoleto Firmino

FIRMINO, Carolina Bortoleto. **“Sou Atleta, Sou Mulher”**: A Representação Feminina Sob Análise Das Modalidades Mais Noticiadas Nas Olimpíadas De Londres 2012. 2014.. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação Midiática) – FAAC – Unesp, sob orientação do prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2014.

RESUMO

O universo esportivo é caracterizado como um ambiente tipicamente masculino e ainda que a mulher esteja em uma constante busca por maior reconhecimento, os preconceitos ainda permeiam essa realidade. Dessa forma, quando sua imagem não é associada a elementos sexuais ou seu sucesso como atleta condicionado à sua beleza, o tratamento noticioso relaciona o comportamento feminino à fragilidade ou descontrole das emoções. Por isso, apesar da presença de mulheres atuando como atletas profissionais em Jogos Olímpicos estar em crescente aumento, elas ainda sofrem com a discriminação que valoriza outros elementos em detrimento de sua performance atlética. Neste trabalho, buscamos compreender o histórico da participação feminina em Olimpíadas e definimos como objeto de estudo as modalidades em que a atleta brasileira aparece com mais evidência nos Jogos Olímpicos de Londres 2012. O objetivo é identificar de que forma está sendo construída a sua imagem e entender os elementos que compõem essa identidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Mulher; Atleta; Representação; Gênero

FIRMINO, Carolina Bortoleto. **“Sou Atleta, Sou Mulher”**: A Representação Feminina Sob Análise Das Modalidades Mais Noticiadas Nas Olimpíadas De Londres 2012. 2014.. Dissertation Completion (Master in Communication media) - FAAC - UNESP, under the guidance of prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2014.

ABSTRACT

The sports universe is characterized as a typical male environment. Prejudice still permeates the woman reality, even her being in a constant search for greater recognition. In the cases when the woman image is not associated to sexual elements or her success as an athlete is not conditioned to her beauty, the news relate the feminine behavior to fragility or lack of emotion control. That said, although the women presence as professional athletes in Olympic Games has been increasing, they still suffer from discrimination that values other elements in their athletic performance detriment. In this essay, we aim to understand the female participation historic in the 2012 London Olympic Games. The goal is to identify how the woman image has been built and to understand the elements that set up this identity.

KEYWORDS:

Woman, Athlete; Representation, Gender

Às mulheres que ainda buscam o seu espaço.

AGRADEÇO

Aos meus pais,
pelos constantes incentivo e paciência.

Ao meu irmão, por ser esse cara inteligente
e capaz de me ajudar com as tecnologias que não domino.

A minha avó Ivete,
por saber o que dizer quando eu mais precisei.

À Francisca, pelos vários potinhos de comida congelada – que
me deram mais tempo pra escrever.

Às amigas de sempre e pra sempre,
que compreenderam quando eu não pude estar presente.

À amiga Aline Santos, minha “quebra-galho” e confidente.

Aos novos amigos,
por serem minhas risadas no meio da loucura.

Àos meus anjos da guarda de quatro patas:
Lindinha, Juju, Bruce, Cake, Ted e Caco

À UNESP,
por ser única e me fazer querer ser “unespiana até morrer” sempre.

Ao meu orientador,
por entender e respeitar as minhas dificuldades.

A Deus,
por ser essa força incrível em que eu me apoio.

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Olimpíadas: Origens, Transformação E Luta Feminina	11
1.1. Um breve histórico das Olimpíadas desde a Grécia Antiga	11
1.2. Renascimento e consolidação dos Jogos Olímpicos	13
1.3. A evolução da participação feminina nos Jogos da Era Moderna	15
1.4. O cenário esportivo feminino no período pós I Guerra Mundial	19
1.5. II Guerra Mundial, participação feminina e novas possibilidades	21
2. A mulher-atleta nas Olimpíadas e sua caminhada no esporte moderno	25
2.1 A caminhada nas Olimpíadas	25
3. O espaço olímpico das brasileiras	28
3.1 Dificuldades e lutas	28
4. Londres (2012): uma Olimpíada feminina	33
4.1 A vitória das mulheres	33
5. Estudos culturais, gênero e feminino: os caminhos da pesquisa	37
5.1. Origens e composições teóricas dos estudos culturais	37
5.2. Introdução à temática de identidade	39
5.3 Representação, gênero e feminilidades	41
5.4 Bourdieu e a dominação masculina no esporte	45
6. Métodos e Técnicas	49
6.1. Percurso metodológico.....	49
6.2. Descrição do <i>corpus</i> e da técnica	53
6.3. Perfil sócio histórico das modalidades mais noticiadas	63
6.4. Olhar inicial e categorias de análise	75

7. Análise Quantitativa do Objeto	75
7.1. Da frequência	75
7.2. Do sentido	79
8. Análise Qualitativa e Comparativa do Objeto	87
8.1. Folha de São Paulo	87
8.2. O Estado de São Paulo	91
8.3. Análise comparada: impressões sobre o vôlei e o boxe	94
Considerações finais	98
Referências bibliográficas	101
Anexos	106
a) Jornal Folha de São Paulo	
b) Jornal o Estado de São Paulo	

INTRODUÇÃO

Ainda que o esporte seja um fenômeno cuja dimensão social abrange valores culturais de diferentes grupos, a mulher tem uma trajetória de luta para se inserir nessa realidade. Prova disso é que a relevância atribuída ao esporte olímpico mundial é incontestável, mas a participação feminina ainda é um fenômeno social recente. Portanto, a inclusão foi um acontecimento gradual e semelhante ao processo de aceitação da mulher nas demais esferas da sociedade – inclusive nas consideradas áreas “masculinas” do mercado de trabalho. No entanto, a relação entre a mulher e o esporte vai muito além da sua conquista por espaço: quando se trata de representá-la, a mídia se aproxima da valorização do corpo ou de suas emoções em detrimento da técnica esportiva.

(...) no mundo dos esportes os ideais de beleza são mais claramente assumidos e, ainda que um corpo bonito por si só não garanta bons resultados e desempenhos extraordinários, eles recebem da mídia atenção redobrada, como são as musas do vôlei brasileiro e algumas tenistas internacionais. (ALONSO, 2004, p.96)

Não existe, portanto, uma realidade favorável à mulher que atua no esporte de competição – em Jogos Olímpicos, por exemplo, é possível comparar de maneira semelhante o destaque dado às seleções masculina e feminina de futebol? Ou a dificuldade de inclusão da mulher se mantém? – é preciso lembrar que não foi apenas no futebol que a mulher lutou para se inserir.

Mesmo assim, muitos estereótipos são identificados inclusive na relação “público e esporte”, como a mulher torcedora de futebol, que não joga porque a prática é masculina; a “Maria-chuteira”, que não sabe nada sobre a modalidade, mas se identifica com algum jogador; ou a que não faz nenhum dos dois, mas compete pela atenção do seu parceiro que acompanha todas as partidas. É possível observar ainda uma diferença no retrato feminino entre as modalidades, inclusive carregada de preconceitos, diferente do que acontece com o homem, tido como herói ou mito.

Ao relacionarmos o mundo dos esportes à teoria dos campos do sociólogo Pierre Bourdieu entende-se que a dificuldade de inserção feminina se deve muito ao comportamento, às configurações históricas, às dominações e às estruturas obscuras encontradas neste ambiente.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias. (BOURDIEU, 1983, p.57)

Dessa forma, quando considerada a definição de campo acima, o universo esportivo ainda não foi completamente visitado pela mulher, que se encontra refém de pensamentos conservadores e da representação estereotipada de sua imagem como atleta. Podemos compreender ainda o esporte como um campo autônomo, que funciona por meio de suas próprias leis e regras específicas, mesmo que fatos relacionem a prática esportiva a acontecimentos históricos, políticos e sociais.

Não se pode compreender, diretamente, os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. (BOURDIEU, 1983, p. 137)

Portanto, parte-se da hipótese de que mesmo com a consolidação da atleta do gênero feminino no cenário olímpico mundial, a mídia continua a se basear em estereótipos para retratá-la. De acordo com pesquisa divulgada recentemente pela BBC News em 2013, não há país no mundo em que homens e mulheres são iguais. Portanto, esta análise deve contribuir para o entendimento a respeito da construção do retrato da mulher moderna inserida no esporte de competição – ainda que o cenário cultural na atualidade permita o seu reconhecimento mundial.

Para investigar esta hipótese sobre a participação feminina no esporte norteamos o trabalho sob a discussão das diferenças entre o feminino e o masculino acerca dos papéis sociais e questiona as regras morais de conduta refletidas na prática esportiva – o que coloca em cheque a capacidade intelectual e física da atleta ao desempenhar as mesmas atividades que o homem. Em contrapartida, evidenciamos também a autoconfiança e independência feminina para explicar o aumento da participação do gênero no meio esportivo (após o surgimento das teorias feministas derivadas da mudança de hábito das mulheres a partir da Revolução Francesa e com o abandono gradativo das convenções) e traçamos toda a sua caminhada rumo à consolidação no meio olímpico.

Escolhemos como corpus as notícias referentes à atuação da atleta brasileira nos Jogos Olímpicos de Londres (2012) veiculadas nos jornais O Estado de São Paulo (Estadão) e Folha de São Paulo durante todo o evento – começando no dia que antecedeu sua abertura (26 de julho) e seguindo até um dia após seu término (13 de agosto). Em busca de uma análise mais aprofundada, optamos por afinar ainda mais o corpus do objeto e focar nas modalidades esportivas em que a mulher foi mais noticiada em ambos os jornais. A partir da metodologia escolhida – análise de conteúdo – foi preciso descobrir quais eram essas modalidades a partir da incidência de notícias para começar a visualizar de que maneira a mulher está inserida neste campo.

1. OLIMPÍADAS: ORIGENS, TRANSFORMAÇÃO E LUTA FEMININA

1.1. Um breve histórico das Olimpíadas desde a Grécia Antiga

Desde a origem dos Jogos, a inserção feminina no esporte apresenta-se de forma irregular, permeada de dificuldades e dividida entre as conquistas de cada modalidade. Para dar início a essa investigação, apresentaremos neste capítulo a busca da mulher por respeito e representatividade como atleta de competição, traçando sua luta por espaço ao longo da História. É importante lembrar que o termo “olímpico” ganhou significado depois de quase dois mil anos da data que marca a origem de um festival esportivo semelhante às Olimpíadas. Um tratado selado em Hera estabelecia que, durante os Jogos Olímpicos, uma trégua sagrada deveria ser respeitada em toda a Grécia, fazendo com que os soldados abandonassem as guerras e competissem lado a lado. O evento acontecia a cada quatro anos e podiam disputá-lo os representantes de cidades da Grécia Antiga, que priorizavam provas de corrida, pentatlo e luta livre. Na época, as Olimpíadas estavam relacionadas a manifestações religiosas – por exemplo, os rituais de sacrifício a Zeus, identificado como progenitor dos Jogos – e funcionavam para os gregos como um instrumento de medição do tempo.

Ao assistir o documentário *Olympia* – da alemã Leni Riefenstal – é possível ter contato com o clima da competição na época em que foi gravado. A tentativa de usar o evento como propaganda política são é o principal alvo de controvérsias do vídeo. O retrato

feito é das Olimpíadas de Berlim (1936), na Alemanha, em pleno regime nazista, o que garante um teor latente de propaganda às filmagens. Na primeira parte do documentário, assistimos à participação olímpica do negro americano Jesse Owens em meio à intolerância racial disseminada por Hitler e nos deparamos com uma contextualização duvidosa transmitida por Leni, que mascara a verdadeira realidade que pairava nos anos anteriores à II Guerra Mundial. Já na segunda metade da obra, temos contato com uma espécie de culto ao corpo e à forma física, sobressaindo-se a uma representação meramente técnica e tratando os movimentos corporais como algo poético para homens e mulheres.

Segundo Contador, Silva e Todt (2004, p.254) ser competidor das Olimpíadas era sinônimo de honra, tanto que, para a realização das provas, o atleta se dispunha nu, a fim de transmitir transparência e lealdade aos Deuses e ao esporte. A nudez representava a exaltação ao corpo e ao comportamento heroico, enquanto a honra de quem saísse vitorioso se estendia à família e à cidade do atleta. Neste contexto, as mulheres eram excluídas – inclusive como espectadoras – e participavam apenas da Heraea, uma competição em homenagem a Hera, a mulher de Zeus. Ao contrário dos homens, não era atribuído à mulher o status de heroína, porque, de acordo com o pensamento da época, o sexo feminino não preenchia os principais requisitos dos heróis olímpicos: tamanho corporal, força física, habilidade e técnicas (MIRAGAYA, 2006, p.4). Do homem eram esperadas atitudes que representassem força, competitividade e agilidade, enquanto as mulheres deveriam se restringir à vida doméstica:

Às mulheres também era dado valor, mas pela qualidade dos filhos que elas produziam; portanto, elas não podiam competir ou participar em atividades físicas similares porque se pensava que a mulher era muito delicada e frágil, tendo que se restringir à vida doméstica e levar um estilo de vida passivo. (MIRAGAYA, 2002, p.4)

Na época, as mulheres chegaram a servir como prêmio para vencedores das corridas de biga ou charrete, o que aponta, indiretamente, a sua condição de objeto. Outro fator interessante a ser observado é a divergência de pensamento entre atenienses e espartanos no esporte – já que em outros quesitos culturais essas cidades da Grécia também eram bem diferentes. Na concepção de Luzenficter (1996 apud MIRAGAYA, 2002, p.3), a filosofia de inclusão, de Esparta, poderia parecer bem diferente da filosofia de Atenas, que pregava a reclusão feminina.

Dessa forma, é possível explicar por que as primeiras mulheres atletas que se tem conhecimento vieram de Esparta: os espartanos acreditavam que mulheres saudáveis, de bom

condicionamento físico e que se exercitavam regularmente, gerariam filhos igualmente saudáveis. Entre o povo ateniense, por outro lado, pregava-se a reclusão feminina, o que indica filosofias possivelmente diferentes entre as duas cidades Estados. Utilizamos o termo “possivelmente”, pois a ideia de estímulo à presença feminina no esporte de competição por parte dos espartanos era mascarada pela submissão e apropriação do seu corpo como objeto de procriação:

Os espartanos estavam colocando a atividade física a serviço da função feminina da procriação. As mulheres não tinham papel de heroínas na condição de serem ativas e atletas. A participação das mulheres não era considerada importante especialmente porque os antigos gregos eram altamente competitivos e acreditavam muito no conceito de ‘agon’, ou seja, competição para a excelência. Essa competição, no entanto, só acontecia entre os homens, que eram os únicos que poderiam se extenuar fisicamente. (MIRAGAYA, 2002, pg. 3)

O esporte de competição sempre foi valorizado entre os gregos do sexo masculino e é neste momento que surge a concepção de herói mantida até hoje como tradição. Contudo, ao levar em conta as características físicas masculinas e outras qualidades atribuídas apenas a esse gênero para a idealização do herói olímpico, a mulher era excluída de seu reconhecimento como “heroína”. Apesar de ter durado 12 séculos, a decadência da disputa olímpica na Era Antiga se deu com a invasão dos romanos à Grécia. O imperador Teodósio decretou o fim das práticas esportivas, dos cultos pagãos e ordenou a destruição dos templos gregos. Dessa maneira, as competições ficaram adormecidas por 1500 anos e voltaram a acontecer apenas em 1896, quando Pierre de Frey, o Barão de Coubertin, – pedagogo e historiador francês – fundou os chamados Jogos Olímpicos da Era Moderna.

1.2. Renascimento e consolidação dos Jogos Olímpicos

A descoberta das ruínas do estádio de Olímpia por um arqueólogo alemão chamou a atenção de Coubertin. O barão recebeu a tarefa de reformular a educação para o esporte na França e passou a viajar o mundo para se inspirar, quando esteve em contato com a pesquisa que revelou, em 1852, o antigo palco dos Jogos da Grécia Antiga.

Inspirado por essa descoberta e após tomar conhecimento das ideias do inglês e também pedagogo Thomas Arnold, que utilizava o esporte como instrumento de ensino, Coubertin apresentou sua proposta de recriação dos Jogos Olímpicos ao mundo, sendo

aprovada por unanimidade. Anos depois, em 1894, também surge o Comitê Olímpico Internacional (COI) por iniciativa do próprio Coubertin, com o objetivo de supervisionar o evento. Hoje, o órgão é mantido por meio de publicidade e da comercialização de artigos relacionados à competição, tendo em vista a detenção de todos os direitos sobre as Olimpíadas (logotipo, bandeiras, hinos etc).

Segundo Gumbrecht (2007, p.96) Coubertin revitalizou os Jogos Olímpicos por acreditar na continuidade entre os esportes da Antiguidade e os da modernidade. Entretanto, outros autores defendem a ideia de que os Jogos Modernos e seus novos elementos deveriam ser compreendidos como uma tradição inventada, já que existem muitas diferenças entre os antigos Jogos gregos e os moldes das competições atuais. Para Simonovic (2004 apud CAPRARO, LIMA e MARTINS, 2009, p.4) o barão utilizou o termo “Jogos Olímpicos” porque enxergava a situação como um “caráter solênico” e observou a possibilidade de institucionalizar as competições esportivas, em apenas uma tentativa de colaborar com o desenvolvimento da força nacional francesa e sua expansão colonial, não de estimular o esporte ou renová-lo.

De acordo com Colli (2004, p.43) na primeira edição dos Jogos, apenas 211 atletas de 43 países participaram, sendo que a maioria competiu de forma amadora. Não houve, também, participação feminina, fundamentada na ideia de que os Jogos eram apropriados para representar a figura masculina. Já Cherem, Oliveira e Tubino (2008, p.118) explicam que o motivo dessa proibição na Grécia Antiga era alegado por questões fisiológicas, já que a única forma de chegar ao estádio de Olímpia, local onde ocorriam os Jogos Olímpicos, era por um caminho íngreme e isso dificultava o seu acesso, principalmente à mulher.

Porém, permitir a participação de uma mulher nas Olimpíadas era conceder a ela o direito de exercer o seu papel de cidadã e essa atitude estava diretamente ligada à função de guerrear, o que explicava o porquê de a regulamentação das competições ser extremamente rígida em relação a isso. Mas com o renascimento da competição, a diretriz que impulsionou o retorno dos Jogos Olímpicos foi baseada na expectativa de fomentar a comunicação, a paz internacional e, portanto, a igualdade. Era previsto, então, que toda a nação estivesse representada no evento – negros, brancos, orientais, ocidentais, homens, mulheres, entre outros.

No entanto, da mesma maneira que Coubertin foi responsável pela nova fase dos Jogos Olímpicos, resolveu mantê-los em seus moldes antigos e tradicionais, ou seja, não era

permitido a qualquer mulher competir – nem aos negros¹. Para ele, as competições exaltavam a força e a virilidade que se limitavam a determinados homens, o que forçava as mulheres a competirem apenas entre si, a fim de conservar os valores pregados nas competições realizadas na antiga Grécia, como indica um trecho de seu artigo publicado na Revista Olímpica de julho de 1912:

É possível oferecer às mulheres acesso a todas as competições? Não? Então por que permitir o acesso a algumas e excluí-las de outras? E, sobretudo, com quais critérios estabeleceremos as competições de livre acesso e as de acesso restringido? Não só há tenistas e nadadoras. Também há amazonas, praticantes de esgrima e na América inclusive remadoras. No futuro pode ser que haja corredoras e até jogadoras de futebol. Seriam estes os esportes, praticados por mulheres, um espetáculo edificante para as multidões que presenciam os Jogos Olímpicos? (COBERTIN apud LYBERG, 1912, p.47 apud DEVIDE, 2000, p. 89)

No início das competições, prevaleceu a ideia de Cobertin sobre a fragilidade feminina. Na época, grande parte da Inglaterra vivia sob a noção de que a mulher dependia da proteção do homem em todas as esferas e a conquista por direitos tornava-se distante. No entanto, muitas operárias sofriam com jornadas de trabalho exaustivas, com péssimas condições de higiene e salários inferiores aos dos homens. A utilização de mulheres – e até crianças – se dava pela justificativa de uma mão-de-obra considerada dócil e bem mais barata aos burgueses, que usufruíam dessa produção intensiva sem precisavam lidar com questões legais e trabalhistas. Porém, apesar da proibição de Cobertin sobre o acesso da mulher aos Jogos, outros membros do Comitê Olímpico Internacional defendiam o direito de uma participação feminina, fazendo coexistir a essa minoria – muitas vezes representada por meio do mito da fragilidade feminina – a busca por espaço no esporte, além da luta nas diversas camadas sociais. A premissa de que a atividade física e o “ser atleta” se restringiam ao homem enquanto a mulher deveria manter-se afastada começava a ruir.

1.3. A evolução da participação feminina nos Jogos da Era Moderna

Para identificar de que maneira a luta feminina se relaciona com a sua participação no esporte, é preciso contextualizar o momento em que vivia essa minoria no século XIX. A fim de facilitar essa compreensão da inclusão de mulheres atletas ano a ano, também trouxemos uma tabela geral que mostra o início das Olimpíadas da Era Moderna até hoje e os números

¹ Os negros participaram das Olimpíadas, pela primeira vez, em 1904.

exatos de participação masculina e feminina ao longo da História, inclusive das atletas brasileiras (ver tabela 1). Com o processo natural de fuga do ambiente rural para a ocupação das cidades, a mulher avançava em busca dos salários das fábricas e do trabalho doméstico.

Segundo Miragaya (2002, pg.6) na época, muitas mudanças contribuíam para a chegada da mulher como membro atuante da sociedade. Industrialização, reformas sociais e as novas tecnologias faziam crescer a necessidade de integração feminina. Por isso, na medida em que este grupo começava a se envolver efetivamente no que acontecia no mundo (em especial na economia europeia) também cobrava sua participação como cidadã. Apesar de um ambiente de trabalho exaustivo que não concedia liberdade e ascensão, começaram a surgir organizações femininas para lutar por cidadania e espaço, com o objetivo de abandonar completamente o papel submisso imposto pelo homem, em busca da igualdade de gêneros. Neste contexto, é importante lembrar o momento histórico da passeata das sufragistas, que ocorreu na Nova York de 1912 e significou um avanço na luta pelo sufrágio (direito de voto) feminino. O movimento uniu mulheres de classes sociais e econômicas diferentes, além de atrair a atenção da imprensa, que ajudou a divulgar o pensamento das sufragistas pelo mundo. Porém, nos Estados Unidos o voto feminino só foi permitido a partir de 1920.

Compreende-se o surgimento de diferentes manifestações sociais, justamente pós-Revolução Industrial, delineando uma nova configuração dentro do contexto social e econômico que impõe inesperadas formas de adaptação e reação para esse processo revolucionário. Por essa razão, mais do que simplesmente analisar a relação das mulheres com o mundo do trabalho e a emergente necessidade de se adequar à trama capitalista, o aparecimento de movimentos sociais que expressassem as inquietações e as insatisfações ante o modo de viver e produzir, em destaque a cobrança de impostos revigorada na “primavera dos povos”, havia a necessidade de buscar os propósitos da França revolucionária: liberdade, igualdade e fraternidade. A solidariedade feminina – integrante dos próprios movimentos sociais que se espalhavam pelo território nacional –, ganha força e divulgação através da imprensa especializada. (CAVALCANTI, 2005, p. 250)

O marco dessa mudança de postura da mulher é reconhecido por alguns autores como fruto das Revoluções Industrial e Francesa que seguiram até o pós-Primeira Guerra Mundial. De acordo com Macêdo (2003, p.26), devido ao grande número de homens terem ido para a guerra, as mulheres assumiram papéis até então masculinos, como: chefes de família ou operárias de fábricas de munição, mas, com o fim da guerra, precisaram retornar às suas atividades anteriores, o que as colocavam em conflito com a anterior submissão feminina.

Porém, apesar de ter se iniciado já nessa época o desenvolvimento de uma criticidade de pensamento sobre a participação da mulher nas esferas da sociedade, para Portella (1992

apud MACÊDO, 2003, p. 26), as teorias que funcionaram como expressão das ciências naturais e sociais no século XIX não contribuíram para a posição feminista que vinha se desenvolvendo a acentuaram ainda mais as diferenças entre os sexos:

O positivismo de Comte e as teorias evolucionistas de Darwin não contribuíram muito para a posição feminista, uma vez que a partir desse contexto naturalista, foi extraída toda a argumentação acerca das diferenças sexuais, enfatizando a inferioridade da mulher, argumento que encontra ressonância até os dias de hoje e que sustenta a desigualdade. O mito da inferioridade da mulher percorreu uma longa e dura trajetória. (PORTELLA 1992, apud MACÊDO, 2003, p. 26)

No esporte, este tipo de posicionamento, que condena biologicamente a mulher ao mito da inferioridade, aparece com mais ênfase. Dessa forma, a inclusão feminina nas Olimpíadas aconteceu de forma gradual e foram necessárias atitudes ousadas para que houvesse uma movimentação em uma realidade que parecia isenta a mudanças. Desde que Stamata Revith – grega de aproximadamente 30 anos, mãe e pobre moradora de Pirineus – tentou se inscrever na competição de 1896 e teve sua solicitação negada, tendo que correr de forma não oficial do lado de fora do estádio, em Atenas, mudanças pontuais começaram a incentivar a presença de mulheres no evento.

Quando ocorreram os Jogos Olímpicos de Paris de 1900, sua participação ocorreu de maneira simbólica, tendo em vista a desorganização e a falta de regras do COI, que não determinava a exclusão feminina e, indiretamente, permitia a sua presença. Nesta ocasião, porém, não houve reconhecimento da atuação das competidoras, que não foram premiadas como os homens, com medalhas, mas apenas com diplomas. De acordo com Rúbio e Simões (1999, p. 53), naquele ano, as únicas modalidades permitidas foram o golfe e o tênis, que eram consideradas belas esteticamente, por não proporcionarem contato físico entre as participantes. Porém, nos anos seguintes, outras modalidades foram incluídas lentamente nas competições, como mostra a tabela abaixo:

Tabela I - Introdução da mulher no esporte

Ano	Modalidades
1900	Tênis e Golfe
1904	Arco e Flecha
1908	Patinação Artística
1912	Natação
1924	Esgrima
1928	Atletismo e Ginástica Olímpica
1948	Canoagem
1952	Hipismo

1964	Vôlei
1976	Remo, Basquete e Handebol
1980	Hóquei de Campo
1984	Tiro e Ciclismo
1988	Tênis de Mesa e Navegação
1992	Badminton e Judô
1996	Futebol e Softbol
2000	Levantamento de Peso, Pentatlo, Taekwondo e Triatlo
2004	Luta livre
2012	Boxe

Nesse contexto de participação feminina no esporte, logo começaram a surgir organizações lideradas por feministas em diferentes regiões do mundo. Em 1912, Elizabeth Stanton, Susan Anthony e Carrie Chapman Catt realizaram uma conferência nos Estados Unidos com o propósito de criar uma organização internacional feminina com reivindicações liberais: era a Aliança Internacional da Mulher. Dessa forma, as tentativas de participação da mulher no esporte seguiram à medida que aumentava o inconformismo com a sua submissão. Na tabela abaixo², é possível observar o crescimento da participação olímpica ano a ano:

Tabela 2 - Participação feminina em Olimpíadas

Ano	Mod.	Part.	%	Ano	Mod.	Part.	%
1896	-	-	-	1960	6	611	11.4
1900	2	22	2.2	1964	7	678	13.2
1904	1	6	0.9	1968	7	781	14.2
1908	2	37	1.8	1972	8	1,059	14.6
1912	2	48	2.0	1976	11	1,260	20.7
1920	2	63	2.4	1980	12	1,115	21.5
1924	3	135	4.4	1984	14	1,566	23
1928	4	277	9.6	1988	17	2,194	26.1
1932	3	126	9	1992	19	2,704	28.8
1936	4	331	8.3	1996	21	3,512	34.0
1948	5	390	9.5	2000	25	4,069	38.2
1952	6	519	10.5	2004	26	4,329	40.7
1956	6	376	13.3	2008	26	4,637	42.4
2012	26	4,676	44.2				

Segundo Bland e DeFranz (1948 e 1996 apud DEVIDE, p.95) a primeira vez em que o COI discutiu sobre o esporte feminino foi em Luxemburgo, 1912. O comitê propôs inserir oficialmente a natação feminina no programa dos Jogos Olímpicos (em Estocolmo³, naquele mesmo ano), fazendo com que a Federação Internacional de Natação Amadora (FINA),

² *Factcheet Women in the Olympic Movement, Lausanne: Departamento f International Cooperation/ IOC, 2013.*

³ Nas Olimpíadas de Estocolmo, foram 57 mulheres inscritas, de um total de 2547 atletas. Elas competiram apenas nos torneios de tênis e natação.

fundada em 1908, promovesse a inédita participação feminina. Depois de dois anos, outra reunião do COI tentou definir em quais modalidades as mulheres poderiam participar na próxima edição dos Jogos, que não aconteceu devido a I Guerra Mundial, comprometendo o desenvolvimento das discussões que tratavam dessa inserção feminina.

1.4. O cenário esportivo feminino no período pós I Guerra Mundial

A participação feminina nos Jogos Olímpicos foi oficializada pelo COI a partir de 1919, com o fim da I Guerra Mundial. No entanto, as modalidades permitidas eram apenas a natação e o tênis, já que o atletismo, símbolo das competições, ficava restrito aos homens. DEVIDE (2005, p.97) aponta a fundação da Federação Esportiva Francesa (FEF), por Alice de Milliat – esportista e militante feminina – e a Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI) no ano de 1917, tendo como principal fator desencadeador a recusa da Federação Internacional de Atletismo Amador (FIAA) em apoiar a inserção do atletismo feminino nos Jogos Olímpicos Modernos e a resistência de Coubertin.

Podemos sugerir que a decisão de apoiar a participação da mulher na edição das Olimpíadas de Antuérpia, em 1920, na Bélgica, se deu concomitantemente ao fortalecimento de sua posição no cenário esportivo – com o surgimento dessas federações – e à proliferação de competições destinadas exclusivamente para mulheres acontecendo não só na França, mas muito além de suas fronteiras. Na época, Paris era considerada a “cidade luz” e funcionava como espelho para o resto do mundo, já que os Estados Unidos ainda estavam longe de se tornar a potência que são hoje.

A falta de inclusão do atletismo feminino nas Olimpíadas tradicionais impulsionou esses eventos, que tiveram início a partir de 1922. De acordo com Pfister e DeFranz (1996 e 1999 apud DEVIDE, 2005, p.98), no primeiro ano, 20 mil espectadores e atletas de mais de 30 países voltaram seus olhos para a competição, cuja proposta era se repetir a cada quatro anos até 1934. O apoio de figuras influentes, algumas masculinas, criou na França a cultura da prática esportiva feminina, inclusive ocorrendo competições entre homens e mulheres simultaneamente. O objetivo do esporte segundo Milliat era melhorar a saúde e a força e, estabelecer o equilíbrio entre o corpo e o espírito. Com o fim da I Guerra Mundial e o surgimento do que foi conhecido como os primeiros Jogos olímpicos para mulheres, o COI começou a sofrer pressões para se atentar ao esporte feminino e ao seu crescimento.

Com isso, houve uma tentativa da FIAA em assumir o controle dessas competições, que era da FEFI, mas nesse contexto de desentendimentos entre as organizações, em 1926, ambas selaram um acordo que definiria os rumos da inclusão feminina no esporte: a FIAA deveria influenciar o COI na decisão de permitir às mulheres participar do programa de atletismo das Olimpíadas de Amsterdam, em 1928, em troca da organização liderada por Alice Milliat modificar o nome dos “II Jogos Olímpicos Femininos” de Gotemburgo, para “II Jogos Internacionais Femininos” e ceder às regras da FIAA. O acordo não foi cumprido, já que, pelo COI, as mulheres participariam apenas de cinco provas e não havia garantias de que o acordo se estenderia à próxima edição dos Jogos (BERLIOUX, 1985; PFISTER, 1996 e QUINTILLAN, 2000 apud DEVIDE, 2005, p.99).

Definida a inclusão feminina nos Jogos Olímpicos de Amsterdam (1928), Soares (1988) aponta que essa edição foi decisiva para consolidar a presença das mulheres no esporte, já que um problema na corrida de 800 metros rasos feminino colocou em risco todo o avanço conseguido até então. Naquele ano, algumas atletas desfaleceram na pista, oferecendo argumentos para uma mídia que se empenhou em noticiar explicitamente o suposto cansaço, mesmo que a falta de resistência das atletas tivesse sido justificada pela falta de um preparo inadequado para aquela prova especificamente. Neste contexto, inclusive, podemos citar a atleta suíça Gabrielle Andersen, que protagonizou uma das cenas mais marcantes da história olímpica quando, em Los Angeles (1984), completou a prova de atletismo atormentada por dores e câimbras, sem desistir antes da linha de chegada. Na época, segundo a própria atleta, o momento representou pra ela a prova da resistência feminina.

Na Europa, a luta pelo direito de ser parte do cenário esportivo continuou na medida em que a mulher conquistava uma nova posição na sociedade e tornava-se mais ativa ao garantir sua cidadania a partir do direito de voto e de posicionamento diante de assuntos de amplo interesse. Os Jogos de Los Angeles, em 1932, continuaram permitindo a presença feminina. No entanto, o número de atletas caiu para 127, em decorrência da crise econômica mundial que estourou em 1929, com a quebra da Bolsa de Nova York. Nessa ocasião, as mulheres não puderam competir nas provas de atletismo. Depois, outras modalidades foram incluídas no programa olímpico feminino, como esgrima, natação e saltos. (IOC, 2009)

Por outro lado, o ideal de participação das atletas – que era a permissão para atuar no atletismo – era constantemente negado a cada reunião do COI. Para mostrar que essa proposta se justificava a partir da capacidade feminina de competir de forma semelhante aos homens, a

FEFI organizou um programa completo de atletismo feminino para os IV Jogos Mundiais Femininos que aconteceram em 1934. As modalidades foram: 60, 100, 200 e 800 metros rasos, 80 metros com barreira, salto em altura e distância, arremesso de dardo e disco, pentatlo, revezamento 4 x 100 metros rasos e arremesso de peso (DIEM, 1980 em DEVIDE, 2005, p.103)

No entanto, DEVIDE (2005, pg. 104) aponta a que uma crise interna na FEFI colocou novamente em cheque o avanço conquistado pelas mulheres atletas até aquele momento. Durante o congresso dos IV Jogos Mundiais Femininos, contrariando a militante e esportista Alice Milliat, a federação aceitou acabar com o evento e priorizar sua participação nos Jogos Olímpicos, desde que fossem incluídas novas modalidades de competição femininas. Em contrapartida, em 1935, Alice encaminhou ao COI um pedido de exclusão total de mulheres das Olimpíadas, pois elas já tinham seus próprios Jogos. No ano seguinte, porém, a FIAA assumiu toda a responsabilidade pelo esporte feminino, reconhecendo também todos os records homologados pela FEFI até então. Este fato representou o fim da organização e determinou que as atletas que participassem de competições extraoficiais seriam banidas do esporte olímpico pela FIAA. (BERLIOUX, 1985; PFISTER, 1996 e DEFRANTZ, 2000 apud DEVIDE, 2005, p.103). Dessa forma, a busca pelos principais objetivos da luta feminina no esporte havia acabado: a presença de mulheres em Jogos Olímpicos e a permissão para competir em provas de atletismo estavam consolidadas.

1.5. II Guerra Mundial, participação feminina e novas possibilidades

A cidade escolhida como sede para os próximos Jogos Olímpicos foi Berlim e, coincidentemente, dois anos depois, Adolf Hitler assumiu o poder e o regime nazista se instalou na Alemanha. Inicialmente, houve resistência em relação à realização das Olimpíadas, já que isso poderia dificultar a campanha armamentista e a dominação de liberdades individuais implantada pelo governo, assim como desviar o foco da perseguição às minorias, principal objetivo dos alemães sob o comando de Hitler.

Porém, este cenário mudou: novas perspectivas sobre os Jogos começaram a despertar na Alemanha e oportunidade de divulgar ao mundo o que acontecia no país e a possibilidade de provar a superioridade da raça ariana por meio do esporte foi algo que chamou a atenção. O evento ocorreu em 1936 e foi marcado justamente pelo nacionalismo e queda da política de

superioridade ariana, pois outros atletas (inclusive o negro e americano Jesse Owens) se mostraram superiores em provas de atletismo, que exigiam velocidade.

Neste contexto, as mulheres ainda competiram na natação, esgrima, ginástica, iatismo, natação, saltos e atletismo, com um total de 328 atletas e 49 países participantes⁴. Com o fim das Olimpíadas em Berlim, pouco depois eclodiu a II Guerra Mundial e com ela surgiu a necessidade de trazer a mulher para papéis de destaque na sociedade (algo que vinha ocorrendo desde a I Guerra Mundial), colocando-a à frente de trabalhos realizados pelos homens, já que estes estavam envolvidos com as batalhas.

Ocorre uma espécie de aproximação horizontal nas funções dos homens e das mulheres e outra do ponto de vista da hierarquia, porque os homens perderam uma parte de sua autoridade sobre as mulheres, na medida em que não estavam presentes, e as mulheres tinham de se virar sozinhas, adquirindo, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, uma autonomia financeira com o desenvolvimento do trabalho assalariado. Essa aproximação, ao mesmo tempo horizontal e vertical, conduz a uma aproximação das identidades masculina e feminina. Embora a aproximação das identidades tenha conduzido a uma crise nas relações de gênero, as duas guerras mundiais deram espaço à aceleração dessa construção da igualdade dos sexos. (CAPDEVILLA em entrevista para PEDRO, Revista Estudos Feministas, 2005, p.87)

Por outro lado, o pensamento machista em relação à capacidade feminina de competir continuava em alguns lugares da Europa, principalmente no que diz respeito à mudança física, condenada em razão da preservação do corpo para a procriação, gestação, nascimento e amamentação dos filhos. Segundo Rail (1990 apud DEVIDE, 2005, p.107) a classe médica intervinha de forma a condenar o desenvolvimento atlético para o organismo feminino e a tendência era indicar exercícios para a musculatura pélvica, conhecidos como atividades de correção de postura.

Durante a II Guerra Mundial, as competições olímpicas não aconteceram, sofrendo uma pausa de 1936 a 1948, quando as Olimpíadas voltaram a ocorrer em Londres, na Inglaterra. DEVIDE (2005, p.107) explica que nos lugares do mundo onde não houve uma depressão tão profunda com o pós-guerra – como os Estados Unidos, Canadá e Austrália – o esporte se desenvolveu de maneira veloz. No entanto, a associação de homens a modalidades coletivas e de mulheres ao *fitness* ainda era mantida. Dessa forma, mulheres atletas, com músculos, suadas e fortes ainda tinham uma imagem ofensiva e pouco feminina divulgada pela imprensa, o que dificultava ainda mais a aceitação pela sociedade em geral.

⁴ COLLI, Eduardo. Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas. São Paulo Códex, 2004.

Nos anos seguintes, o programa olímpico para as mulheres foi ampliado gradativamente. Nas Olimpíadas de Londres, em 1948, por exemplo, mulheres de 33 países competiram em modalidades de atletismo, ginástica, esgrima, natação, salto e canoagem, incluída naquele ano (IOC, 2009). Enquanto algumas atletas cresciam com sua participação no evento, o restante do mundo vivia outra realidade, totalmente dividido em dois blocos com o fim da II Guerra Mundial: um socialista e outro capitalista.

Segundo DEVIDE (2005, p.109) essa divisão durante a chamada Guerra Fria motivou com que a extinta União Soviética fizesse pressão para que as mulheres chegassem a outras modalidades. Isso porque a presença dessas atletas servia aos fins políticos e ideológicos de algumas nações, já que os países vencedores viam nos Jogos a possibilidade de construção simbólica de sua potência armamentista e econômica por meio do esporte, o que tornava o corpo das atletas a principal forma de conquista. No entanto, práticas esportivas em equipe continuaram proibidas até meados dos anos 70 – o vôlei foi integrado ao programa olímpico feminino em 1964 e o basquete em 1976 (IOC, 2009).

Antes disso, nas Olimpíadas de Roma, em 1960, a proposta de inclusão das mulheres em todas as modalidades da época – que eram atletismo, arco e flecha, ginástica, basquete, canoagem, ciclismo, esportes equestres, esgrima, handebol, remo, tiro, natação, saltos, vôlei e iatismo – de acordo com o que previa as federações internacionais foi negada.

A década de 60 foi marcada por contradições na participação olímpica feminina. Apesar de as mulheres terem conquistado um espaço significativo na competição, continuavam os preconceitos e as especulações sobre sua atuação como atleta. Naquele momento, a principal crítica ao papel da mulher remetia ao desvio sexual e moral apontado pela medicina. De acordo com Rail (1990 apud DEVIDE, 2005, p.111) médicos e psicólogos discursavam pela feminilidade incompatível com a prática esportiva, o que tornava o aumento do número de ginecologistas, a introdução do contraceptivo oral e o controle do ciclo menstrual tópicos a serem debatidos nessa relação. O debate, porém, já trazia consigo as contradições que perduram até hoje quando se trata do espaço destinado à mulher no campo do esporte.

Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que sua participação como esportistas seja significativa, ainda é menor que a dos homens. Esta diferença pode ser identificada nas mais diversas instâncias em que se praticam as atividades

corporais e esportivas, como nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras e também nos meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque e projeção. (GOELLNER, 2004, p.45)

Então, o cenário esportivo começava a abrir pequenas brechas e possibilitar à mulher uma nova redefinição de papéis sociais e gênero – impulsionados pela revolução sexual e eclosão de movimentos feministas no final dos anos 60. Para Lasch (1999) a história das mulheres poderia ser dividida entre o antes e depois dessa revolução. Isso porque a partir daquela época elas conquistaram avanços significativos no trabalho, na política, na economia e, principalmente, no controle de seu próprio corpo. Nos Estados Unidos, por exemplo, o *fitness*, que cultuava a beleza e a juventude do corpo feminino, ganhava espaço e tornava a força e os músculos mais aceitáveis, mas sem eliminar a aversão às competições em equipe e aos esportes de contato, que traziam consigo o rótulo de “masculinizante”.

Desde o final da década de 50 as mulheres já esboçavam tentativas de se firmar no campo do esporte. A tenista Maria Esther Bueno fez história ao vencer o tradicional torneio de Wimbledon, no ano de 1959 em Londres, mas foi apenas no início dos anos 80 que as mulheres conseguiram se firmar definitivamente no ambiente olímpico. Em 1981, a norueguesa Pirjo Haggman e a venezuelana Flor Isava-Fonseca assumiram funções internas do COI, sendo os dois primeiros membros do sexo feminino a participarem do Comitê, após 75 anos de sua fundação - atualmente, o grupo possui cerca de 20 mulheres, resultado do incentivo à política esportiva de valorização da presença feminina no campo (IOC, 2012). O momento também destacou a evolução da mulher no esporte de alto rendimento, tendo em vista a quantidade de recordes e marcas alcançadas na época, principalmente na natação.

2. A MULHER-ATLETA E O ESPORTE DE COMPETIÇÃO

2.1. A caminhada nas Olimpíadas

A consolidação feminina na prática esportiva e o crescimento gradual de sua participação em cada modalidade acompanhou o surgimento das primeiras noções do esporte como atividade contemporânea e integrada à vida cotidiana, principalmente a partir dos anos 90. O homem, que era dominante no campo do esporte e se manteve no papel de herói – com a exposição de suas qualidades físicas – ao longo de toda a história olímpica, agora precisava dividir o seu espaço com a mulher.

Em toda a história do esporte, a mulher sempre foi subjugada no que tange à conquista de seus direitos fundamentais de participação. As oportunidades tendem a abranger as questões do comportamento institucionalizado e os valores pessoais que são muito caros às mulheres. O compromisso com uma carreira nos diferentes tipos de esporte é marcado por uma doação total. (SIMÕES, 2003, p.9)

Presente na televisão, nos jornais, no rádio e na mídia em geral, o que acontecia no universo esportivo passou a ser objeto de consumo. Consolidava-se a ideia de espetáculo, manifestação cultural ou evento como fonte de renda e, de acordo com Rail (1990 apud DEVIDE, 2005, p. 120), os valores de especialização, impessoalidade e produtividade, até então encontrados apenas entre os homens atletas, passavam a ser incorporados pelas mulheres.

Na segunda metade do século XX, a prática de esportes tornou-se um passatempo – até mesmo uma forma de comportamento racional – para uma proporção bem maior da população mundial do que jamais tinha sido. As intervenções da indústria dos planos de saúde ajudaram a elevar a atividade física ao status de obrigação ética e econômica. (...) Enquanto isso, a ideologia do amadorismo desapareceu quase sem deixar vestígios. A maioria dos atletas de ponta que tem potencial para atuar em um nível competitivo nacional ou internacional torna-se profissional o mais rápido possível, às vezes ainda criança. (Gumbrecht, 2007, p.103)

Podemos considerar que se deu início à comercialização do esporte, o que explica a predisposição da mulher em tornar-se tanto consumidora como a participar ativamente desse cenário – importante destacar que as mulheres passava m a ser parte do mercado consumidor em geral. É quando os Jogos Olímpicos começam a emergir como evento que coloca identidades culturais e sociais em um só lugar, reproduzindo diferentes valores e permitindo

uma maior atuação feminina. Porém, a fim de entender melhor a relação da mulher com o esporte moderno, é preciso caracterizá-lo e, para isso, buscaremos suas definições nos primeiros estudos sobre o assunto.

Segundo Martins e Altmann (2007, p.1) o termo foi utilizado pela primeira vez, por Norbert Elias e Eric Dunning, para diferenciar o esporte antigo e tradicional com o que conhecemos hoje, no livro “A busca da excitação”, publicado em 1986. Dessa análise sobre a nova concepção do esporte, Elias e Dunning fizeram afirmações sobre o que se deve entender a respeito do esporte moderno e chegaram à ideia de que sua ruptura com os Jogos tradicionais se baseia principalmente na autonomização em relação aos outros campos sociais, como o religioso.

Não há dúvidas de que o esporte moderno tem evoluído significativamente nos últimos tempos. Se existe um fenômeno que assoma com singular clareza quase todos os tipos de sociedade ele não é outro senão o esporte-espetáculo. Um fenômeno cuja dimensão social se mescla com os valores sociais, culturais, morais, ideológicos, econômicos e políticos. Em sua plenitude, é um modelo de realidade social, ainda, de domínio masculino. Essas convicções explicariam e justificariam a “superioridade natural” dos homens nas relações com a diversidade social e cultural do esporte moderno. Aqui devemos perguntar se a “superioridade masculina” sobre a “inferioridade feminina” não refletiria diferenças numa direção que teria sido apontada e desenvolvida culturalmente para legitimar aos arranjos sociais e sexuais dentro dos vários sistemas de sociedade. (SIMÕES, 2003, p1)

Dessa forma, não há apenas uma relação ritualística entre o ato esportivo e os confrontos de guerra – como aconteceu nos tempos da II Guerra – o que deixa de lado a ideia única de “festividade” que prevalecia na Grécia Antiga, com o objetivo de identificar o esporte também como disputa profissional e um passatempo. Portanto, “sua prática passa a ter um tempo regrado, com temporalidade específica – calendário próprio. Sensível ao mundo social, como às exigências da mídia e ao ritmo de trabalho e de lazer”, descreve Martins e Attman (2007, p.2). Inserida neste contexto, a mulher começou a integrar a prática esportiva ao seu cotidiano e às suas prioridades – inclusive ao adotar o esporte de competição como modo de vida.

Na verdade, o esporte de competição não só permite o acesso às mulheres, mas também se define como um modelo de realidade social em que elas são reconhecidas na difusão de suas imagens entre os desportistas. A mulher-atleta depara-se frequentemente com a curiosidade das pessoas diante dessa “conhecida ou desconhecida” competidora e com uma expectativa nem sempre favorável de algumas pessoas, que imaginam um caminho muito difícil, cheio de desafios complicados e incompreensíveis. Cada explicação é, além disso, baseada em conceitos machistas tirada da vida cotidiana e das notícias da imprensa, de forma

que desperte nos indivíduos o interesse e a curiosidade pela análise objetiva da realidade social que cerca as mulheres no mundo das atividades físicas e esportivas. (SIMÕES, 2003, p.3)

Em 1992, nos Jogos de Barcelona, estiveram presentes por volta de 2700 atletas mulheres competindo em dezenove modalidades. Na época, o investimento no esporte feminino foi enorme, mas a utilização dos corpos de mulheres para experiências atléticas e a sua promoção política tiveram um efeito desastroso. O período também foi de transição: a Alemanha (antes uma superpotência esportiva) dava espaço à China, com a atuação das chinesas conhecidas como “mulheres-máquinas”. Importante destacar o modelo chinês de preparação olímpica: ele é radical e consiste em selecionar crianças para treiná-las desde cedo em escolas amadoras financiadas pelos cofres públicos. Quando atingem um nível considerável de desempenho, elas passam a favorecer ainda mais o treinamento físico e o esforço repetitivo em busca da sua formação como atletas de ponta.

No mesmo contexto de ascensão no campo do esporte, os anos que seguiram foram marcados por ações mais burocráticas no que diz respeito à inclusão feminina. Em 1994, porém, com a comemoração ao centenário dos Jogos Olímpicos Modernos, surgiram recomendações sobre novos modelos de participação esportiva, que incluía a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Por fim, a última década começou com o discurso do COI de promover o avanço do esporte para mulheres. Nos Jogos de Sidney (2000), por exemplo, elas participaram de 25 modalidades, apenas duas a menos que os homens. Enquanto em 2004, na Grécia, o número de competidoras foi de 4329, aproximadamente 40% da quantidade de homens atletas. Depois, quatro anos mais tarde, o Brasil levaria uma delegação recorde, de 132 mulheres.

3. O ESPAÇO OLÍMPICO DAS BRASILEIRAS

3.1. Dificuldades e lutas

A participação da mulher no ambiente esportivo do Brasil seguiu o mesmo caminho percorrido pelas atletas do resto do mundo. As mudanças sociais provocadas pelo desenvolvimento das cidades – transformando-as em sociedades modernas e industrializadas – fizeram com que as mulheres ganhassem força de expressão e estivessem presentes não apenas no mercado de trabalho, mas também em outros setores distantes do que lhe fora reservado até àquela hora: família e atividades domésticas. Neste contexto, segundo Goellner (2004, p. 39) havia um temor entre as famílias burguesas de que a valorização e a espetacularização da exibição do corpo feminino fosse motivo de desmoralização. No entanto, a prática esportiva e o cuidado com a aparência eram considerados impulsionadores da modernização da mulher, como característica de sua autoafirmação na sociedade, e não como denúncia de uma natureza vulgar. Dessa forma, a mulher deixou de lado o papel de reprodutora para integrar os conceitos dos ideais feministas ao trilhar novos rumos para sua representação nas diversas instâncias da sociedade.

No Brasil, as mudanças que fizeram com que a mulher tornasse o esporte presente em suas práticas sociais foram lentas e mais significativas para a parcela da sociedade que tinha acesso à cultura às novidades que chegavam da Europa. No século XIX, algumas mulheres começaram a frequentar bares, encontros de intelectuais, festas e eventos esportivos, o que contribuía para a ampliação da participação social feminina por meio da ginástica e da dança, de acordo com Cunha Junior, Altmann e Goellner & Mello (1999 apud GOELLNER, p. 43). No entanto, essa participação começou inicialmente permissiva, porque lhe era reservado o papel de espectadora, cenário que só começaria a mudar a partir do século XX.

Nos Jogos Olímpicos, a primeira participação de atletas brasileiros aconteceu em 1920, em Antuérpia, na Bélgica. Naquela ocasião, o Brasil enviou 29 competidores, mas todos eram homens. A mulher brasileira só teve a oportunidade de disputar uma Olimpíada doze anos mais tarde, em Los Angeles (1932), nos Estados Unidos. No entanto, apenas a nadadora Maria Lenk esteve nas competições representando a delegação feminina do Brasil (MOURÃO, 2003, p.128). Ainda que a atleta não tenha ganhado medalhas em nenhuma

edição dos Jogos, ela se envolveu na organização do esporte e teve uma participação significativa nas conquistas esportivas em território nacional.

De acordo com Mourão (2003, p. 128) Maria foi a primeira mulher a integrar o Conselho Nacional de Desportos em 1960, sendo a personagem central e principal opositora ao Decreto-lei nº 3.199 (1941-1975) que dizia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Entendia-se por práticas não compatíveis esportes como: lutas de qualquer natureza, futebol de campo, praia e salão, polo, halterofilismo e baseball, como estipulava a Deliberação nº 7 do mesmo Decreto. As discussões sobre a proibição da participação de mulheres nas modalidades acima percorreram até os anos 80, quando uma equipe feminina de luta se inscreveu com nomes de homens em um campeonato na América do Sul e venceu a competição, contrariando todos os preconceitos da época.

Segundo Goellner (2004, p. 44) a primeira presença significativa (em quantidade de atletas) de mulheres em Olimpíadas aconteceu a partir dos últimos 30 anos: em 1980, nos Jogos de Moscou, pela primeira vez, o percentual de participação ultrapassou os 10% em relação à masculina, resultando em uma delegação composta por 13,76% de mulheres brasileiras competindo. No entanto, as primeiras medalhas olímpicas femininas do Brasil só foram acontecer em 1996, com o ouro do vôlei de praia – representado pela dupla Jaqueline e Sandra Pires – com o bronze no vôlei e a prata do basquete – ou seja, mais de 60 anos após sua primeira participação em Olimpíadas, o que demonstra a caminhada lenta e cheia de obstáculos que a mulher precisou enfrentar para se tornar uma atleta olímpica. Sobre a presença feminina no esporte de alto nível, Goellner (2004, p. 40) afirma:

A espetacularização do corpo feminino, cuja exibição é aceita e incentivada em determinados locais sociais, é colocada sob suspeição em outros, tais como o campo de futebol ou as arenas de lutas, uma vez que estes espaços colocam à prova uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação de determinados atributos tidos como femininos, tais como a graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza. Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris, que não apenas questionam sua beleza e feminilidade, mas também coloca em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem – seu corpo e seu comportamento – é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Olhada assim, se uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem, ou ainda, um homem pela metade. (GOELLNER, 2004, p.40)

É importante lembrar a contribuição de ícones do jornalismo esportivo para a popularização de algumas modalidades no Brasil. O narrador Luciano do Valle foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento do boxe, do vôlei e do basquete, cuja equipe feminina sagrou-se campeã mundial em 1994 e colocou em destaque a dupla de atletas Maria Paula e Hortência – que possuíam talento e sempre venciam. Elas foram carinhosamente apelidadas pelo jornalista como Magic Paula e Rainha Hortência, fato que podemos classificar como o surgimento das primeiras musas midiáticas do esporte.

Um fator decisivo no cenário de inclusão feminina foi a retomada do culto ao corpo, ainda que com um caráter diferente do conhecido na tradição grega, que aconteceu a partir dos anos 70. Para Mourão (2003, p. 129) houve uma massificação do corpo humano, com o surgimento de novas profissões relacionadas à estética, o aumento dos cuidados com o corpo e rosto, além da realização dos concursos de misses, influenciados pela mercantilização e industrialização predominante na época. Em Goldemberg (2002 apud MOURÃO 2003, p. 129) “a combinação de todos esses fenômenos funda a ideia de um novo momento da história da beleza feminina e, em menor grau, masculina”, ou seja, todo o tipo de consumo relacionado ao corpo e à estética – desde a utilização de produtos de beleza à busca por um corpo ideal por meio do esporte – ganha mais espaço na mídia, fazendo da aparência uma preocupação mais enfática no cotidiano de homens e mulheres.

Neste contexto, segundo Mourão (2003, p. 130) as Olimpíadas Femininas ou os chamados “Jogos de Primavera”, que teve como sede o Rio de Janeiro, foram responsáveis por parte dessa notoriedade concedida à prática esportiva feminina. O idealizador do evento foi o jornalista Mário Filho, considerado um dos principais colaboradores na construção da relação entre cultura e identidade esportiva no Brasil e personagem fundamental para a valorização da performance feminina no esporte.

O momento era marcado por discussões sobre as relações de gêneros e os espaços destinados ao homem e à mulher. Para Mourão (2000, p. 16) o cenário carioca contribuía para a esportivização feminina e permitia cada vez mais que mulheres participassem da vida esportiva no país. No entanto, a história da inclusão permanente de mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos e o seu destaque como atletas de alto rendimento ainda são novos. Podemos destacar aqui a chegada tardia do boxe como modalidade feminina na Olimpíada em Londres (2012) e as polêmicas levantadas por Adriana Araújo, uma das principais representantes da modalidade no Brasil. Durante todo o evento, a boxeadora criticou em entrevistas a falta de

apoio da Confederação Brasileira de Boxe às atletas da modalidade, o que reflete a falta de solidez do espaço destinado às mulheres nesse esporte – algo que também atinge os homens.

Goellner (2004, p.45) é quem destaca a quantidade inexpressiva de mulheres brasileiras também nos setores de organização das federações e direção de esporte, assim como no Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Apesar de a orientação do Comitê Olímpico Internacional ser a de promover estratégias de inserção para a mulher em cargos de comando – em especial a partir dos anos 2000, quando se esperava atingir a meta de 10% de mulheres presentes nessas posições – pouco se vê dessa participação efetiva. No Brasil, por exemplo, de 53 confederações esportivas, ainda hoje, apenas uma delas é dirigida por uma mulher. A Confederação de Ginástica, cuja atual presidente é Maria Luciene Cacho Resende, foi fundada em novembro de 1978⁵.

Segundo GOMES (2008 apud GOELLNER, p.3) o esporte brasileiro não apresenta em sua história um movimento feminino – nem feminista – a favor da igualdade de gêneros. Ou seja, foi uma conquista gradual, mas com poucas lutas e embates, com posições conseguidas por meio de conciliações. Essa realidade também influenciou na ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva – área praticamente restrita aos homens. Na visão da autora, a participação feminina segue a mesma tendência nas principais instituições esportivas brasileiras: as mulheres desempenham tarefas relacionadas apenas ao lazer e à educação, com uma participação tímida no campo da gestão do esporte de alto rendimento.

No resto do mundo, outros dados ilustram essa realidade: além de as primeiras mulheres tornarem-se membros efetivos do COI apenas em 1981, só em março de 2013 é que a porcentagem de mulheres em cargos de comando no Comitê chegou a 20,8% - equivalente a 21 membros do sexo feminino para 101 do masculino. Atualmente, como presidentes de Comitês Olímpicos Nacionais, estão apenas quatro mulheres, um número baixo, se levarmos em conta os 194 cargos presidenciais ocupados por homens, apesar das políticas desenvolvidas para inserir a mulher nesse espaço.

Projetos como o Olympic Solidary e o Women and Sport são atividades que tentam integrar as mulheres ao esporte em seus países de origem, além de promover, a cada quatro anos, uma conferência mundial sobre o tema “mulher e esporte”, tendo a última delas ocorrido em Los Angeles, nos Estados Unidos, em 2012. Na ocasião, as 700 representantes dos 121 países presentes aprovaram a chamada “Declaração de Los Angeles”, com uma série

⁵ Dados obtidos no site oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB): www.cob.org.br

de recomendações que propunham a igualdade de gênero e algumas melhorias na qualidade de vida de atletas de todo o mundo⁶. O documento focou na necessidade de trazer mais mulheres para ocuparem cargos de liderança e aumentar a colaboração e a parceria, em especial com as ONGS.

⁶ Utilizamos como referência para esta tabela o último documento publicado pelo COI: *Factheet Women in the Olympic Movement, Lausanne: Departamento of International Cooperation/ IOC, 2013.*

4. LONDRES, UMA OLIMPIÁDA FEMININA

4.1 A vitória das mulheres

Os Jogos Olímpicos de Londres aconteceram no período de 27 de julho a 12 de agosto de 2012 e foram tratados na cobertura da mídia como a competição mais feminina da História, já que as mulheres puderam disputar todas as modalidades – algo que se explica pela introdução do boxe feminino, o único que ainda era praticado apenas por homens. Nesta mesma edição das Olimpíadas, porém, o índice de atletas mulheres que brigaram por medalhas não chegou a 50%, como esperado pelo Comitê⁷.

No entanto, o fato de todas as nações presentes no evento possuírem uma delegação feminina é um avanço, se comparado aos Jogos de 1986, em Atenas, ocasião em que apenas os atletas do sexo masculino competiram. Em entrevista concedida ao canal esportivo SporTV, em agosto de 2012, Anita DeFrantz, ex-remadora e líder do movimento de participação feminina das Olimpíadas, classificou a conquista daquele ano como histórica e afirmou que todas as 204 delegações presentes no evento teriam mulheres capazes de inspirar outras mulheres a se tornarem atletas olímpicas, provando que os Jogos serão um campo cada vez mais visitado pelo sexo feminino. Ademais, segundo dados oficiais do Comitê Olímpico Internacional, 34 dos países presentes nas Olimpíadas possuíam delegações com mais mulheres do que homens, inclusive potências como China e Estados Unidos, o que comprova a eficácia da linha de raciocínio seguida pela mídia ao classificar o evento como encontro esportivo mais feminino da História.

Entre os acontecimentos que marcaram os Jogos de 2012 está o fato de países como Brunei, Qatar e Arábia Saudita, que negaram a participação de mulheres em Olimpíadas anteriores devido às restrições do islamismo, voltarem atrás e cederem às pressões do COI ao enviar suas representantes, ainda que em número reduzido. Além dessa conquista para o esporte olímpico feminino, também estão os feitos de várias atletas, que consolidaram a imagem da mulher nos Jogos Olímpicos como: Cristiane, atleta brasileira considerada a maior artilheira dos Jogos Olímpicos após marca seu 11º gol na competição⁸; da esgrimista italiana,

⁷ Idem à nota 6.

⁸ Cristiane se torna maior artilheira das Olimpíadas. Veja Online, 25 de julho de 2012. Acesso em 4 de setembro de 2013.

Valentina Velazzi, que se tornou recordista de medalhas olímpicas na esgrima⁹; da neta da rainha Elizabeth II, a amazona Zata Phillips, por ser o primeiro membro da família real a conquistar uma medalha¹⁰; da judoca da Arábia Saudita, Wodjan Ali Seraj, de 16 anos de idade, que foi a primeira mulher de seu país a competir na Olimpíada e lutar usando uma adaptação do tradicional véu islâmico¹¹; por fim, da jogadora australiana Elizabeth Cabbage, que foi responsável pela primeira “enterrada” (jogada comum no basquete masculino) em uma disputa olímpica da modalidade¹². Cada uma dessas conquistas simboliza o avanço na busca pela igualdade de gêneros no esporte e na sociedade em geral, algo que coloca o evento realizado em Londres como determinante para a postura de futuras gerações de atletas que participarão das Olimpíadas.

Outro fato a destacar, especificamente nesta edição dos Jogos, foi a atuação da seleção feminina de vôlei do Brasil, pois as atletas tiveram que provar sua habilidade dentro de quadra e enfrentar o pessimismo da mídia, que chegou a considerar o time como a “zebra” de Londres (2012) – título que foi atribuído posteriormente à seleção brasileira de futebol masculino, basta observar os títulos das notícias ao longo da competição. No entanto, o crescimento das atletas na competição, fez com que o posicionamento dos meios de comunicação mudasse, utilizando-as como o trunfo do Brasil no evento olímpico, já que o time de futebol masculino era a aposta da cobertura brasileira do evento, mas não conquistou o ouro já garantido pela mídia no geral, levando em conta o destaque dado aos atletas desde o início da competição.

Nos Jogos de 2012, além do destaque feminino nas disputas por medalhas, outros dados revelaram o crescimento de sua participação em relação aos anos anteriores: na cobertura do evento, por exemplo, foram credenciadas 18,88% jornalistas mulheres; de todas as delegações enviadas, 14,2% estavam representadas (chefes de missão) por uma mulher, sendo a África o continente com maior representatividade feminina neste caso; assim como 40,2% também possuíam porta-bandeiras mulheres¹³.

⁹ Italiana faz história e leva seu sexto ouro olímpico na esgrima. Lance!Net, 2 de agosto de 2012. Acesso em 4 de setembro de 2013.

¹⁰ Neta da rainha volta a colocar realeza no pódio olímpico. Portal R7/Agência Estado, 31 de julho de 2012. Acesso em 4 de setembro de 2013.

¹¹ Liberada, judoca árabe faz história nos Jogos Olímpicos de Londres. Lance!Net (2 de agosto de 2012). Acesso em 4 de setembro de 2013.

¹² BALASSIANO, F. Australiana Cabbage torna-se a primeira mulher a enterrar em Olimpíada, 2 de agosto de 2012. Universo Online (UOL). Acesso em 4 de setembro de 2013.

¹³ *Factheet Women in the Olympic Movement – Key Figures: Departamento of International Cooperation/ IOC, 2012.*

No que se refere aos Jogos de 2016 no Brasil, o debate gira em torno da luta da mulher por uma visibilidade que vai além do reconhecimento no esporte de alto rendimento, mas caracteriza-se pela chegada definitiva do sexo feminino às instâncias que gerenciam o mais completo evento esportivo do planeta. No entanto, essa caminhada pela inserção da mulher em posições de liderança dentro do Comitê começou no início dos anos 2000, quando se instituiu que, no mínimo, 20% dos cargos de alto papel decisivo deveriam ser destinados às mulheres até o final de 2015. Isso não aconteceu e o resultado atingido foi de apenas 10%¹⁴.

Atualmente, estão presentes no COI 21 mulheres (quatro são membros honorários), um número pequeno se comparado à quantidade de homens (são 101, aproximadamente), mas que alcança os 20% previstos em 2005. Porém, ao considerar o aumento da participação feminina no esporte de alto rendimento e o intervalo de nove anos desde a data estimada para o alcance desses índices, nos deparamos com um crescimento e resultados abaixo do esperado. Segundo Gomes (2006 apud GOELLNER e DERÓS, 2008, p. 238) o Comitê Olímpico Internacional havia aumentado em 4% a participação feminina em altos cargos até 2006¹⁵. Esse dado aponta um crescimento maior de mulheres na organização olímpica nas últimas a partir das duas últimas Olimpíadas (Pequim, 2008 e Londres, 2012). No entanto, a inclusão ainda acontece de forma lenta como resultado da contínua distribuição da maior parte das funções domésticas à mulher.

Evidências sugerem que, por causa da relação íntima entre esporte e masculinidade, os preconceitos face às “mulheres-atletas” cruzam as fronteiras das mais variadas formas de discriminação. O pensamento social desenvolveu, através dos séculos, inúmeros preconceitos e falsas consciências que limitaram a participação feminina em práticas sócio-esportivas e competitivas que dizem respeito aos homens – por essa razão, o estereótipo de “mulher-natural” se dissociar de “mulher-atleta”, representando um produto de papéis conflitantes com os próprios valores de desigualdade social entre aquele que “domina” (homem) e o que é “dominado” (mulher). O axioma social de que o masculino é forte, vigoroso e superior, e que o feminino é dócil, frágil e submisso, faz com que a mulher seja “dependente do homem” – cria e mantém modelos sociais que fortalecem o papel da masculinidade e que simultaneamente desvalorizam o papel e os valores do feminino. (KNIJINIK, SIMÕES E MACEDO, 2005)

¹⁴ *Factheet Women in the Olympic Movement, Lausanne: Departamento of International Cooperation/ IOC, 2013.*

¹⁵ Dados da autora apontam a participação feminina em outros cargos de liderança no Brasil: são 1,8% de mulheres nas Confederações Vinculadas/Filiadas, 6,5% nas Federações Esportivas Nacionais 6,5% e 30% no Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Outro fator considerado para o crescimento lento é o número elevado de mulheres solteiras em cargos de comando que, ao casarem-se, encontram dificuldade de conciliar duas posições e optam por abandonar a gestão esportiva para assumir o seu papel familiar, como mostra a mesma pesquisa apresentada anteriormente. No Brasil, com base na mesma pesquisa, concluiu-se que o perfil apresentado por gestoras de qualquer tipo de organização esportiva é de mulheres solteiras, com uma média de 40 anos de idade, e que se dedicam a essa prática por amor ao esporte, tendo que provar diariamente a sua competência diante da falta de investimento e confiança em seu trabalho (GOMES 2006 apud GOELLNER e DERÓS, 2008, p. 239).

Apesar da contínua dificuldade de inclusão, dados do Comitê Paraolímpico Internacional revelaram que 1501 atletas paraolímpicas estiveram presentes nos Jogos em 2012, o que também fez daquele um ano recorde, ao colocar para competir quase 150 mulheres a mais do que em Pequim (2008). Dessa forma, ao levar em conta o contexto em que foi realizada as Olimpíadas de Londres (2012), podemos considerar o evento e aquele ano como um marco no incentivo ao esporte de competição para mulheres. Os números sobre essa crescente participação e o apoio internacional à inclusão feminina – integrando os discursos que abriram o evento aos fatos que destacaram a atuação da mulher na edição – retificam a teoria disseminada pelos meios de comunicação de que estes foram os Jogos mais femininos da História

5. ESTUDOS CULTURAIS, GÊNERO E FEMININO: OS CAMINHOS DA PESQUISA

5.1. Origens e composições teóricas dos estudos culturais

O surgimento de conceitos relacionados à cultura no que tange aos chamados estudos culturais é apontado a partir dos anos 60, mais especificamente no Centro de Estudos Contemporâneos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. No entanto, nomes importantes dessa vertente culturalista – como Jesus Martín-Barbero – argumentam que não há como definir com precisão essa origem em termos geográficos e teóricos, mas é certo que tais estudos proporcionaram mudanças significativas no formato do pensar a cultura e a sociedade.

Escosteguy (2001) aponta que três textos – portanto, três autores – foram fundamentais para a compreensão dos Estudos culturais no início dos anos 50: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). O primeiro apresenta parte da história cultural de meados do século XX, o segundo traz um histórico sobre o conceito de cultura com base na ideia de que “a cultura comum” pode se igualar à erudita (artes, música e literatura), e o terceiro reconstrói parte da história da sociedade inglesa e retrata as camadas ditas inferiores e marginalizadas.

Segundo Beck e Guizzo (2013) as pesquisas da área foram inicialmente fundamentadas nas teorias marxistas, que centravam suas análises principalmente no estudo dessas subculturas abordadas na concepção de Thompson – ou seja, das culturas que estavam à margem da sociedade – e criticavam as noções elitistas e hegemônicas que estimulavam uma classificação entre baixa e alta cultura. No entanto, esse quadro de classificação mudou com o passar dos anos e permitiu novos olhares e significados para a cultura como um todo.

Cultura passou a ser compreendida como campo conflituoso de lutas, contestação e significados sociais, formas variadas dos grupos por meio dos quais são produzidos e recompostos sentidos e sujeitos, através da manifestação de singularidades, peculiaridades e particularidades dos distintos grupos sociais. A cultura, nessa perspectiva, não é entendida como a manifestação orgânica e natural de toda uma comunidade, nem como domínio cultural isolado de um grupo social, demarcando o que seria o bom gosto da sociedade e assim caracterizando a cultura reconhecida e elitizada. A cultura destaca, nessa narrativa, seu caráter fundamentalmente produtivo

e criativo, vista como ação, como atividade, como experiência que produz identidades e diferenças. (BECK E GUIZZO, 2013, p.174)

É importante observarmos a cultura como uma rede de representações e discursos dos diversos segmentos, como moda, música, cinema e também do esporte, que aparece como objeto de estudo de destaque na contemporaneidade e evidencia em sua manifestação as relações herdadas da sociedade como um todo, inclusive as discussões sobre as diferenças entre os sexos. Podemos entendê-la ainda como um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de suas ideias e representações à sociedade mais ampla (SILVA, 2002, p.133).

Refletindo ainda sobre a relação dos estudos culturais com o marxismo, as perspectivas marxistas contribuíram para compreendermos a cultura em sua autonomia parcial. Como explica Escosteguy (2001), a cultura não é dependente das relações econômicas, mas tem influência e sofre as consequências das relações político-econômicas, que funcionam como uma combinação de forças determinantes (econômica, política e cultural) que vivem em constante conflito e compõe essa unidade complexa que é a sociedade.

Nesse contexto, surge um conceito expandido sobre a cultura que inclui em sua definição os rituais da vida cotidiana, instituições e práticas, e abandona a ideia da identificação apenas como artefato. Dessa forma, é impulsionada uma tendência de crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias nas mais diversas atividades e práticas culturais que aparecem com base na tal relação superior e inferior.

A extensão do significado de cultura - de textos e representações para práticas vividas e suas implicações na rígida divisão entre níveis culturais distintos - propiciou considerar em foco toda produção de sentido. E ao enfatizar a noção de cultura como prática se dá relevo ao sentido de ação, de agência na cultura. No momento em que os Estudos culturais prestam atenção a formas de expressão culturais não tradicionais se descentra a legitimidade cultural. Em consequência, a cultura popular alcança legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção. Dessa forma, a consideração sobre a pertinência de analisar práticas que tinham sido vistas fora da esfera da cultura inspirou a geração que desenvolveu os Estudos culturais, principalmente, a partir dos anos 60. (ESCOSTEGUY, 2001, p.4)

Um ponto importante a destacar com relação à origem e ao encaminhamento dos estudos culturais é a sua identificação com diferentes setores do conhecimento. Isso se deve à

limitação que algumas disciplinas impõem, então, a proposta é justamente a interdisciplinaridade, que visa ao estudo dos vários aspectos culturais da sociedade. Portanto, podemos inserir nesse quadro de elo com áreas diversas dentro dos estudos culturais os estudos de gênero, representação e identidade vinculados ao pensamento feminista – em especial no esporte, que é o foco desta pesquisa.

5.2. Introdução à temática de identidade

O processo de construção da identidade pode surgir a partir de inúmeras influências que acumulamos ao longo de nossa existência como família, escola, mídia e religião. No entanto, Hall (2003) destaca que a ideia de que o ser humano é composto por uma identidade única deve ser abandonada, já que os sujeitos estão cada vez mais plurais e se identificando com as transformações culturais e seus sistemas ao longo da história. Outros autores que compartilham do pensamento de representação coletiva são Zygmunt Bauman e Néstor García Canclini, que contribuem para fixar a perspectiva da identidade compreendida culturalmente e não a partir de questões biológicas, assim como explica Escosteguy:

Essa perspectiva [a da identidade cultural] passa a ser evidente, sobretudo como resultado da influência de reflexões em torno de temas como identidade e cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade/pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo, entre os mais importantes, dentro do aspecto dos estudos culturais.(ESCOSTEGUY, 2001 p. 139)

A intersecção dos estudos culturais com os processos de identidade foi um dos objetos de investigação do teórico jamaicano Stuart Hall, que iniciou a reflexão sobre os estudos de raça também nos anos 70 – muito impulsionado por sua condição de migrante negro. Mas foi a partir dos anos 90, em especial com a sua obra *Identidade Cultural e Diáspora* (1996) – que trata de uma análise do reconhecimento da população caribenha como negra – que o autor começou a descrever um posicionamento sobre identidades culturais e possibilitou inclusive relacioná-las às pesquisas que visam identificar o espaço destinado à mulher na sociedade, já que estamos falando de grupos igualmente marginalizados apesar de contextos diferentes.

Nas pesquisas de Hall a identidade cultural passou a ser discutida por meio de dois enfoques: o primeiro deles propõe uma cultura partilhada, em que os sistemas culturais

agregam sujeitos que se identificam entre si, sendo que esse pensamento se apresenta com caráter de unificação e resistência.

A condição *essencialista* a qual esta primeira concepção está posta, no entanto, apesar de racionalizar um quadro de referências fixas, tem de acordo com Hall um papel fundamental no surgimento de movimentos sociais e expressões raciais, étnicas e de gênero como o feminismo, o movimento de resistência negra e outras representações sociais que necessitam de referências fixas como condição de sua existência. (ROSA, p. 5, 2008)

O segundo enfoque dado a essa discussão é baseado em um viés essencialista¹⁶ diferenciado. Para explicá-lo, podemos entender que assim como as semelhanças entre as pessoas têm a função de formatar identidades e aproximar indivíduos com a mesma percepção sobre o mundo, as diferenças são igualmente evidenciadas como um fator de constituição de identidades culturais. Neste caso, o sentido dessas diferenças não se encerra em oposições fixas (este versus aquele) e permite que a identidade cultural derivada das tais diferenças esteja sempre aberta a novos elementos (ROSA, 2008, p.5). Dessa forma, é a partir desse contexto que Hall define as identidades culturais da seguinte forma:

(...) são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um *posicionamento*. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental (HALL, 1996, p.70)

Outro teórico dos estudos culturais sugere uma relação estreita entre a cultura midiática e a construção da identidade. Douglas Kellner tenta compreender como isso se dá nos tempos moderno e pós-moderno: no estudo *A Cultura da Mídia* (2001) estabelece a influência da mídia a partir de uma oposição clara entre o essencialismo – abordado por Hall – e o construtivismo – que prega a ideia de que o homem é totalmente motivado pelo meio em que está inserido (KELLNER, 2001, p.298).

É assim que a propaganda, a moda, o consumo, a televisão e a cultura da mídia estão constantemente desestabilizando identidades e contribuindo para produzir outras mais instáveis, fluidas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo. No entanto, também vemos em funcionamento os implacáveis processos de mercadorização. A segmentação do mercado em

¹⁶ Do ponto de vista filosófico, podemos definir o essencialismo como uma crença remetida à existência das coisas em si mesmas, sem relação com o contexto em que se encontram.

diversas campanhas e apelos publicitários reproduz e intensifica a fragmentação, desestabilizando as identidades às quais os novos produtos e as novas identificações estão tentando devolver estabilidade (KELLNER, 2001 p. 329).

A abordagem de Néstor Garcia Canclini também contribui para o nosso referencial de pesquisa. Apesar de estar focada no pensamento latino-americano, sua perspectiva mais recente trata da multiculturalidade e passeia em diversas áreas do conhecimento para discutir a cultura, são elas: sociologia, antropologia e comunicação. Canclini (2005 apud. ROSA, 2008, p.11) trata da globalização e da ressignificação do consumo nas sociedades globais e aborda o papel das indústrias culturais no processo de representação dos povos. De acordo com o autor, a mídia assume a função de narrar historicamente as nações e contribui para a formação das chamadas “comunidades imaginadas” – ou seja, representadas a partir de um senso comum – em torno de identidades culturais específicas.

No entanto, Canclini aponta que entender as identidades de forma meramente essencialista é condicioná-las a um caráter tradicional, enquanto pensá-las numa concepção construtivista (na realidade multicultural/intercultural) significa entendê-las como “uma construção imaginária que se narra” de algo que é gradativamente concebido. Quando estive no Brasil em 2013, o teórico levantou algumas reflexões sobre o papel das redes sociais nesse contexto. Em entrevista ao Portal G1¹⁷, afirmou que a sociedade ainda está aprendendo a lidar com o excesso de informação e que, por enquanto, ela se apresenta de forma negativa se pensar na falta de habilidade em absorver tanto conteúdo. Sugerimos caminhos para a observação da formação de identidades culturais e, agora, podemos seguir com as noções sobre representações, gênero e feminilidades, a fim de abordar as hipóteses que vão tratar da participação das mulheres no esporte.

5.3. Representação, gênero e feminilidade

Depois de abordados o indivíduo e a construção de sua identidade, voltaremos a Hall para pensar o seu conceito de representação – que muito tem a ver com o papel dos gêneros na sociedade. Segundo o jamaicano devemos entender a linguagem como processo de significação, e é a partir dessa atribuição de sentido e ao uso que fazemos de determinada

¹⁷Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/10/influencia-das-redes-sociais-e-caminho-sem-volta-diz-canclini.html>

“coisa” em nossa prática cotidiana que passamos a significá-la. O teórico lembra que os significados culturais têm efeitos reais no ser humano e é capaz de regular as práticas sociais, além de fazer parte da reafirmação de nossa própria identidade por meio da sensação de pertencimento. No entanto, para Hall (1997) esses significados não permanecem intactos em sua representação, eles estão em constante negociação para se apresentarem nas mais diversas situações.

Inserido nesse quadro de investigação referimo-nos ao gênero – *gender* nos estudos culturais ingleses – também como uma representação simbólica. Neste caso, tratamos de masculinidade e feminilidade, podendo ainda classificar o termo a partir da construção social, influenciado cultural e emotivamente. Se ao falarmos do sexo nos remetemos a classificações biológicas e anatômicas do ser humano, quando se trata do gênero devemos pensar em elaborações simbólicas e culturalmente específicas dessas mesmas categorias de classificação – inclusive no âmbito da sexualidade e práticas sexuais que trazem consigo determinadas “expectativas sociais” (LOURO, 2003, p. 21)

Junto à visão antropológica dos gêneros que surgiu nos anos 80, os estudos de interpretação das experiências das mulheres a partir de representações sociais marcaram a época. Dessa forma, o gênero aparece como categoria importante para a interpretação desse universo e podemos compreendê-lo a partir da perspectiva que explica este conceito como uma construção cultural construída por meio de relações - totalmente condicionada às estratégias discursivas de um contexto social e tempo, tornando-se algo instável e em constante mudança.

Para entender o significado do esporte e a sua relação com a sociedade e a chegada da mulher neste ambiente é de extrema importância identificar o contexto de emancipação feminina e tratar das questões de gênero inseridas no pensamento cultural contemporâneo. Quando buscamos definições para a palavra-tema central de nosso trabalho, encontramos alguns conceitos que retificam a ideia de ambiente masculinizado e comprovam a necessidade de um olhar detalhado sobre a condição da mulher no campo esportivo.

O que é o esporte? O esporte responde com outra pergunta: quem é melhor? Mas o esporte dá um novo sentido à questão dos antigos duelos: pois a excelência do homem só é buscada aqui em referência às coisas. Quem é melhor pra vencer a resistência das coisas, a imobilidade da natureza? Quem é o melhor para trabalhar o mundo e oferece-lo aos homens... a todos os homens? Eis que diz o esporte. Às vezes, queremos fazê-lo dizer outra coisa. Mas o esporte não foi feito pra isso. Que necessidade tem os homens de

atacar? Por que ficam perturbados diante desse espetáculo? Por que dão tudo de si? Por que esse combate inútil? O que é o esporte? O que então, os homens colocam no esporte? Eles mesmos, seu universo de homem. O esporte é feito para relatar o contrato humano. (BARTHES, p. 105 1961)

Na época, considerou-se que Barthes (1961) tenha trazido uma nova visão sobre as competições esportivas a partir do texto escrito para o documentário *O esporte e os homens* do canadense Hubert Aquin. No entanto, ela mantinha-se presa àquela premissa de que o esporte é um ambiente reservado aos homens e se manifesta a partir das necessidades e características deles. Já em Messner (1994 apud DEVIDE, 2006) o esporte aparece justamente como terreno de contestação dessa ideologia imposta pela sociedade. Mas como justificar esse padrão de pensamento enraizado? Somos condicionados a enxergar a prática esportiva com base no comportamento dito masculino?

Quando se trata de investigações que envolvam mulheres, esporte e gênero é possível considerar este quadro de pesquisas como algo recente. O campo de estudo aparece de maneira receptiva a quem observa a prática esportiva como uma construção histórica e social. Nele, podemos considerar a constante dicotomia entre masculino e feminino: enquanto os homens são historicamente responsáveis pela dominação do esporte, as mulheres são a camada marginalizada que busca combater preconceitos e fortalecer sua identidade.

Se o esporte, apesar de historicamente dominado pelo homem, for interpretado como uma via de conquistas femininas em relação à autoestima, segurança, saúde, performance, autonomia, reconhecimento público e histórico, poderá produzir novas oportunidades e significados, combatendo os preconceitos, mitos e a opressão feminina nessa área. (DEVIDE, p.21, 2005)

Segundo Louro (2003) foi na virada do século XIX que as manifestações contra a discriminação feminina tomaram forma mundialmente e tiveram mais visibilidade com o movimento sufragista, que buscava estender o direito de voto às mulheres. O sufragismo ficou conhecido como a “primeira onda” do feminismo e tinha objetivos mais imediatos, ligados aos interesses das mulheres brancas da classe média. Depois de conquistados tais objetivos, instalou-se certo comodismo, que só foi superado com a chamada “segunda onda” feminista, no final da década de 60. Naquele momento, todas as preocupações sociais e políticas saíram do âmbito da contestação e da luta e passaram a ser representadas teoricamente no conceito de

gênero. Surge então o movimento feminista contemporâneo, que passa a se expressar além das marchas e protestos e chega aos jornais, revistas e livros.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, p. 17, 2003)

Os estudos iniciais sobre a representação das mulheres na sociedade consistiam em descrever o comportamento feminino em seu cotidiano e observá-lo a partir de diversas áreas do conhecimento. Para Louro (2003, p.19) é importante destacar como o caráter político e meramente acadêmico com que as pesquisas eram aplicadas – repletas de objetividade, neutralidade, distanciamento e isenção – tiveram o contraponto da problematização a partir de relatos de histórias de vida, trajetórias e registros pessoais. Essa era prova de que a mulher se envolvia cada vez mais com a sua condição social – ainda que com pesquisadoras como portavoz – e buscava mudanças.

Portanto, quando pensamos na luta das mulheres impulsionada pelas pesquisas de gênero, podemos evidenciar o abandono do pensamento biológico e a preferência pela função social para explicar as diferenças observadas entre o feminino e o masculino. Neste contexto, aplica-se o debate sobre as relações desiguais entre os sujeitos, levando em consideração os diversos grupos em que eles estão inseridos – étnicos, raciais, religiosos etc. – e que constituem uma sociedade.

Para relacionar os conceitos de cultura, identidade, gênero, representação e feminilidades e reafirmar a base de nossa pesquisa sobre a mulher no campo esportivo, pensamos primordialmente no gênero como constituinte da identidade de um sujeito e não apenas como um atribuidor de papéis ou padrões. Dessa forma, voltamos à ideia de Stuart Hall em que o indivíduo possui identidades plurais – e em constante mudança – e passa a pertencer a diferentes grupos, representados por diversas práticas sociais e igualmente constituídos de gêneros distintos.

Podemos ainda considerar o gênero como parte da categoria descrita por DEVIDES (2006, p.29) em que o conceito se refere às práticas sociais construídas no cotidiano que tendem a sofrer transformações e relaciona comportamentos, atitudes e discursos esperados pela sociedade quando se trata da representação do homem e da mulher. Inserindo a prática

esportiva nesse contexto, fazemos alguns questionamentos: as regras morais de conduta colocam em cheque a capacidade intelectual e física das mulheres que desempenham as mesmas atividades que o homem? As mulheres, assim como o esporte, vivem um de processo de “mercadorização”, tornando-se apenas mais um produto da mídia? A representação da atleta brasileira está submetida a leis masculinas “invisíveis” já que seu espaço no esporte ainda parece caminhar para uma consolidação? Algumas das respostas para esses questionamentos podem ser traçadas a partir da investigação da participação feminina no esporte, algo que faremos com base na busca de Bourdieu sobre o entendimento dessa realidade. No entanto, podemos considerar que o fato de podermos colocar a relação mulher x esporte no centro de estudos sobre o tema já é um grande avanço.

5.4. Bourdieu e a dominação masculina no esporte

É comum observarmos na mídia diversas representações estereotipadas sobre a mulher-atleta: em algumas, ela se torna refém de sua própria condição física e se destaca pela beleza – como musa – em outras aparece apenas como reflexo de seus sentimentos e do descontrole emocional caracterizado como tipicamente feminino – explicado, inclusive, por fatores biológicos. Podemos identificar retratos equivocados sobre a mulher inclusive na relação público e esporte, principalmente no futebol: temos a torcedora que não joga, já que a prática é considerada masculina; as marias-chuteira, que não sabem nada sobre a modalidade, mas se identificam com algum jogador; ou até as que competem pela atenção do seu parceiro que acompanha todas as partidas. Portanto, ao nos depararmos com essas e outras abordagens, percebemos que o olhar sobre a combinação mulher e esporte é sempre repleto de preconceitos e não reflete a mesma idealização com que é representado o homem atleta – comumente herói ou mito, principalmente quando se trata de modalidades individuais.

A imagem de mulheres associadas às práticas esportivas acaba condicionando o sucesso da esportista a diversos elementos que não deveriam estar acima de sua técnica. Para contextualizar esse discurso, nos referenciamos na existência de um gênero dominante, que corporifica e coisifica o indivíduo. Bourdieu constata que o corpo humano é o lugar em que se encontram as disputas de poder e a nossa primeira identificação, colocando a dominação masculina como algo eminente e relacionando-a também à questão dos gêneros, que apresentamos anteriormente.

(...) O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos habitus e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem (...). (BOURDIEU, 2002, p. 49-50)

A interpretação do sociólogo francês sobre a sociedade sugere que todos os indivíduos sofrem com a influência de uma violência simbólica – em especial as mulheres, que são definidas como objeto igualmente simbólico – já que o poder enraizado com base no “masculino” impõe determinadas significações e faz com que elas sejam consideradas legítimas e mascarem as relações interpessoais. Por mais que apareçam teóricas feministas determinadas a condenar o posicionamento de Bourdieu, devemos pensá-lo como um conceito importante para discutir as relações interpessoais marcadas pelo gênero – e o esporte se insere nesse quadro de investigação.

Para Sayão (2003, p.122) quando passamos a ser homens ou mulheres “as construções culturais provenientes dessa diferença evidenciam inúmeras desigualdades e hierarquias que se desenvolveram e vêm se acirrando ao longo da história humana”. Porém, quando observarmos o modelo de atleta do gênero feminino idealizado pela mídia, encontramos uma preocupação em eleger no meio esportivo a profissional que se destaque e contrarie essa hierarquia masculina sugerida por Bourdieu – seja pela proximidade com os padrões masculinos esperados no esporte (força, raça, frieza), pelo caráter sensual atribuído a mulher ou até pela trajetória emocionante (chorosa) e cheia de percalços até a sua consagração.

Porém, Bourdieu (2002) enfatiza que todas essas concepções ocorrem de maneira invisível e resultam na “formação de esquemas de pensamentos impensados”. Isso porque o indivíduo acredita estar livre para delinear suas próprias ideias, enquanto o “livre pensamento” acaba sendo influenciado por interesses, preconceitos e opiniões externas. É importante destacar que a facilidade com que os dominantes se impõem pode ser explicada pela maneira tácita como o reconhecimento dessa legitimidade aparece enraizado na sociedade. Quando se trata do esporte:

(...) podemos mencionar, de um lado, o uso social do corpo como forma de distinção entre os sexos e, de outro, a padronização das condutas e a utilização de objetos-signos a fim de retratar o que é aceito e desejável. Transpondo essas constatações de Bourdieu esmiuçadas no texto "A dominação masculina" para pensarmos o universo esportivo, podemos dizer que não é conferida a mulher - representada pela delicadeza do seu corpo, gestos e pela submissão de seus atos - uma prática legítima de esportes que possam ferir esses atributos, enquanto, a validação da masculinidade, em muitos momentos, é proporcionada pelo esporte - em especial esportes de contato, onde os elementos de virilidade são frequentemente trazidos à tona e reafirmados. (SAVINI, SOUZA E JUNIOR, 2012)

Vale lembrar que essa validação da masculinidade – violência simbólica no nosso contexto – foi muito questionada na Copa do Mundo de 2014: houve críticas a uma seleção brasileira liderada por um “capitão chorão” que se tornou bode expiatório do crucificado descontrole emocional do grupo, mas também o apoio a essa mesma característica que teve a função de tornar os jogadores dentro de campo mais “humanos” aos olhos da arquibancada. Não fosse a derrota histórica para a Alemanha na semifinal, tais atitudes – comumente relacionadas ao comportamento emotivo feminino – teriam tido um destaque ainda maior, mesmo que o choro diante das câmeras continue sendo algo raro e explorado negativamente por algumas mídias.

(...) O problema é que, machistas como são, muitos torcedores exigem que os jogadores sejam “machos”, “masculinos” e “viris”, que sejam verdadeiros blocos de concreto que jamais demonstram insegurança e sensibilidade. Para eles, demonstrar sentimento daquele modo é coisa de gente “desequilibrada emocionalmente” ou “coisa de mulher”. Muita gente acha que os homens da seleção brasileira precisam aparentar frieza, pois assim vão provar segurança. Outras pessoas acham que há a necessidade de mais “agressividade”, para que os adversários acabem intimidados. (...) Quem acredita que frieza e agressividade são equivalentes a masculinidade está apenas reproduzindo a cultura da brutidão, da competitividade violenta e da falta de empatia pelo outro, uma exigência social que acaba machucando também os próprios homens. (por Jarrid Arraes, publicado na Revista Fórum, 2014)

Quando olhamos para a sociedade como um todo, assistimos a um povo que reproduz discursos carregados de preconceitos, principalmente quando se trata de permitir à mulher adentrar territórios considerados masculinos e reconhecer nos homens características ditas femininas. Porém, podemos apontar no esporte algumas diferenças entre as diversas modalidades que compõem as competições esportivas – visto que cada uma delas foi

incorporada à vida cotidiana da mulher de forma diferente. Ou seja, observamos algumas mais receptivas às mulheres, enquanto outras se mostram mais resistentes. Mas vale destacar aqui que essa violência simbólica já definida anteriormente faz com que a maioria das atletas incorpore as categorias do ponto de vista masculino de forma natural, impulsionando-a a se equivaler da função do homem, muitas vezes na tentativa de superá-los – até mesmo em outros segmentos da sociedade. (BOURDIEU, 2007)

Apresentadas nossas reflexões sobre a relação dos estudos de Pierre Bourdieu com a representação feminina no esporte, gostaríamos de ressaltar que o objetivo não é esgotar o debate sobre o papel da mulher nesse ambiente, mas sim promovê-lo de maneira a buscar caminhos para diagnosticar sua imagem como atleta hoje, além de compreender a influência da mídia nesse diagnóstico. É importante lembrar que a teoria criada pelo sociólogo não prevê mudanças para a realidade que tratamos aqui. Então, como quebrar e desmistificar a dominação masculina e desincorporá-la de nosso inconsciente se ela parece ser intrínseca ao ser humano? As respostas para essa pergunta – se houver – serão investigadas a partir da análise do *corpus* da pesquisa nos capítulos seguintes.

6. MÉTODOS E TÉCNICAS

6.1. Percurso metodológico

Para investigar de que maneira foi construída a imagem da mulher-atleta brasileira é importante que o olhar em direção à cobertura feita sobre as Olimpíadas de Londres (2012) seja guiado por uma metodologia capaz de compreender o texto para além de uma leitura comum. Segundo Bardin (1977, p. 16) a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas que não se trata apenas de um instrumento, mas de um leque de possibilidades de interpretações diferentes, porém adaptáveis ao campo e ao objeto da comunicação. Dessa forma, optamos por utilizar este método, que ajudará a reinterpretar e compreender as mensagens ocultas nas notícias definidas como *corpus*.

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 1977)

O método investigativo da Análise de Conteúdo esteve presente nas pesquisas desde a década de 30. No entanto, Bardin (1977, p. 16) aponta que já em 1927 a metodologia foi utilizada pelo pesquisador Harold Lasswell (fato documentado na obra *Propaganda Technique in the World War*) no período pós II Guerra Mundial. De acordo com ela, a Análise de Conteúdo estava relacionada à investigação política, como forma de estudar os efeitos da propaganda e da imprensa nos Estados Unidos e desmascarar os jornais e periódicos suspeitos de propagandas subversivas – de teor nazista, por exemplo.

Na época, foram apresentadas investigações técnicas sobre temas que permeavam os efeitos da guerra a partir da comparação de livros, jornais como o *The Galilean*, além da análise de uma lista de termos considerados palavras-chave da política e propaganda nazista. Depois, a disseminação da Análise de Conteúdo continuou, sendo aperfeiçoada a partir dos anos 50, apesar das dúvidas levantadas a respeito de sua qualidade como método. Segundo

Bardin (1977, p.19), a década de 60 segue marcada pelo desenvolvimento de novas técnicas de análise, como o cálculo quantitativo, que permite lidar com elevado número de dados e amostras.

Outras concepções surgem no plano epistemológico, representadas pelo modelo instrumental – significando que a mensagem não diz exatamente o que deseja à primeira vista – e pelo representacional – considerando a mensagem como aquilo a ser analisado e as palavras contidas nela como reveladoras dessa mensagem. No plano metodológico, por sua vez, passam a serem exemplificados conceitos que se aproximam da definição atual da Análise de Conteúdo e evidenciam a abordagem quantitativa e qualitativa:

A abordagem quantitativa e a qualitativa não têm o mesmo campo de ação. A primeira obtém dados descritivos através de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel, mais exata, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil nas fases de verificação das hipóteses. A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou a evolução das hipóteses. Este tipo de análise deve ser, então, utilizado nas fases de lançamentos das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou várias variáveis do locutor. (BARDIN, 1977, p. 115)

De acordo com Bardin (1977) a análise do conteúdo de uma mensagem possui duas funções: a heurística, em que se enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta; e a de administração de provas, em que se apresentam hipóteses sob a forma de questões ou afirmações provisórias e segue-se com a análise a fim de confirmá-las ou refutá-las. Para que se obtenha uma análise completa e minuciosa do *corpus* escolhido, Bardin (1977, p. 118) aponta a necessidade de submeter a mensagem ou o texto a diversas dimensões de análise, ou seja, categorizar. A autora destaca que classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros. Dessa forma, torna-se possível agrupá-los a fim de encontrar possibilidades para decodificar o material.

As categorias devem ser organizadas conforme a necessidade do texto, que vai apresentar o caminho a ser delineado. Para completar, Bardin (1977, p.120) aponta alguns fatores relevantes no momento de definir como será a categorização. São eles: a exclusão mútua (que define a inclusão de um elemento em apenas uma categoria); a homogeneidade (é preciso seguir um único princípio de análise por categoria); a pertinência (ela é assim considerada quanto está adaptada ao material de análise); a objetividade e a fidelidade (a

análise deve ser bem definida sobre suas variáveis, assim como precisar índices que determinam a entrada de outro elemento na categoria); por fim, a produtividade (por transformar em informações férteis os resultados obtidos).

Definidas as categorias e subcategorias de análise do texto, seguimos com o objetivo de buscar resultados e administrá-los. Segundo Bardin (1977) o campo de análise possui quatro dimensões, em alguns casos abrangendo a classificação de pares positivos, por exemplo:

1. A visão sobre o objeto é positiva ou negativa? (origem)
2. A relação afetiva e a de transparência com o objeto (causa)
3. A descrição do objetivo considerando a funcionalidade, a estética e o valor comercial
4. Observação dos conflitos (sentimento)

Considerando as variáveis do *corpus*, as quatro dimensões apresentadas são capazes de extrair do objeto aquilo que ele oferece, relacionando a hipótese formulada inicialmente e os resultados da análise em si. No entanto, segundo Bardin (1977) a análise não deve ficar restrita a esses dados, pois depende de um olhar sobre o contexto em que se apresenta o *corpus*, a fim de gerar conhecimento, significados e entender sua natureza de sua origem.

Na análise de conteúdo, conduzimos a pesquisa a partir de uma pré-análise, que consiste em uma leitura fluente, capaz de possibilitar a formulação da hipótese e dos objetivos, assim como da organização dos dados coletados. No momento inicial da análise, o pesquisador deve seguir um critério de importância na edição do *corpus* – preparando, enumerando e alinhando o conteúdo. Depois, transformam-se os dados brutos do texto em unidades de registro a fim de permitir a categorização do material. Neste caso, é possível analisar por unidade de texto ou por temas, que são como frases carregadas de inúmeros sentidos – o que serve para um aprofundamento na compreensão de crenças, valores, atitudes etc.

O percurso metodológico apresentado serve de base para a descrição de como construiremos a análise do *corpus*, que será examinado segundo os princípios da Análise de Conteúdo, com teor quantitativo e qualitativo. Dessa forma, explicaremos a seguir como foi realizada a coleta de dados, assim como a sua categorização, que levou em conta o contexto da atuação feminina nas Olimpíadas de 2012 e a linguagem adotada para representá-la.

6.2. Descrição do *corpus* e da técnica

A presente pesquisa definiu como amostra as notícias publicadas sobre a atuação de mulheres brasileiras durante as Olimpíadas de Londres (2012) em dois jornais de circulação nacional: O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Estes meios foram escolhidos por apresentarem um histórico de grandes coberturas sobre os Jogos Olímpicos e dedicarem parte de seu caderno esportivo – senão ele todo – a tudo o que acontece no evento.

O Estado de São Paulo é o mais antigo jornal diário da cidade de São Paulo que continua em circulação. Sua tiragem inicial era de 2000 exemplares – em 1875, com a sua criação, chegando a aproximadamente 340 mil exemplares quase 100 anos depois. Já a Folha de São Paulo, surgiu em 1960 com a fusão de três títulos da empresa: “Folha da Manhã”, “Folha da Tarde” e “Folha da Noite”. É pioneiro na impressão offset em cores, usada em larga tiragem no Brasil e na instalação de um serviço on-line de grande circulação no país (Universo Online que, mais tarde, ao fundir-se com o Brasil Online, do Grupo Abril, deu lugar ao Universo Online S.A). Nos dois jornais, os cadernos especiais da Olimpíada fizeram a cobertura completa do evento e noticiaram toda a trajetória dos atletas nacionais e internacionais nos Jogos Olímpicos¹⁸.

Como já apontado anteriormente, a edição de 2012 foi escolhida por ser marco importante na consolidação da mulher no ambiente esportivo, se considerarmos o fato de que pela primeira vez nas Olimpíadas ela pôde competir em todas as modalidades – com a introdução do boxe no programa olímpico feminino. Definimos como foco da pesquisa a atleta brasileira que, considerando o contexto apresentado no item 4, apresentou caminhada tão árdua quanto a percorrida pelas atletas internacionais para se inserir no campo esportivo, sendo pouco contemplada em programas de desenvolvimento e inclusão para o esporte feminino no Brasil.

Para definir o período de análise, consideramos a atualidade da informação e utilizamos notícias veiculadas (nos dois jornais) entre os dias 25 de julho de 2012 e o dia 4 de agosto de 2012, datas que equivalem ao dia anterior à abertura das Olimpíadas e posterior ao seu encerramento. A decisão possibilitaria observar especificidades na cobertura da competição – como uma mudança de postura em relação à determinada equipe. Por fim, para

¹⁸ As informações sobre o histórico dos jornais foi obtida no site oficial de ambos: folha.uol.com.br e estadão.com.br

definir o *corpus* de análise ações divididas em três etapas foram aplicadas a cada um dos jornais escolhidos como objeto de estudo.

Na primeira etapa (Tabela 3 e 4), elencamos todas as notícias que trataram da atuação feminina nas Olimpíadas, tanto de atletas nacionais quanto internacionais – sem considerar os editoriais e capas que consistiam apenas na junção de fotografia e título. Obtivemos um total de 87 textos e três capas com conteúdo noticioso no jornal O Estado de São Paulo, e 88 textos na Folha de São Paulo, como mostram as tabelas seguintes. A fim de identificar sobre qual modalidade diz respeito cada título, utilizamos as seguintes legendas: Futebol (F); Judô (J); Basquete (BA); Boxe (BO); Vôlei (V); Handebol (H); Ginástica (G); Natação (N); Atletismo (A); Natação (N); Vôlei de Praia (VP) e Outros (O) – sendo que o último se trata de notícias que não se referem a nenhuma modalidade em específico.

Tabela 3: notícias publicadas no jornal Folha de São Paulo

Data	Mod.	Título	Pág.
25/07	(F)	Recordista brasileira em Jogos, Formiga vê feito como normal	D4
	(F)	Nova direção aproxima CBF do time feminino	D4
26/07	(F)	Brasil faz 5 a 0 na estreia e rebate críticas de adversários	D3
	(O)	Mensagem racista no Twitter tira saltadora da Grécia da competição	D4
27/07	(O)	Sede olímpica pela 3ª vez, Londres promete Jogos sustentáveis e legado histórico	D2
28/07	(BA)	Hortência é mulher forte dentro e fora de quadra	D7
	(BA)	Brasileiras enfrentam Croácia e treinadora discorda de cartola	D6
	(BA)	Em busca do 5º ouro seguido, EUA têm time dos sonhos no basquete feminino	D7
	(F)	Mulheres tentam se aproximar das quartas	D9
	(BO)	Mulheres sobem ao ringue, mas sem igualdade	D10
	(J)	Atleta de Kosovo tem de competir pela Albânia	D10
	(J)	Americana diz que dedicará suas medalhas a vítimas de atentado	D10
29/07	(J)	Ligeira – Feito inédito para o judô feminino do país, Sarah Menezes conquista 1º ouro do Brasil loro no dia de abertura da competição	D2
	(J)	Para técnica, luta virou “coisa de mulher”	D3
	(J)	Conquista torna judoca a maior do Piauí	D3
	(F)	Seleção feminina passa aperto, mas já sela a classificação	D4
	(H)	Brasil estreia com vitória e derrota na chave de duplas	D5
	(O)	Alianças olímpicas – Além de medalhas, atletas conquistaram corações	D16
	(H)	Depois de triunfo na 1ª rodada, brasileiras encaram Montenegro	D6
30/07	(V)	Brasileiras pegam EUA, país sem liga profissional	D7
	(N)	Chinesa de 16 anos é mais rápida que Lotche	D8
	(G)	Nem rezando - Equipe feminina de ginástica tem maior fracasso desde Atlanta 1996 e é eliminada no individual e no coletivo em todas as provas	D10
	(O)	Quanto vale um ouro – Após falha no cronômetro em semi, esgrimista não aceita derrota e fica por quase 1 hora parada na pista	D3
	(H)	Seleção feminina provoca surpresa em ‘samba-canção’	D4
	(F)	Brasileiras e britânicas se enfrentam pelo 1º lugar	D4
	(BA)	Mulheres se inspiram em ‘meia verdade’ para tentar evitar fiasco	D5
	(V)	Brasil cai ante os EUA e mantém estigma recente de freguês	D5
	(N)	Geração de adolescentes brilha e se diverte nas piscinas de Londres	D9
	(J)	Desclassificada por aplicar golpe irregular, judoca Rafael Silva rebate com	D10

		fúria e palavrões as críticas de fãs e seguidores no Twitter	
01/08	(O)	Teen vira questão de Estado para chineses	D3
	(F)	Derrota põe Brasil na mira das campeãs do mundo	D5
02/08	(N)	Nadadora da Síria agora volta para cidade sitiada	D3
	(O)	Um jogo de comadres – Entrega de resultados exclui quatro duplas da Olimpíada e mancha a reputação do badminton	D4
	(V)	Ex-pupila de Zé Roberto complica a busca pelo bi	D8
	(BA)	Brasil cai pela 3ª vez seguida e chora por eliminação eminente	D8
	(O)	Campeã é exemplo de que atleta pode ser formado em só quatro anos	D10
	(H)	Seleção feminina já tem vantagem para ficar em primeiro no grupo	D10
	(O)	Com que roupa eu vou - brasileiros tem que usar uniformes distintos para treinar, ir ao pódio e descansar	D11
03/08	(O)	Pela 1ª vez, melhor do mundo é negra	D4
	(J)	Sem favoritos – Mayra Aguiar leva o bronze e confirma maldição de Londres, que deixa líderes do ranking sem o ouro	D6
	(J)	Gemma, surpresa britânica, bate campeãs mundiais e leva ouro	D7
	(O)	Chinesa deixa a modalidade, e COI diz que não precisa mudar as regras	D7
	(O)	Casal do vôlei fica distante em crise do time feminino	D9
	(F)	Seleção pega Japão, e Marta confronta sua sucessora	D10
04/08	(O)	Muçulmanas falham, mas se mostram orgulhosas	D7
	(V)	Magoado com torcida, time vence suado e tem sobrevida	D8
	(V)	(V) - Não fiquem com cara de choro, pede dirigente	D8
	(BA)	Sem rumo – Seleção feminina é eliminada ainda na fase de grupos e agora terá de lutar para evitar a pior campanha da sua história em Olimpíada	D9
	(F)	Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha	D10
	(H)	Equipe sofre primeira derrota e pode ficar em 3º lugar do grupo	D10
05/08	(A)	E o vento levou – Maior esperança brasileira de pódio no Atletismo, Fabiana Murer é eliminada no saltão com vara, lamenta condições climáticas e admite culpa	D2
	(A)	Doping exclui brasileira dos Jogos momentos antes da competição	D7
	(O)	Serena bate Sharapova e conquista o Goldem Slam	D9
	(BO)	Estreantes, mulheres lutam por mais espaço	D8
	(O)	Musas & Musos	D14
06/08	(J)	Técnica se revolta com as críticas e reclama de torcedor	D6
	(V)	EUA ajudam e campeãs olímpicas se classificam	D8
	(VP)	Juliana e Larissa ficam a 1 triunfo de sonho	D8
	(BO)	Público lota arena para assistir à volta das mulheres ao ringue	D10
	(H)	Time passa em 1º, mas pega campeã mundial	D11
07/08	(BO)	Com dois atletas na semi, país encerra jejum de 44 anos	D6
	(V)	Time feminino joga quartas de final como zebra	D8
08/08	(BO)	Lutadora que encerrou jejum de medalhas dedica vitórias à mãe	D4
	(V)	Em partida épica, Brasil enterra o fantasma russo e vai à semifinal	D6
	(VP)	“Se jogar mal, vai perder”, define Larissa após derrota	D7
	(H)	Seleção não segura Noriega, mas faz sua melhor campanha	D9
09/08	(BO)	Adriana, bronze, bate boca com cartola	D2
	(V)	Juliana e Larissa ganham o bronze e sonham com 2016	D7
	(V)	Destaque do time, Thaisa é rainha da cobrança	D8
10/08	(V)	Sem dormir - Após conduzir Brasil à 2ª final olímpica, Zé Roberto não esconde a tensão por estar perto de feito histórico	D6
	(V)	Treinador celebra 20 anos do 1º ouro do vôlei, sob seu comando	D6
	(O)	Corpos olímpicos - Os Jogos são, além de evento esportivo, negócio e opereta geopolítica, rico catálogo para as mais diversas fantasias	D8
11/08	(V)	Brasileiras viram zebra em reedição da decisão de 2008	D4
	(V)	Na reta final, levantadora se firma na equipe	D4
	(O)	Véu – Potência regional, Irã edita Jogos e os mistura com política	D10
	(O)	Na contramão de costumes, sauditas mantêm clube	D10
	(A)	Americanas derrubam recorde de 26 anos	D12

	(O)	Etíope descumpre regra e beija santa em comemoração	D12
12/08	(V)	Bis - Após trajetória cheia de drama e percalços, seleção feminina de vôlei conquista a medalha de ouro e o bicampeonato olímpico	D2
	(V)	Antes apagada, Jaqueline brilha e contagia no fim	D2
	(V)	Time celebra com dança e lembra de colegas cortadas em camisetas	D2
	(V)	Seleção admite que estava um degrau abaixo de rival da final	D3
	(V)	Zé Roberto leva 3º ouro com psicologia, carinho e superstição	D4
	(A)	Sul-africana é aplaudida ao levar prata	D12
	(O)	Yane, 3ª do mundo, diz que ir ao pódio não será surpresa	D13
	(O)	Natália Falavigna perde na estreia contra sul coreana e é eliminada	D13
13/08	(O)	Pentatlo - Sem tradição no Brasil, prova final dá pódio a Yane	D6
	(V)	Campeãs veem in loco derrota dos companheiros	D9
	(O)	Na Olimpíada da igualdade, mulheres puxam vitória	D13

Legenda: Futebol (F); Judô (J); Basquete (BA); Boxe (BO); Vôlei (V); Handebol (H); Ginástica (G); Natação (N); Atletismo (A); Natação (N); Vôlei de Praia (VP) e Outros (O).

Tabela 4: notícias publicadas no jornal O Estado de São Paulo

Data	Mod.	Título	Pág.
25/07	(F)	Após duas pratas, Brasil recomeça corrida ao ouro	E3
	(G)	Técnica ucraniana aposta nas veteranas Daniele e Daiane	E4
26/07	(F)	Na estreia, brasileiras atropelam Camarões	E3
	(V)	Natália se recupera e fica na seleção	E4
	(VP)	No vôlei de praia, Juliana e Larissa já sonham com a final	E4
27/07	(G)	Após corte, Adrian chora e volta hoje	E6
	(N)	Missy Franklins estreia e já pode fazer história	E8
28/07	(J)	Medalha inédita - Sarah Menezes ganha ouro e se transforma na primeira brasileira a chegar ao lugar mais alto do pódio no judô	E1 Capa
	(J)	Chegou a hora de Rosiclécia festejar	E2
	(J)	Rafaela, um duro caminho por medalha	E2
	(BA)	Brasileiras sofrem apagão e perdem da França de virada	E9
29/07	(N)	Menina míssil dos EUA é a sensação no feminino	E4
	(BA)	Meninas superam crise e estão prontas para pegar a França	E7
	(V)	Estreia contra um velho conhecido	E8
	(F)	Nova Zelândia é desafio de hoje do time feminino	E8
	(O)	Da guerra para a batalha olímpica	E12
30/07	(O)	COI acredita que judoca olímpica irá ao tatame mesmo sem o véu	E4
	(BA)	(BA) - Após derrota na estreia, Brasil enfrenta a Rússia	E5
	(G)	Equipe se despede de forma melancólica	E5
	(V)	Brasil enfrenta teste mais difícil da primeira fase	E5
	(N)	História de superação na final dos 100 metros costas	E6
31/07	(N)	Chinesinha assombra o mundo	E1 Capa
	(O)	Não existe mulher maravilha	E1 Capa
	(N)	Missy 'Míssil' dá show e leva ouro nos 100m costa	E3
	(O)	Brasileirinha empolga público, mas é eliminada	E2
	(BA)	Derrota complica caminhada brasileira	E4
	(V)	EUA continuam como algozes	E5
	(F)	Seleção passa sufoco até chegar em Londres	E6
	(J)	Rafaela erra e se irrita com as críticas	E7
01/08	(N)	Chinesinha garante ouro também nos 200 m medley	E3
	(F)	Brasil perde para as donas da casa e vai pegar o Japão	E4
	(H)	Equipe do Brasil mostra maturidade	E4
	(BA)	Brasil encara a Austrália de não pode nem pensar em perder	E7
	(V)	Sem tempo para lamentar derrota	E7
	(O)	A nobreza vai ao parque	E12

02/08	(N)	Missy começa a virar mito	E2
	(V)	Irreconhecíveis, meninas buscam último suspiro	E4
	(BA)	Brasil perde terceira seguida e se complica	E5
	(H)	Disputa agora é pelo primeiro lugar no grupo	E5
	(O)	Coreanas mostram que mulheres sabem atirar	E5
	(O)	Oito atletas expulsas por manipular jogos	E6
03/08	(N)	Oceano Pacífico é segredo das vitórias de Rebcca Sono	E2
	(J)	Mayara supera dor e decepção para ganhar ouro	E4
	(J)	A tenaz Rosicléia lutou para feminino ter estrutura melhor	E4
	(J)	“Não sossego enquanto ouro olímpico não vier”	E4
	(A)	Fabiana Murer Garante que está melhor do que em 2008	E6
	(H)	Russas desafiam o encanto das brasileiras	E10
	(F)	Japão, um desafio antes do outro	E10
	(BA)	Diante do Canadá, seleção tenta evitar eliminação precoce	E11
	(O)	Muçulmanas ganham voz	E12
04/08	(N)	Franklin puxa fila das jovens campeãs	E2
	(BA)	Mulheres perdem a quarta partida e saem de cena	E6
	(V)	Meninas reclamam das críticas da torcida	E7
	(F)	Adeus melancólico contra o Japão	E8
	(A)	Mulheres disputam maratona em percurso inovador	E9
	(A)	Rosângela alcança uma inédita semifinal	E10
	(O)	Atletas muçulmanas fazem história	E11
05/08	(A)	“Em Pequim, a culpa não foi minha. Agora foi”	E2
	(V)	Brasil joga e seca concorrentes	E7
	(H)	Seleção pega Angola e pode liderar chave	E8
	(O)	Kissy Cataldo, do remo, cai no antidoping	E8
	(O)	Uma aula de Serena. E o Goldem Slam	E8
06/08	(J)	Brasileira fica a uma vitória de garantir o bronze	E2
	(A)	Isinbayeva em busca de marca histórica	E3
	(V)	Brasil vence a fraca Sérvia e avança	E4
	(H)	Seleção termina em 1º, mas vai pegar Noruega	E6
	(BA)	Brasil vence a primeira na despedida dos Jogos	E7
07/08	(BO)	Depois de 44 anos, Brasil ressurgue. E com 2 medalhas	E3
	(V)	Brasil espera jogo de ‘paciência’ com a Rússia	E4
	(A)	Maurren salta para defender título olímpico	E6
	(A)	Isinbayeva falha, perde ouro e adia aposentadoria	E7
08/08	(A)	Maurren queima, salta mal e fica só em 15º lugar	E3
	(V)	Um jogo para exorcizar todos os traumas	E4
	(VP)	Larissa e Juliana caem na semifinal	E5
	(H)	Valentes, meninas caem no choro após eliminação	E7
	(A)	“Minha carreira é feita de superações”, Isinbayeva	E12
09/08	(V)	Seleção tem rival difícil na luta pela final	E3
	(VP)	Juliana e Larissa superam frustração e ficam com o bronze	E2
	(BO)	Adriana fica com o 3º lugar e ataca Confederação	E4
	(A)	“Quero saltar mais alto do que nunca”	E5
10/08	(V)	Brasil e EUA repetem final olímpica de 2008	E2
11/08	(V)	Desafio das meninas no sonho do bi-olímpico	E7
	(V)	SUPERPODEROSAS	E1
	(A)	Americanas derrubam marca de quase 27 anos	E10
	(V)	Meta da equipe para 2016: ser tri e se igualar a Cuba	E2
	(V)	Emocionada, Jaqueline fala sobre superação	E3
	(V)	Mais uma vez, um corcunda deu sorte a Zé Roberto	E2
	(V)	Paula Pequeno não se vê nos Jogos do Rio	E3
	(A)	Nova musa britânica	E13
13/08	(A)	Pernambucana garante o bronze	E6

Legenda: Futebol (F); Judô (J); Basquete (BA); Boxe (BO); Vôlei (V); Handebol (H); Ginástica (G); Natação (N); Atletismo (A); Natação (N); Vôlei de Praia (VP) e Outros (O).

A segunda etapa (tabelas 5 e 6) consistiu na classificação da amostra coletada de acordo com a proposta definida anteriormente, cujo objetivo é focar nas notícias que retrataram a atuação de atletas brasileiras. Dessa forma, totalizamos 66 textos sobre a mulher-atleta do Brasil no jornal Folha de São Paulo e 63 textos no jornal O Estado de São Paulo, todos elencados nas tabelas abaixo. No primeiro, a quantidade de notícias ficou dividida da seguinte forma:

- ✓ Vôlei (19), Futebol (9), Handebol (7), Judô (6), Basquete (5), Vôlei de praia (3), Boxe (6), Atletismo (2), Ginástica (1), Outros (7) e Natação (0).

Tabela 5: notícias publicadas no jornal Folha de São Paulo

Data	Mod.	Título	Pág.
25/07	(F)	Recordista brasileira em Jogos, Formiga vê feito como normal	D4
	(F)	Nova direção aproxima CBF do time feminino	D4
26/07	(F)	Brasil faz 5 a 0 na estreia e rebate críticas de adversários	D3
28/07	(BA)	Hortência é mulher forte dentro e fora de quadra	D7
	(BA)	Brasileiras enfrentam Croácia e treinadora discorda de cartola	D6
	(F)	Mulheres tentam se aproximar das quartas	D9
29/07	(V)	Brasil chega a Londres com incomum status de zebra	D9
	(J)	Ligeira - Feito inédito para o judô feminino do país, Sarah Menezes conquista 1º ouro do Brasil loro no dia de abertura da competição	D2
	(J)	Para técnica, luta virou “coisa de mulher”	D3
	(J)	Conquista torna judoca a maior do Piauí	D3
	(F)	Seleção feminina passa aperto, mas já sela a classificação	D4
	(O)	Alianças olímpicas - Além de medalhas, atletas conquistaram corações	D16
	(O)	Alianças olímpicas - Além de medalhas, atletas conquistaram corações	D16
30/07	(H)	Depois de triunfo na 1ª rodada, brasileiras encaram Montenegro	D6
	(V)	Brasileiras pegam EUA, país sem liga profissional	D7
	(G)	Nem rezando - Equipe feminina de ginástica tem maior fracasso desde Atlanta 1996 e é eliminada no individual e no coletivo em todas as provas	D10
31/07	(H)	Seleção feminina provoca surpresa em ‘samba-canção’	D4
	(F)	Brasileiras e britânicas se enfrentam pelo 1º lugar	D4
	(BA)	Mulheres se inspiram em ‘meia verdade’ para tentar evitar fiasco	D5
	(V)	Brasil cai ante os EUA e mantém estigma recente de freguês	D7
	(J)	#raiva – Desclassificada por aplicar golpe irregular, judoca Rafaela Silva rebate com fúria e palavrões as críticas de fãs e seguidores no Twitter	D10
01/08	(F)	Derrota põe Brasil na mira das campeãs do mundo	D5
02/08	(V)	Ex-pupila de Zé Roberto complica a busca pelo bi	D8
	(BA)	Brasil cai pela 3ª vez seguida e chora por eliminação eminente	D8
	(O)	Campeã é exemplo de que atleta pode ser formado em só quatro anos	D10
	(H)	Seleção feminina já tem vantagem para ficar em primeiro no grupo	D10
	(O)	Com que roupa eu vou – brasileiros tem que usar uniformes distintos para treinar, ir ao pódio e descansar	D11
03/08	(J)	Sem favoritos – Mayra Aguiar leva o bronze e confirma maldição de Londres, que deixa líderes do ranking sem o ouro	D6
	(O)	Casal do vôlei fica distante em crise do time feminino	D9
	(H)	Surpresa, Brasil duela por 1º lugar contra russas em crise	D10
	(F)	Seleção pega Japão, e Marta confronta sua sucessora	D11
04/08	(V)	Magoado com torcida, time vence suado e tem sobrevida	D8
	(V)	Não fiquem com cara de choro, pede dirigente	D8

	(BA)	Sem rumo – Seleção feminina é eliminada ainda na fase de grupos e agora terá de lutar para evitar a pior campanha da sua história em Olimpíada	D9
	(F)	Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha	D10
	(H)	Equipe sofre primeira derrota e pode ficar em 3º lugar do grupo	D10
05/08	(A)	E o vento levou – Maior esperança brasileira de pódio no (A), Fabiana Murer é eliminada no saltão com vara, lamenta condições climáticas e admite culpa	D2
	(BO)	Estreantes, mulheres lutam por mais espaço	D10
	(A)	Doping exclui brasileira dos Jogos momentos antes da competição	D7
06/08	(J)	Técnica se revolta com as críticas e reclama de torcedor	D6
	(BO)	Público lota arena para assistir à volta das mulheres no ringue	D10
	(BO)	Esquiva e Adriana sobem ao ringue para ir ao pódio	D11
	(V)	EUA ajudam e campeãs olímpicas se classificam	D8
	(V)	Nas quartas, equipe desafiará a Rússia e traumas do passado	D8
	(VP)	Juliana e Larissa ficam a 1 triunfo de sonho	D8
	(H)	Time passa em 1º, mas pega campeã mundial	D11
07/08	(BO)	Com dois atletas na semi, país encerra jejum de 44 anos	D6
	(V)	Time feminino joga quartas de final como zebra	D8
08/08	(BO)	Lutadora que encerrou jejum de medalhas dedica vitórias à mãe	D4
	(V)	Em partida épica, Brasil enterra o fantasma russo e vai à semifinal	D6
	(VP)	“Se jogar mal, vai perder”, define Larissa após derrota	D7
	(H)	Seleção não segura Noriega, mas faz sua melhor campanha	D9
09/08	(BO)	Adriana, bronze, bate boca com cartola	D2
	(VP)	Juliana e Larissa ganham o bronze e sonham com 2016	D7
	(V)	Destaque do time, Thaisa é rainha da cobrança	D8
10/08	(V)	Sem dormir - Após conduzir Brasil à 2ª final olímpica, Zé Roberto não esconde a tensão por estar perto de feito histórico	D6
	(V)	Treinador celebra 20 anos do 1º ouro do vôlei, sob seu comando	D6
11/08	(V)	Brasileiras viram zebra em reedição da decisão de 2008	D4
	(V)	Na reta final, levantadora se firma na equipe	D4
12/08	(V)	Bis - Após trajetória cheia de drama e percalços, seleção feminina de vôlei conquista a medalha de ouro e o bicampeonato olímpico	D2
	(V)	Antes apagada, Jaqueline brilha e contagia no fim	D2
	(V)	Time celebra com dança e lembra de colegas cortadas em camisas	D2
	(V)	Seleção admite que estava um degrau abaixo de rival da final	D3
	(V)	Zé Roberto leva 3º ouro com psicologia, carinho e superstição	D4
	(O)	Yane, 3ª do mundo, diz que ir ao pódio não será surpresa	D13
	(O)	Natália Falavigna perde na estreia contra sul coreana e é eliminada	D13
13/08	(O)	Sem tradição no Brasil, prova final dá pódio a Yane	D6
	(V)	Campeãs veem in loco derrota dos companheiros	D9

Legenda: Futebol (F); Judô (J); Basquete (BA); Boxe (BO); Vôlei (V); Handebol (H); Ginástica (G); Natação (N); Atletismo (A); Natação (N); Vôlei de Praia (VP) e Outros (O).

Já no segundo jornal, encontramos:

- ✓ Vôlei (21), Basquete (9), Judô (7), Futebol (7), Atletismo (6), Handebol (5), Vôlei de praia (3), Ginástica (3), Boxe (3), Outros (1) e Natação (0).

Tabela 6: notícias publicadas no jornal O Estado de São Paulo

Data	Mod.	Título	Pág.
25/07	(F)	Após duas pratas, Brasil recomeça corrida ao ouro	E3
	(G)	Técnica ucraniana aposta nas veteranas Daniele e Daiane	E4

26/07	(F)	Na estreia, brasileiras atropelam Camarões	E3
	(V)	Natália se recupera e fica na seleção	E4
	(VP)	No Vôlei de Praia, Juliana e Larissa já sonham com a final	E4
27/07	(G)	Após corte, Adrian chora e volta hoje	E6
28/07	(J)	Medalha inédita – Sarah Menezes ganha ouro e se transforma na primeira brasileira a chegar ao lugar mais alto do pódio no judô	E1
	(J)	Chegou a hora de Rosicléia: treinadora festeja	E2
	(J)	Rafaela, um duro caminho por medalha	E2
	(BA)	Brasileiras sofrem apagão e perdem da França de virada	E9
29/07	(BA)	Meninas superam crise e estão prontas para pegar a França	E7
	(V)	Estreia contra um velho conhecido	E8
	(F)	Nova Zelândia é desafio de hoje do time feminino	E8
30/07	(BA)	Após derrota na estreia, Brasil enfrenta a Rússia	E5
	(G)	Equipe se despede de forma melancólica	E5
	(V)	Brasil enfrenta teste mais difícil da primeira fase	E5
31/07	(O)	Brasileirinha empolga público, mas é eliminada	E2
	(V)	EUA continuam como algozes	E5
	(BA)	Derrota complica caminhada brasileira	E4
	(F)	Seleção passa sufoco até chegar em Londres	E6
	(J)	Rafaela erra e se irrita com as críticas	E7
01/08	(F)	Brasil perde para as donas da casa e vai pegar o Japão	E4
	(H)	Equipe do Brasil mostra maturidade	E4
	(BA)	Brasil encara a Austrália de não pode nem pensar em perder	E7
	(V)	Sem tempo para lamentar derrota	E7
02/08	(V)	Irreconhecíveis, meninas buscam último suspiro	E4
	(BA)	Brasil perde terceira seguida e se complica	E5
	(H)	Disputa agora é pelo primeiro lugar no grupo	E5
03/08	(J)	Mayara supera dor e decepção para ganhar ouro	E4
	(J)	A tenaz Rosicléia lutou para feminino ter estrutura melhor	E4
	(J)	“Não sossego enquanto ouro olímpico não vier”	E4
	(A)	Fabiana Murer Garante que está melhor do que em 2008	E6
	(F)	Japão, um desafio antes do outro	E10
	(BA)	Diante do Canadá, seleção tenta evitar eliminação precoce	E11
04/08	(BA)	Mulheres perdem a quarta partida e saem de cena	E6
	(V)	Meninas reclamam das críticas da torcida	E7
	(F)	Adeus melancólico contra o Japão	E8
	(A)	Rosângela alcança uma inédita semifinal	E10
05/08	(A)	“Em Pequim, a culpa não foi minha. Agora foi”	E2
	(V)	Brasil joga e seca concorrentes	E7
	(H)	Seleção pega Angola e pode liderar chave	E8
06/08	(BO)	Brasileira fica a uma vitória de garantir o bronze	E2
	(V)	Brasil vence a fraca Sérvia e avança	E4
	(H)	Seleção termina em 1º, mas vai pegar Noruega	E6
	(BA)	Brasil vence a primeira na despedida dos Jogos	E7
07/08	(BO)	Depois de 44 anos, Brasil ressurgiu. E com 2 medalhas	E3
	(V)	Brasil espera jogo de ‘paciência’ com a Rússia	E4
	(A)	Maurren salta para defender título olímpico	E6
08/08	(A)	Maurren queima, salta mal e fica só em 15º lugar	E3
	(V)	Um jogo para exorcizar todos os traumas	E4
	(VP)	Larissa e Juliana caem na semifinal	E5
	(H)	Valentes, meninas caem no choro após eliminação	E7
09/08	(V)	Seleção tem rival difícil na luta pela final	E3
	(VP)	Juliana e Larissa superam frustração e ficam com o bronze	E2
	(BO)	Adriana fica com o 3º lugar e ataca Confederação	E4
10/08	(V)	Brasil e EUA repetem final olímpico de 2008	E2
11/08	(V)	Desafio das meninas no sonho do bi-olímpico	E7
12/08	(V)	Meta da equipe para 2016: ser tri e se igualar a Cuba	E2
	(V)	SUPERPODEROSAS	E1

	(V)	Emocionada, Jaqueline fala sobre superação	E3
	(V)	Mais uma vez, um corcunda deu sorte a Zé Roberto	E2
	(V)	Paula Pequeno não se vê nos Jogos do Rio	E3
13/08	(A)	Pernambucana garante o bronze	D6

Legenda: Futebol (F); Judô (J); Basquete (BA); Boxe (BO); Vôlei (V); Handebol (H); Ginástica (G); Natação (N); Atletismo (A); Natação (N); Vôlei de Praia (VP) e Outros (O).

Depois de tabelar as notícias sobre a participação das atletas brasileiras nas Olimpíadas de Londres (2012), definimos como objeto de estudo (tabelas 7, 8, 9, 10, 11,12,13 e 14) os três esportes¹⁹ mais noticiados em cada cobertura, além do boxe – a última modalidade esportiva aceita no programa olímpico feminino e disputada a partir dos Jogos Olímpicos de 2012. Durante a seleção do material, observamos que, no jornal O Estado de São Paulo, futebol e judô possuíam o mesmo número de textos veiculados. Pensando no todo, utilizamos como critério de desempate entre elas o destaque dado às atletas ou à equipe nas notícias. Dessa forma, a modalidade escolhida para ser analisada foi o Judô, que apareceu como matéria de capa no dia 28/07, ao contrário do futebol, que recebeu menor espaço na cobertura.

Por fim, totalizamos 80 notícias e sete modalidades como objeto final desta dissertação, sendo que o esporte com mais incidência em ambos os jornais é o Vôlei - fato que tentaremos explicar em posterior análise. As outras modalidades com maior número de notícias são: futebol, handebol (no jornal Folha de São Paulo) e basquete e judô (no O Estado de São Paulo), conforme listamos abaixo:

a) Folha de São Paulo

Tabela 7: notícias publicadas sobre o vôlei

Data	Título	Pág.
28/07	Brasil chega a Londres com incomum status de zebra	D9
30/07	Brasileiras pegam EUA, país sem liga profissional	D7
31/07	Brasil cai ante os EUA e mantém estigma recente de freguês	D7
02/08	Ex-pupila de Zé Roberto complica a busca pelo bi	D8
04/08	Magoado com torcida, time vence suado e tem sobrevida	D8
	Não fiquem com cara de choro, pede dirigente	D8
06/08	EUA ajudam e campeãs olímpicas se classificam	D8
	Nas quartas, equipe desafiará a Rússia e traumas do passado	D8
07/08	Time feminino joga quartas de final como zebra	D8
08/08	Em partida épica, Brasil enterra o fantasma russo e vai à semifinal	D6
09/08	Destaque do time, Thaisa é rainha da cobrança	D8

¹⁹ Optamos por não considerar as notícias agrupadas no item Outros, já que ele diz respeito a mais de uma modalidade. Também não consideramos o Boxe entre os três esportes mais noticiados, pois ele já seria analisado independentemente da quantidade de notícias.

10/08	Sem dormir: Após conduzir Brasil à 2ª final olímpica, Zé Roberto não esconde a tensão por estar perto de feito histórico	D6
	Treinador celebra 20 anos do 1º ouro do vôlei, sob seu comando	D6
11/08	Brasileiras viram zebras em reedição da decisão de 2008	D4
	Na reta final, levantadora se firma na equipe	D9
12/08	Bis – Após trajetória cheia de drama e percalços, seleção feminina de vôlei conquista a medalha de ouro e o bicampeonato olímpico	D2
	Antes apagada, Jaqueline brilha e contagia no fim	D2
	Time celebra com dança e lembra de colegas cortadas em camisas	D2
	Seleção admite que estava um degrau abaixo de rival da final	D3
	Zé Roberto leva 3º ouro com psicologia, carinho e superstição	D4
13/08	Campeãs veem in loco derrota dos companheiros	D9

Tabela 8: notícias publicadas sobre o futebol

Data	Título	Pág.
25/07	Recordista brasileira em Jogos, Formiga vê feito como normal	D4
	Nova direção aproxima CBF do time feminino	D4
26/07	Brasil faz 5 a 0 na estreia e rebate críticas de adversários	D3
28/07	Mulheres tentam se aproximar das quartas	D9
29/07	Seleção feminina passa apertado, mas já sela a classificação	D4
31/07	Brasileiras e britânicas se enfrentam pelo 1º lugar	D4
01/08	Derrota põe Brasil na mira das campeãs do mundo	D5
03/08	Seleção pega Japão, e Marta confronta sua sucessora	D11
04/08	Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha	D10

Tabela 9: notícias publicadas sobre o handebol

Data	Título	Pág.
30/07	Depois de triunfo na 1ª rodada, brasileiras encaram Montenegro	D6
31/07	Seleção feminina provoca surpresa em ‘samba-canção’	D4
02/08	Seleção feminina já tem vantagem para ficar em primeiro no grupo	D10
03/08	Surpresa, Brasil duela por 1º lugar contra russas em crise	D11
04/08	Equipe sofre primeira derrota e pode ficar em 3º lugar do grupo	D10
06/08	Time passa em 1º, mas pega campeã mundial	D11
08/08	Seleção não segura Noruega, mas faz sua melhor campanha	D9

Tabela 10: notícias publicadas sobre o boxe

Data	Título	Pág.
05/08	Estreantes, mulheres lutam por mais espaço	D10
06/08	Público lota arena para assistir à volta das mulheres no ringue	D10
	Esquiva e Adriana sobem ao ringue para ir ao pódio	D11
07/08	Com dois atletas na semi, país encerra jejum de 44 anos	D6
08/08	Lutadora que encerrou jejum de medalhas dedica vitórias à mãe	D4
09/08	Adriana, bronze, bate boca com cartola	D2

b) O Estado de São Paulo

Tabela 11: notícias publicadas sobre o vôlei

Data	Título	Pág.
26/07	Natália se recupera e fica na seleção	E4
28/07	Estreia contra um velho conhecido	E8

30/07	Meninas enfrentam teste mais difícil da primeira fase	E5
31/07	EUA continuam como algozes	E5
01/08	Sem tempo para lamentar derrota	E7
02/08	Irreconhecíveis, meninas buscam último suspiro	E4
04/08	Meninas reclamam das críticas da torcida	E7
05/08	Brasil joga e seca concorrentes	E7
06/08	Brasil vence a fraca Sérvia e avança	E4
07/08	Contra as russas, um jogo de paciência	E4
08/08	Um jogo para exorcizar todos os traumas	E4
09/08	Seleção tem rival difícil na luta pela final	E3
10/08	Brasil e EUA repetem final olímpica de 2008	E2
11/08	Desafio das meninas no sonho do bi-olímpico	E7
12/08	A meta da equipe para 2016: ser tri e se igualar a Cuba	E2
	SUPERPODEROSAS	E1
	Emocionada, Jaqueline fala em superação	E3
	Mais uma vez, uma corcunda deu sorte a Zé Roberto	E2
	Paula Pequeno não se vê nos Jogos do Rio	E3

Tabela 12: notícias publicadas sobre o basquete

Data	Título	Pág.
28/07	Meninas superam crise e estão prontas para pegar a França	E7
29/07	Brasileiras sofrem apagão e perdem da França de virada	E9
30/07	Após derrota na estreia, brasileiras enfrentam a Rússia	E5
31/07	Derrota complica caminhada brasileira	E4
1/08	Brasil encara a Austrália e não pode nem pensar em perder	E7
2/08	Brasil perde terceira seguida e se complica	E5
03/08	Diante do Canadá, seleção tenta evitar eliminação precoce	E9
04/08	Mulheres perdem a quarta partida e saem de cena	E9
06/08	Brasil vence a primeira na despedida dos Jogos	E7

Tabela 13: notícias publicadas sobre o judô

Data	Título	Pág.
29/07	Medalha inédita – Sarah Menezes ganha ouro e se transforma na primeira brasileira a chegar ao lugar mais alto do pódio no judô	E1
	Chegou a hora de Rosicléia festejar	E2
	Rafaela, um duro caminho por medalhas	E2
31/07	Rafaela erra e se irrita com as críticas	E7
03/08	Mayara supera dor e decepção para ganhar o bronze	E4
	A tenaz Rosicléia lutou para feminino ter estrutura melhor	E4
	“Não sossego enquanto ouro olímpico não vier”	E4

Tabela 14: notícias publicadas sobre o boxe

Data	Título	Pág.
06/08	Brasileira fica a uma vitória de garantir o bronze	E2
07/08	Depois de 44 anos, Brasil ressurgiu. E com 2 medalhas	E3
09/08	Adriana fica com o 3º lugar e ataca Confederação	E4

Por fim, no item 6.3, trazemos um panorama sobre as três modalidades mais noticiadas em cada um dos jornais, definidas como *corpus* deste trabalho.

6.3. Perfil histórico das modalidades mais noticiadas

Para facilitar a observação dos textos que serão analisados na pesquisa e antes de definir quais são as categorias que utilizaremos, incluímos um pequeno panorama histórico sobre cada modalidade no Brasil, com informações que serão relevantes para o momento da observação qualitativa dos dados obtidos.

a) Vôlei

A modalidade estreou nos Jogos Olímpicos de Tóquio (1964) e levou às quadras equipes masculinas e femininas. Naquele ano, o Brasil esteve presente apenas com a seleção masculina, que ocupou a 7ª posição ao final das competições. O vôlei começou a ser praticado no país em 1915, com o primeiro título internacional conquistado por equipes masculinas e femininas em 1951, no Campeonato Sul-Americano, realizado no Rio De Janeiro²⁰.

(na época) as mulheres brasileiras foram incentivadas a participar de treinamentos que resultaram na formação da equipe que representou à seleção brasileira de voleibol feminino, onde o lazer e a educação deixavam de ser o centro das disputas e o alto rendimento se impunha como a nova forma de jogar, embora ainda com um caráter amador. (MOURÃO; ROMARIZ, p.4, 2006)

Para Mezzaroba e Pires (2011) a partir do momento em que vôlei começou a crescer como esporte de competição passou a se inserir no contexto do espetáculo esportivo como modalidade massificada e, conseqüentemente, consumida intensivamente em todo o país:

(...) ele – vôlei - passou a ser um dos melhores exemplos de como uma modalidade esportiva se torna um *espetáculo esportivo*: a relação com a publicidade (uniformes e patrocinadores), com o marketing, as mudanças nas regras para se ajustar às coberturas televisivas (sistema *tie-brake*, por exemplo), a ênfase nos principais jogadores dada pela mídia em geral (explorando a figura dos *ídolos esportivos*, os quais são peça-chave para chamar a atenção do público), a divulgação e ênfase em relação aos títulos conquistados, bem como a exploração destas estratégias, entre tantas outras formas que podem melhor exemplificar sua transformação. (MEZZARONA; PIRES, p. 15, 2011)

Gradualmente, o vôlei integrou-se a uma realidade semelhante a do futebol no quesito glamourização da prática, que deixa de ser meramente “esportiva” e passa a funcionar também como produto de entretenimento. De acordo com a CBV, a prática é apontada no

²⁰ da Confederação Brasileira de Voleibol. Disponível em: <http://www.cbv.com.br/v1/institucional/histvolei.asp>. Acesso em: 20/11/2013

Brasil como o segundo esporte de preferência nacional – sendo o primeiro entre as mulheres. Nos últimos anos, a modalidade somou: três ouros, duas pratas e dois bronzes olímpicos, além de dois Mundiais, dez Ligas Mundiais (competição masculina), sete Grand Prix (competição feminina) e outros títulos.

b) Futebol

A modalidade chegou ao Brasil em 1874, mas passou a tomar forma como prática esportiva reconhecida no país apenas no começo de 1900. Já a profissionalização do futebol aconteceu em 1933 – no governo Getúlio Vargas – posterior à criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em 1916 que, no mesmo ano, filiou-se à Confederação Sul-americana de Futebol (Comembol) e a FIFA (Federação Internacional de Futebol), em KLEIN (2001). O futebol esteve ligado a inúmeras questões sociais e econômicas ao longo de sua evolução como modalidade, chegando inclusive a ser considerado um esporte de elite.

Já entre as mulheres, o futebol começou a ser praticado em 1921 de forma inusitada. Por ser um acontecimento inédito, foi apresentado como uma atração de circo (CAPRARO E CHAVES, 2007). Porém, entre 1941 e 1975, uma lei proibiu que o esporte fosse também uma atividade feminina, fato que só foi mudar a partir de 1981 (ainda que com restrições) e, mais tarde, em 1996, quando passou a ser uma modalidade olímpica. Nas Olimpíadas daquele ano, a seleção brasileira de futebol feminino conquistou o 4º lugar, impulsionando o esporte no país.

No Brasil, identificamos o crescimento da prática desta modalidade entre as mulheres, bem como o seu aparecimento midiático mais evidente, particularmente após o inédito resultado nas Olimpíadas de Atlanta, com o quarto lugar, e, mais recentemente, com o sucesso das atletas em Atenas, conseguindo a medalha de prata. Seria ingênuo supor que a mídia trate as mulheres, em seu envolvimento com o futebol, de forma similar ao tratamento dado aos homens. (MARTINS; MORAES, p. 3, 2006)

Para os autores, existe o pensamento de que o esporte surge como símbolo imaginário da força e do poder, se enquadrando como prática exclusivamente masculina. Martins e Morais (p. 3, 2006) também atentam para os valores presentes na mídia e a maneira como ela também transformou o esporte em produto, principalmente no que diz respeito ao futebol. No entanto, a compreensão do produto “homem & futebol” é diferente de “mulher & futebol”: esta última é apresenta o sexo feminino como belo, objeto de desejo, evidenciado por suas

curvas, enquanto na primeira noção de produto, observa-se a mitologia do herói, do forte, da disputa e do vencer. Dessa forma, os autores concluem:

(...) embora a mídia seja um dos sujeitos sociais que contempla o futebol feminino no Brasil desde a década de 1930 (MOURÃO E MOREL, 2005), sua forma de apresentar esta modalidade tem sido frequentemente adornada por adjetivos e intenções não encontrados no tratamento do futebol masculino e de forma a não garantir uma existência autônoma, perene, evidente e isenta de juízo. Não caberia defendermos um discurso apologético de igualdade, mas sim de dignidade. Em todos os níveis de prática do futebol, podemos identificar o preconceito, a diferença, o descaso e suas consequências na formação do imaginário social do papel da mulher, particularmente, quando o assunto é futebol feminino. (MARTINS; MORAES, p. 4, 2006)

Durante toda sua história de busca por espaço entre as modalidades esportivas, o futebol feminino encontrou dificuldades em se fazer respeitar. Algumas leis, inclusive, surgiram a fim de proibir a prática e afastar as mulheres, por considerar o esporte incompatível com o papel feminino, principalmente no período da Ditadura Militar. Além das barreiras legais, outros fatores podem ter contribuído para a rejeição à modalidade de maneira geral, como o preconceito arraigado na sociedade e o pensamento de que a mulher atuante no futebol era tida como masculinizada, grosseira e sem classe social, um quadro que vem apresentando mudanças. (MARTINS; MORAES, p. 5, 2006).

c) **Handebol**

Segundo a Confederação Brasileira de Handebol²¹, no período da primeira Grande Guerra (1915 a 1918), o professor de ginástica Berlinense Max Heiser criou um jogo ao ar livre para entreter as operárias da fábrica Siemens, o que justifica a ideia de que este esporte começou como uma prática feminina, que depois passou a ser praticada por homens em campos com medidas iguais às do futebol. No entanto, alguns estudos sobre a modalidade atribuem seu surgimento ao alemão Karl Schellenz, um marinheiro que (por volta de 1914) encontrou na Tchecoslováquia e em países da América do Sul dois esportes diferentes jogados com as mãos – são eles o “balomano” e o “azena. (Olivoto, 2003).

As informações da CBhB são de que a Federação Internacional de Handebol foi fundada em 1927, mas apenas com o término da II Guerra Mundial passou a adotar algumas

²¹ Confederação Brasileira de Handebol. Disponível em:
http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=27174&moda=002&area=&ip=1.
Acesso em: 22/11/2013

regras para prática do esporte que motivaram a sua chegada ao programa olímpico – nas Olimpíadas de Berlim, em 1936. No entanto, algumas abordagens sobre a modalidade vão mais além e colocam-na como objeto de mudança social ainda antes desse período:

(...) esporte de alto rendimento, esporte-espetáculo, esporte-velocidade, traduz, em nível do significado que adquire, o processo de diferenciação objetivada pelo qual passa sua expansão, enquanto desenvolve-se, assemelhando-se a forma capitalista de produção. Associando-se aos modos de produção da vida, o jogo logrou alcançar sua expressão histórica mais desenvolvida, e em especial no Leste Europeu que no início do nosso século vivia sob o efeito da Primeira Grande Guerra Mundial. Na atualidade, o handebol orientado em suas metodologias primeiras pela liberdade numérica de jogadores em campo e pela regra da bola em movimento, traduz bem os elementos associados às regras e à luta pela manutenção do equilíbrio e do domínio do alvo (bola) em movimento. O alvo se revela, tanto nas guerras como, nas concorrências modernas, pelo domínio do consumo e da moeda em permanente movimento no capitalismo produtivo e financeiro do nosso século. (OLIVOTO, 2003)

No Brasil, até a década de 60, a modalidade era praticada apenas por imigrantes, em São Paulo, mas depois foi apresentada a professores de outros estados, que passaram a incluir o esporte nas aulas ministradas em colégios. O hand, como é popularmente chamado, disseminou-se no país com a sua inclusão feita pelo MEC (Ministério da Educação) em Jogos Universitários Brasileiros e Jogos Estudantis. Já nos Jogos Olímpicos, a CBhB informa que os atletas brasileiros debutaram nos Jogos de Barcelona (1992), em que a seleção masculina obteve o 12º lugar.

Porém, o destaque na modalidade fica com a seleção feminina, que chegou às Olimpíadas de Sidney (2000) após ter conquistado o ouro nos Jogos Pan Americanos. Na disputa olímpica, as atletas ficaram com o 8º lugar, o que despertou atenção mundial e contribuiu para que várias delas fossem convidadas para atuar na Europa.

Outras atuações de louvor aconteceram ao longo das edições dos Jogos Olímpicos e Londres (2012) confirmou ao mundo o avanço da modalidade. Na última Olimpíada, a equipe brasileira se classificou ao garantir o 1º lugar na fase de grupos e, apesar de não ter conquistado nenhuma medalha ao final da competição, obteve a 6ª colocação e superou o 7º lugar de Atenas (2004). Mesmo assim, os bons resultados, ainda consideram recente a chegada do handebol como esporte de massa, se comparado a outras práticas no país. Olivoto (2003) afirma que o principal obstáculo na popularização do handebol no Brasil é a lenta trajetória do esporte até chegar às escolas do país e atingir todas as classes sociais, o que dificultou sua aceitação, diferentemente do que aconteceu com o futebol.

d) Basquete

O esporte surgiu em 1891, como um desafio proposto a James Naismith, professor canadense. Ele teve que pensar em um jogo sem violência, que estimulasse os alunos durante o inverno, mas que também pudesse ser praticado no verão, em áreas abertas. Deu certo e, segundo a Confederação Brasileira de Basquete a primeira partida oficial de basquete aconteceu em março de 1892, entre alunos e professores, com uma bola maior que a de futebol. Já as tabelas foram oficialmente introduzidas em 1895 e o esporte adicionado ao programa olímpico nos Jogos de Berlim (1936)²².

Criado há pouco mais de 100 anos, o esporte rapidamente virou febre em muitos países. De 1936 – quando foi incluído na agenda dos Jogos Olímpicos então como esporte exclusivo para as seleções masculinas – até hoje, sofreu aperfeiçoamentos importantes, e não é exagero dizer que atualmente está entre os mais populares da Terra. (...) em Atenas 2004, foram vendidos mais de 300 mil ingressos para as partidas de basquete, o que representou 9,2%, aproximadamente, do total de entradas comercializadas em todos os esportes. (FREITAS E VIEIRA, p.7, 2006)

De acordo com a CBB, o basquete começou a ser praticado no Brasil em 1894 com uma questão inusitada: o americano Augusto Shaw trouxe a modalidade para o país – quando recebeu o convite para lecionar no colégio Mackenzie - e teve a adesão imediata das mulheres, fato que provocou uma recusa temporária dos homens em relação a esse esporte, em decorrência ao próprio machismo da sociedade. Já nas Olimpíadas, a primeira vez em que uma equipe feminina participou foi em 1976, no Canadá. Na época, segundo Ecamilla (1992 apud Gitti e Junior, 2005), a atletas russas eram supremacia absoluta em relação aos outros países e dominavam todas as competições femininas. No Brasil, a geração áurea foi a de 1994, que atuava sob o comando de Hortência e Paula sagrou-se campeã mundial naquele ano.

Protagonizou muitas apresentações gloriosas, e entre as mais representativas estão o jogo contra Cuba, com a vitória celebrada “nas barbas” do líder Fidel Castro, nos Jogos Pan-americanos de Havana de 1991; o ouro conseguido no Campeonato Mundial em 1994; e a partida que resultou na inédita prata olímpica obtida em Atlanta 1996. Em todas as apresentações havia a força do grupo, que contava com a participação das jogadoras Hortência, Paula e Janeth. (FREITAS E VIEIRA, p.11, 2006)

²² Confederação Brasileira de Basquete: <http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/HistoriaOficial> e jornal O Globo <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/esportes/basquete-feminino-9667318>. Acesso em: 1/12/2013

Depois da medalha em Atlanta (1996) e outra em Sydney (2000), de prata e bronze respectivamente, a seleção feminina passou a enfrentar uma fase de reafirmação no basquete Nas Olimpíadas de Londres (2012), a única vitória da equipe aconteceu no último jogo, quando já estava eliminada.

e) Judô

De acordo com a Confederação Brasileira de Judô, a luta surgiu em 1882 quando Jigoro Kano fundou o chamado Instituto Kodokan, que veio a ser a principal fonte de ensinamentos sobre artes marciais. Desde o seu surgimento, a modalidade se estendeu a mulheres e crianças e não restringiu sua prática apenas aos homens, como observado em outros esportes. No entanto, a técnica do judô vai além do que é exigido ao físico do atleta, pois trabalha tanto o corpo quanto a mente²³. Apesar de não existir uma história oficial sobre a chegada do judô no Brasil, segundo Soraia André – atleta e pesquisadora da modalidade – (2004 apud SHINORARA, 1982, p.70) o esporte teve sua primeira aparição em terras brasileiras por volta de 1908.

Existiram duas correntes de um lado os praticantes que após um dia de trabalho na agricultura, faziam do judô uma forma de lazer e de outro lado a corrente que formava os “lutadores”, aqueles que lançavam e aceitavam desafios, dentre eles Mitsuo Maeda (Conde Koma). Segundo Sugai (2000), nos relata que em 1963, Eico Suzuki, recebeu o diploma de faixa preta, sendo assim a primeira mulher na América do Sul. A mesma autora ainda relata o “modo duro” de lutar das judocas brasileiras. (ANDRÉ, 2004, p.70)

André (2004, p.70) explica que o Estado Novo foi responsável pelas medidas que normatizaram a prática esportiva feminina no Brasil e proibiram a adesão das mulheres a quaisquer tipos de esportes que “fossem incompatíveis às condições de sua natureza” – as lutas, futebol de salão, polo aquático, futebol de praia, rúgbi, halterofilismo e beisebol – por meio do decreto regulamentado pelo Conselho Nacional de Desporto (nº7/65). Somente após 14 anos de sua vigência, o decreto foi revogado, iniciando oficialmente o judô feminino no país, com o primeiro Campeonato Paulista realizado na cidade de Americana, SP.

Em se tratando de Olimpíadas, o esporte foi apresentado na edição de Seul (1988) com apenas duas atletas do Brasil, mas surgiu nas edições seguintes com mais representatividade.

²³ Confederação Brasileira de Judô. Disponível em: http://www.cbj.com.br/institucional_historia. Acesso em: 4/12/2013

É importante destacar aqui que a edição de Londres (2012) foi histórica para a modalidade, principalmente para as atletas brasileiras, devido ao feito de Sarah Menezes, que conquistou a primeira medalha de ouro feminina do Brasil no judô olímpico.

f) Boxe

Segundo a Confederação Brasileira de Boxe o esporte nasceu na Inglaterra por volta do século XIX e era praticado a mãos nuas, considerado, portanto, uma luta de golpes brutais. Em 1872, no entanto, novas regras foram determinadas para o boxe e passaram a ser exigidos intervalos entre os rounds de três minutos e o uso da luva durante as lutas²⁴.

Até o início do século XX, no entanto, a modalidade era praticamente desconhecida no Brasil. De acordo com Freitas e Vieira (2007, p.19) o governo passou a incentivar a abertura de academias especializadas a partir de 1920, quando a prática foi fortemente divulgada e legalizada. No que se trata de Olimpíadas, alguns historiadores afirmam que o boxe teria sido uma das primeiras modalidades proibidas quando os gregos passaram a governar os ortodoxos, antes mesmo do fim dos Jogos na Grécia Antiga.

Mesmo com o retorno do evento na Era Moderna, sua volta só aconteceu na terceira edição das Olimpíadas, em St. Louis (1904), ainda como modalidade experimental. A partir de Londres (1908) o esporte foi praticado em todas as edições seguintes – exceto em Estocolmo (1912). O Brasil, no entanto, possuía apenas uma medalha de bronze conquistada nas Olimpíadas da Cidade do México (1968) e ainda não fazia parte do programa olímpico feminino até a última edição dos Jogos. Realidade que mudou em Londres (2012), quando o Brasil não só totalizou três medalhas, como voltou a atenção do mundo para a primeira mulher a subir no pódio do boxe olímpico, a atleta Adriana Araújo.

6.4. Olhar inicial e categorias de análise

²⁴ Dados obtidos nos sites oficiais da Confederação Brasileira de Boxe e da Federação de Boxe do Estado de Santa Catarina. Disponível, respectivamente em: http://www.cbboxe.com.br/boxe_amador_historia.htm e http://febesc.com.br/cariboost_files/Hist_C3_B3ria_20do_20Boxe.pdf. Acesso em: 10/12/2013

A primeira leitura do *corpus* – definido como as notícias referentes à participação da atleta brasileira nas modalidades esportivas que apareceram com mais frequência na cobertura olímpica dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo - teve o objetivo de identificar os possíveis rumos da análise. Portanto, o ponto de central foi questionar de que forma a mídia se propõe a retratar a personagem feminina no esporte de competição: o que é levado em conta na construção da imagem da mulher e como o resultado dessa abordagem se relaciona a questões comuns à sua presença em outras esferas da sociedade, como família, trabalho ou padrões subentendidos? O momento vivido pela atleta ou equipe na competição (vitórias e derrotas) influencia nesse retrato de forma positiva ou negativa? Existem variações na representação das atletas de cada modalidade?

Dessa forma, ao investigar o pensamento da mídia diante das perspectivas apresentadas, procuramos relacionar alguns fatores à construção do perfil idealizado da mulher – que também se manifesta claramente no ambiente esportivo - e transformá-los em categorias de análise. São eles: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO) que, como categorias, tornam-se responsáveis por auxiliar na análise dos dados.

De acordo com Bardin (p.117, 2002) a categorização constitui-se de classificar elementos de um conjunto por meio de sua diferenciação, seguida de reagrupamento. No caso da análise de conteúdo, as categorias reúnem unidades de registro, procurando agrupá-las por meio de uma razão comum, que podem ser estabelecidas por meio de critério semântico (temas), sintático (verbos, adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido ou sinônimo) e expressivos (algo que represente a perturbação da linguagem).

Definidas as categorias de análise, estabelecemos as unidades representativas (sintaticamente) do *corpus* segundo os critérios descritos na Tabela 15. Depois, apresentamos nas tabelas seguintes os termos mais recorrentes na representação da mulher-atleta nas notícias veiculadas pela Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo em cada modalidade (lembrando que as modalidades definidas como objeto de análise da Folha são o vôlei, o futebol e o handebol, enquanto no Estado, temos o vôlei, o basquete e o judô. O boxe, por sua vez, será analisado como um todo, pois não foi incluído entre as principais modalidades, mas sim como modalidade chave das Olimpíadas de 2012).

Tabela 15: Categorias da análise representativo-quantitativa

Fator emoção (FE)	Unidades de texto que abordam uma derrota (ou falha) e uma vitória (ou o bom momento na competição) e se referem ao contexto vivido – seja da equipe ou de uma atleta em particular – considerando apenas os aspectos emocionais.
Fator técnica (FT)	Unidades de texto recorrentes ou não da linguagem esportiva que remetam à sua técnica ou retratam a atuação e a situação da atleta e da equipe de acordo com seu desempenho na competição (força, habilidade, treinamento, objetivos).
Fator gênero (FG)	Unidades de texto que comparam o comportamento de atletas do gênero masculino e feminino dentro da competição ou façam alguma referência a homens.
Fator estereótipo (FO)	Unidades de texto que não se encaixem no FE e no FT, que por ventura possam apresentar traços de subjetividade e pré-conceitos ou apenas sejam usadas para caracterizar a equipe ou a atleta segundo seu comportamento ou o seu físico.

a) Dados do jornal Folha de São Paulo

Tabela 16: unidades de texto recorrentes no vôlei

FE	FT	FG	FO
Vibrar	Passearam	Grandes favoritos	Freguesia
Incendiado	Penou	Hegemonia	Carro-chefe
Raça	Falta de agressividade	Quebrada	Revelação
Pressão	Decepcionantes	Marido	Respeitada
Abalaram	Triunfo	Desvendar	Pressionado
Dolorido	Caminho tortuoso		Aliviada
Apelou	Desastrosa		Aflitas
Convincente	Sufoco		Azarão
Corde no pescoço	Gigante		Fortalecida
Pesadelo	Sofrível		Olívia Palito
Alegre	Suada		Estrelas
Traumáticos	Impondo		Perfeccionismo
Timidez	Desarmaram		Cabisbaixas
Obsessão			Pupilas
Negativa			Preferida
Confiança			Vibrante
Drama			Unido
Suor			Massacrado
Superação			Esboço apagado
Desastroso			
Gloriosa			
Humilhante			
Festa			
Coreografia			
Lágrimas			
Fundo do poço			
Mágoa			
Alívio			

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 17: unidades de texto recorrentes no futebol

FE	FT	FG	FO
Poupou	Favoritismo		Abandono
Frustrações	Golear		Arrasador
Bronca	Duella		Conflituosa
Fraqueza	Triunfo magro		Paz e amor
No grito	Confronta		Estrelas
Gentileza	Queda		Experientes
	Regular		Assustado
	Na bola		Pesadas
	Massacre		Damas

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 18: unidades de texto recorrentes no handebol

FE	FT	FG	FO
Abatimento	Show	Suspiros	Preparado
	Sucesso	Marmanjos	Patinho feio
	Combustível		Goleadoras
	Erros		Respeitado
	Expressivo		Uniforme
	Apertada		Alta popularidade
	Irregular		Pupilas
	Forças		
	Caro		
	Boa		
	Histórico		
	Luxo		
	Surfam		
	Inédita		
	Favoritismo		

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 19: unidades de texto recorrentes no boxe

FE	FT	FG	FO
Preconceitos	Tabu	Sobrevive	Humilhada
	Acomodou	Superado	Semblante sério
	Socos potentes	Disparou	Pioneira
	Expansão	Ataque	Cria
	Enquadrar	Acusações	Irritada
	Optar	Contaminadas	Corpo
	Polêmica	Pupilos	Tatuagem
	Batida	Cartola	Bate-boca
		Duelos masculinos	Toque feminino
		Casamento	Delicadeza

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

b) O Estado de São Paulo

Tabela 20: unidades de texto recorrentes no vôlei

FE	FT	FG	FO
Paciência	Ruim	Força	Destaque
Coração	Ótimo	Exceção	Desesperado
Fundo do poço	Equilibrar	Vitoriosos	Eufóricas
Palavra amiga	Arrasadora	Casal dourado	Garra
Carinho	Festejada	Heróis	Vontade
Autoestima	Saudada		Iluminada
Mal	Reação		Glorificada
Superação	Espetacular		Superpoderosas
Sofrido	Show		Pressionada
Sorriso amarelo	Memorável		Talentosas
Gana	Moral		Nas nuvens
Alegria	Impor		Mordidas
Dramática	Missão		Meninas
Irritam	Complicada		Confiança
Tranquilidade	Abusou		Acabada
Ebulição	Poder de fogo		Revoltada
Alegre	Delicada		Ansiedade
Agressividade	Quebraram		Fundamental
Lamentar	Acordou		Diferenciada
Injusta	Pressão		
Otimista	Convincente		

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 21: unidades de texto recorrentes no basquete

FE	FT	FG	FO
Humilhante	Reagir	Namorado	Pior
Choravam	Decisão		Indisciplina
Desabafar	Problemático		Inconsoláveis
Intranquilidade	Qualidade		Disperso
Insegurança	Equilíbrio		Evolução
Calma	Fracassos		Mulheres
Decepcionante	Equivocados		Eliminada
Melancólico	Triunfo		Incapacidade
Frustrante	Digna		Meninas
Otimismo	Surpreender		Estrela solitária
	Sonhando		Missão
	Crise		Irritada
	Façonha		
	Palpável		
	Apagão		

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO)

Tabela 22: unidades de texto recorrentes no judô

FE	FT	FG	FO
Chorou	Conquistas	Heróis	Veterana
Desabafou	Apoio	Falharam	Sucesso
Triste	Coroar	Homens	Prodígio
Descontrolaram	Tradição	Treinamento	Estilo agressivo

Soluçando	Moleza	Diferenciado	Revolta
Enfureceu	Controle	Talento	Gigante
Bateu pesado	Qualidade	Bom	Segura
Sensacional	Credibilidade	Briga	Madura
Emocionante		Namorado	Determinada
Nervosismo		Desempenho	Agressiva
Sentimentos		Batia	Soberba
Contagiate		Garotos	Mulher
Lágrimas		Tranquilidade	Eufórica
Sorriso			Desacreditado
Tensão pré-menstrual			Brigar na rua
Vaidade			Agressividade
Problemas			Descontraída

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO)

Tabela 23: Unidades de texto recorrentes no boxe

FE	FT	FG	FO
Confiante	Agressiva	Felizes	Valente
Personalidade	Calculista	Equilibrados	Afoita
Problemas	Ritmo	Ambição	Descontraída
	Menos intenso	Concentração	
	Surpresa tática	Feito histórico	
	Triunfo		
	Muito forte		
	Posicionou		
	Encurralar		
	Boa pontaria		
	Concentração		
	Estratégia		

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Para construção das tabelas acima, desconsideramos títulos e linhas finas, que serão analisados em outra etapa deste estudo. O procedimento de busca por palavras relacionadas às atletas brasileira nas quatro categorias citadas anteriormente possibilitou um primeiro olhar sobre a representação da mulher nos jornais escolhidos. Portanto, no capítulo a seguir, o *corpus* será analisado quantitativamente, a fim de organizar a amostra. Depois, seguiremos com a análise qualitativa e a interpretação dos dados expostos.

7. ANÁLISE QUANTITATIVA DO OBJETO

7.1. Da frequência

Neste capítulo, trataremos as análises quantitativas do objeto expostas com base no sentido e nas frequências. Dessa forma, as tabelas apresentadas a seguir reúnem dados obtidos por meio da exploração do *corpus* apresentado anteriormente. Nas tabelas 24, 25, 26 e 27 trazemos resultados prioritariamente relacionados à frequência das unidades de texto, enquanto nas tabelas 28 e 29 os dados fazem referência ao título da notícia e a sua relação com os fatores definidos anteriormente. No item seguinte, serão expostas as análises quantitativas com foco no sentido.

**Tabela 24: frequência de cada fator por modalidade segundo as unidades de texto
Folha de São Paulo**

Mod.	FE	FT	FG	FO
Vôlei	43%	20%	7,6%	29,2 %
Futebol	25%	37,5%	0%	37,5%
Handebol	4%	60%	8%	28%
Boxe	3.3%	26,6%	33,3%	36,6%

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

**Tabela 25: frequência de cada fator por modalidade segundo as unidades de texto
O Estado de São Paulo**

Mod.	FE	FT	FG	FO
Vôlei	31,8%	31,8%	7,5%	28,7%
Basquete	26,3%	39,4%	2,6%	31,5%
Judô	30,9%	14,5%	23,6%	30,9%
Boxe	13%	52,1%	21,7%	13%

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Depois de calcular a frequência dos fatores já definidos previamente, foi possível traçar algumas ideias iniciais sobre a representação da atleta brasileira em cada modalidade nos jornais escolhidos como objetos de análise. Apesar de o vôlei ser o esporte mais noticiado nos dois periódicos, existiram diferenças nas porcentagens entre os fatores. Na Folha de São Paulo, o fator emoção aparece com 43%, enquanto no Estado de São Paulo a mesma categoria apresenta 31,8%, empatada com o fator técnica. Mas ao observar a abordagem escolhida pelos dois jornais – considerando as unidades de texto como um todo – é possível diagnosticar a

carga emotiva presente nas notícias de ambos, principalmente na Folha, em que o fator técnica tem frequência de 20%, ficando na frente apenas do fator gênero.

O futebol – segunda modalidade mais noticiada na Folha de São Paulo – surge com 0% de frequência no fator gênero. O resultado surpreende se levarmos em conta outras publicações sobre o esporte, que normalmente fazem comparações entre as equipes feminina e masculina. No entanto, há um empate entre os fatores técnica e estereótipo – com 37,5% – o que evidencia a valorização da atleta como profissional sem deixar de lado a subjetividade em relação à sua performance.

O handebol aparece como terceira modalidade que mais foi notícia e se destaca pelo contraste do fator técnica – com frequência de 60% – comparado aos outros fatores observados. A segunda modalidade mais noticiada no jornal O Estado de São Paulo foi o basquete e também aparece evidenciando o fator técnica com 39,4% de frequência. O desempenho da equipe foi bastante criticado ao longo das Olimpíadas, trazendo à tona justamente as dificuldades técnicas da equipe dentro de quadra. Por sua vez, o judô, que aparece em terceiro lugar na quantidade de notícias veiculadas, foi a modalidade que apresentou menor percentual no que diz respeito à técnica – com 14,5% – e empatou nos fatores emoção e estereótipo, índices com frequência de 30,9%. Quando se leva em conta a realidade deste esporte no Brasil e os preconceitos que o qualificam como prática masculina, podemos justificar tais resultados. Outro ponto a se considerar é o índice de 23,6% no fator gênero, que só aparece maior no boxe.

Por fim, calculamos a frequência de cada fator no boxe – tanto na Folha de São Paulo, quanto no Estadão – e encontramos resultados bastante diferentes. Ainda que em ambos os jornais a técnica tenha aparecido com números elevados – 26,6% e 52,1% respectivamente – o fator emoção é praticamente nulo na Folha e a frequência concentra-se primeiramente no fato estereótipo, depois no gênero, o que sugere uma representação carregada de subjetividades. Já no segundo periódico os fatores emoção e estereótipo aparecem empatados com 13%.

Para avaliar o impacto dos resultados obtidos com as tabelas 24 e 25, precisamos considerar também os índices das tabelas seguintes, em que iremos comparar a incidência de unidades de texto negativas, positivas e neutras nas notícias de cada modalidade.

Tabela 26: Incidências positivas e negativas - jornal Folha de São Paulo

Modalidade	Positivas	Negativas	Neutras	Total
Vôlei	41,5%	49,2%	9,2%	65 unidades
Futebol	41,6%	50%	8,3%	24 unidades
Handebol	62,5%	29,1%	8,3%	25 unidades
Boxe	31,3%	41,3%	27,5%	29 unidades

Tabela 27: Incidências positivas e negativas - jornal O Estado de São Paulo

Modalidade	Positivas	Negativas	Neutras	Total
Vôlei	66,6%	30,3%	3,3%	66 unidades
Basquete	31,5%	60,5%	7,8%	38 unidades
Judô	50,9%	27,2%	21,8%	55 unidades
Boxe	78,2%	10,7%	8,6%	23 unidades

A partir dos resultados obtidos com a análise das tabelas de unidades de textos, pudemos encontrar algumas diferenças na abordagem dos dois periódicos. Na Folha de São Paulo, obtivemos maior índice negativo em três esportes: vôlei (49,2%), futebol (50%) e boxe (41,3%). Já no Estado de São Paulo, os números foram negativos apenas no basquete (60,5%).

Na tentativa de relacionar a realidade sociocultural brasileira dessas modalidades com os dados encontrados, podemos nos atentar para o índice elevado de negatividade presente nos esportes mais tradicionais e considerados predominantemente masculinos – com exceção do vôlei, no Estadão. Em contrapartida, modalidades populares e em ascensão no universo feminino, como handebol (62,5%) e o judô (50,9) aparecem com somas positivas em sua representação.

Já o boxe surge como um enigma e apresenta dados completamente contrastantes nos dois periódicos, o que pode estar relacionado à própria linha editorial de ambos. O Estadão traz uma suposta positividade em suas publicações e concentra maior número de incidências negativas somente no basquete, que já chegava às Olimpíadas com uma imagem prejudicada e sem promessa de títulos justificadas pela desorganização e falta de incentivo à equipe – diferentemente da realidade vivida nos anos de Hortência na seleção brasileira. Por outro lado, o vôlei foi para a competição com status de campeão, mas decepcionou por um início de campanha apagada e com muitos problemas técnicos, que foram corrigidos ao longo dos Jogos. Portanto, ainda não é possível identificar justificativas concretas para a diferença na representação dessa modalidade, visto que os dois jornais acompanharam a ascensão da equipe feminina e seguiram a mesma linha de raciocínio – o que pudemos identificar na leitura das notícias: do status de zebra às heroínas das Olimpíadas de Londres.

Seguindo com a exploração do *corpus* com base na frequência, observaremos nas tabelas seguintes apenas os títulos das notícias. O objetivo é diagnosticar o enfoque dado a cada modalidade a partir da incidência dos mesmos fatores analisados anteriormente. Dessa forma, poderemos comparar o tipo de abordagem encontrada tanto no título da matéria quanto no corpo de texto, o que ajudará a identificar o verdadeiro sentido da mensagem a ser transmitida.

Tabela 28: Classificação geral do enfoque (fator) segundo o título da notícia Folha de São Paulo

Modalidade	Total de notícias	Fator			
		FE	FT	FG	FO
Vôlei	19	33,3%	33,3%	5,5%	38,8%
Futebol	9	22,3	77,7%	0%	0%
Handebol	7	0%	85,7%	0%	14,3%
Boxe	6	16,6%	16,6%	16,6%	33,3%

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Na tabela acima, nos debruçamos sobre os títulos das notícias selecionadas no jornal Folha de São Paulo e os classificamos segundo os fatores já apresentados nas análises anteriores. Depois, pudemos calcular a frequência em que cada fator aparece e encontramos o seguinte contexto: vôlei e boxe são as modalidades mais noticiadas a partir do fator estereótipo com 38,8% e 33,3%, respectivamente. Já o futebol e o handebol aparecem com mais frequência no fator técnica (com 77,7% e 85,7%). Porém, ao compararmos estes índices aos da tabela de análise das unidades de texto veremos que existe uma diferença entre os resultados referentes ao vôlei: a modalidade aparece representada majoritariamente pelo fator emoção (com 43%).

Outro ponto a ser comparado são os índices dos fatores gênero e estereótipo no futebol. Na tabela 24, a modalidade aparece com 0% no primeiro fator, mas apresenta 37,5% no segundo (empatado com o fator técnica) e coloca em conflito a relação do título da notícia e o seu conteúdo, já que aqui aparece com 0% em ambos. Por fim, também nos atentamos aos fatores emoção, técnica e gênero no boxe, que possuem o mesmo índice de 16,6%, mas aparece pouco representado no primeiro também na tabela 24.

**Tabela 29: Classificação geral do enfoque (fator) segundo o título da notícia
O Estado de São Paulo**

Modalidade	Total de notícias				
		FE	FT	FG	FO
Vôlei	21	26,3%	52,6%	0%	21%
Basquete	9	22,2%	55,5%	0%	11,1%
Judô	7	42,9%	57,1%	0%	0%
Boxe	3	0%	66,6%	0%	33,3%

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Nesta outra tabela, trouxemos a classificação dos títulos das notícias referentes ao jornal O Estado de São Paulo. O primeiro item a destacarmos tem a ver com o índice nulo de incidência do fator gênero em todas as modalidades, algo que não encontramos ao analisar apenas as unidades de texto. Pelo contrário, pudemos ver na tabela 25 a frequência de 23,6% para o judô e 21,7% para o boxe nesse fator, altas se comparadas às outras modalidades.

Já o segundo ponto de destaque na tabela 29 é o fator técnica, que aparece como o maior índice em todas as modalidades: no boxe (com 66,6%) e no judô (com 57,1%) os índices ficam mais evidentes. Neste último, é importante observarmos que o fator estereótipo aparece com 0%, enquanto na análise da notícia completa este é o índice de mais evidência (com 30,9%) no esporte em questão, contrastando título e corpo do texto novamente.

7.2. Do sentido

Nesta etapa da análise quantitativa, traremos outras tabelas que contarão com um levantamento de núcleos de sentido das notícias definidas como *corpus* (classificando-os também segundo fatores já enunciados). O objetivo é acompanhar o desenvolvimento da campanha das equipes ao longo das Olimpíadas e obter resultados sobre a essência da atuação das atletas e a maneira como elas foram representadas. Iniciaremos esse mapeamento pelo jornal Folha de São Paulo, com a apresentação cronológica dos núcleos de sentido e depois seguiremos com o mesmo procedimento para o jornal O Estado de São Paulo.

a) Folha de São Paulo

Tabela 30: levantamento de núcleos de sentido - vôlei

Data	Título	Fator
28/07	caminhada sob forte pressão	FE

	o retrospecto negativo recente	FT
	sofre com falta de agressividade	FT
	no masculino, o time viu sua longa hegemonia ser quebrada	FG
	problemas físicos se acumularam	FT
30/07	forjados em bases distintas	FT
31/07	o Brasil não sabe o que é ganhar das americanas	FT
	o time entrou mais agressivo	FO
02/08	abusavam das largadinhas	FT
	Kim resolvia o ponto na pancada	FT
	jogo equilibrado	FT
04/08	jogo difícil	FT
	arrancou lágrimas	FE
	apagão do time	FE
	time mais vibrante em quadra	FE
	com capacidade de superação, mas magoado	FE
	“cara de choro depois de um erro”	FO
	“fez uma cobrança”	FE
06/08	foi preciso uma corda no pescoço	FE
	acompanharam aflitas	FO
	unicamente com seus esforços	FT
	celebrar sua suada classificação	FE
	momentos traumáticos da seleção feminina	FE
07/08	campanha desastrosa	FO
	histórico de duelos decisivos	FT
	após uma vitória convincente	FT
08/08	representaram só um esboço apagado do time	FE
	acumulado atuações apagadas	FT
	o Brasil se sente mais fortalecido	FT
09/08	já chorou após errar	FO
	deixou escapar algumas lágrimas	FE
10/08	estavam cabisbaixas e jogavam mal	FO
	excesso de cobrança e falta de confiança	FO
	“Elas precisam de carinho”	FO
	confiante no equilíbrio emocional das pupilas	FE
	madrugada de análises de vídeos	FT
11/08	impor seu ritmo e não se abalar	FT
	se preocupar com o controle emocional da equipe	FT
	parecia ser a preferida de Zé Roberto	FO
12/08	trajetória cheia de percalços, suor, drama e, sobretudo, superação	FE
	a torcida no Earls Court embalou	FO
	na hora do hino, muitas lágrimas	FE
	quando a equipe ergueu a cabeça após a derrota	FE
	Zé Roberto, que desde 2003 tenta “desvendar as mulheres” para comandar	FO
13/08	exibiam um semblante fechado	FE
	os jogadores foram consolados pelas campeãs	FG
	ele assistiu sua mulher ser a estrela	FG
	Murilo até foi cobrado para ter desempenho similar	FG

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 31: levantamento de núcleos de sentido - futebol

Data	Título	Fator
25/07	garota baixinha e franzina, de dribles rápidos	FO/FT
	a começar pela relação com a CBF – antes conflituosa, agora é de paz e amor	FE
	“tem mais espaço para falar e pedir o que é necessário”	FT
	a missão do time nesta Olimpíada é apagar a má imagem	FE
26/07	as mulheres não tiveram nenhuma dificuldade	FT
	mais um show da dupla formada por Marta e Cristiane	FT

	Cristiane devolveu a gentileza para Marta “algumas jogadoras são pesadas”	FT/FE FO
28/07	então, deve impor resistência da equipe o abandono e a falta de condições da modalidade “precisamos ganhar essa medalha de ouro”	FT FT/FE FE
29/07	não foi fácil como o favoritismo do Brasil faria crer que seria	FT
31/07	fizeram muitos gols e não sofreram nenhum sempre houve pelo menos um tropeço o Brasil tem o melhor saldo de gols da competição	FT FT/FE FT
01/08	uma bronca pública do treinador o clima de frustração e preocupação nervosa e sem um dia brilhante de Marta assustado, o time brasileiro tentou em vão irritada com as perguntas	FE FE FE FE/FO FE/FO
03/08	nunca deixou de por o que tinha de melhor em campo começou arrasador e foi caindo e produção	FT FT
04/08	com atuação apenas regular de Marta apoio estrutural à modalidade no país o time começou a dar sinais de fraqueza a seleção até esboçou pressão	FT FT FE FT

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 32: levantamento de núcleos de sentido - handebol

Data	Título	Fator
30/07	disputar a primeira colocação do grupo o Brasil evite um cruzamento contra a Noruega sétimo lugar em Atenas 2004	FT FT FT
31/07	pelo seu desempenho em quadra e pelo uniforme “é bem feminino” arrancou suspiros dos marmanjos	FO FO/FG FO/FG
02/08	acrescente mais um feito histórico a seu currículo se dar ao luxo de utilizar a partida como treino é dirigida com mão de ferro o Brasil lidera com 100%	FT FT FO FT
03/08	surfam uma maré de bons resultados confirmar o favoritismo	FT FT
04/08	teve interrompida a sequência de três vitórias	FT
06/08	vitória apertada	FT
08/08	diferença de seis gols feito comemorado pelas jogadoras e comissão técnica até a vida sexual de uma atleta virou debate para ver uma das partidas das meninas o time passou a ser respeitado brasileiras tiveram que medir forças cometer erros bobos no ataque	FT FT FO FE FT FT FT

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 33: levantamento de núcleos de sentido - boxe

Data	Título	Fator
05/08	garantir a expansão de gênero qual será o destino do boxe feminino aumento do número de vagas para mulheres volta do boxe feminino era um absurdo pra mulher	FG FG FT FT FO

06/08	competiram pela primeira vez no boxe	FG
	não havia um só lugar vago	FO
	nos duelos masculinos, as arquibancadas tinham espaços vazios	FO
	toque feminino marcou	FO
	reencontro do boxe feminino com os jogos	FO
	assistiu a uma dose de delicadeza	FO
	no calor do combate, irritada	FO
	a primeira brasileira a subir no ringue olímpico	FO
07/08	marcar a data do casamento	FO
	dois brasileiros lutam hoje	FT
07/08	“não prestam atenção em mim”	FT
	ela derrubou ontem um tabu	FT/FO
	“a Adriana Araújo fez história”	FT/FO
	semblante sério	FE
08/08	será mais reconhecido	FT
	s quantidade de tatuagens	FO
09/08	fontes de inspiração	FE
	bate boca com cartola	FO
	o dirigente respondeu ao ataque	FE
	“essa medalha foi para calar a boca”	FE/FT
	“sou uma mulher de opinião”	FE
	centésima medalha	FT
	afirmou ter sido humilhada	FE
é consolada	FE	

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Nas tabelas acima, evidenciamos os sentidos das abordagens feitas diariamente pelo jornal Folha de São Paulo, considerando as frases núcleos das notícias. No vôlei, tivemos destaque no fator técnica (com 34,6%) e no fator emoção (com 32,6%). No futebol, 59,2% dos núcleos de sentido faziam referência também ao fator técnica – lembrando que o 0% no fator gênero foi mantido. Devemos ressaltar também o handebol, com 71,4% do enfoque dado ao fator técnica, em detrimento dos 44,8% referentes ao fator estereótipo no boxe. Apenas esta última modalidade e o vôlei não aparecem com índice nulo no fator gênero.

b) O Estado de São Paulo

Tabela 34: levantamento de núcleos de sentido - vôlei

Data	Título	Fator
26/07	jogadora fundamental para a seleção	FT
	ele a considera uma atleta diferenciada	FO
29/07	possa ganhar confiança	FE
	mostrar algumas das deficiências da equipe	FT
	tem garra e volume de jogo	FT
30/07	“ter treinado com um time masculino foi bom”	FO
	Um bom descanso para as meninas é fundamental”	FE
31/07	deixou a seleção em situação delicada	FE
	colocou pressão no adversário	FT

	as atletas do Brasil demonstraram confiança	FE
	não pode ser considerada uma zebra	FO
01/08	não teve muito tempo para lamentar derrota	FE
	é muito importante o resultado positivo	FT
	a derrota para os Estados Unidos já foi superada	FE
02/08	“eu estou acabada”	FE
	o Brasil abusou dos erros	FE
	sem muito poder de fogo	FT
04/08	consigam lidar melhor com as críticas	FE
	algumas jogadoras desabafaram	FE
	“precisamos de maturidade para lidar com a pressão”	FE
05/08	a ansiedade é grande no grupo	FE
	a equipe brasileira está otimista	FE
06/08	o vôlei feminino está nas quartas de final	FT
	beneficiado pela fragilidade das adversárias	FE
	ser uma das protagonistas de uma campanha com os heróis da modalidade, como Murilo	FG
07/08	depois de uma classificação sofrida	FE
	a confiança da equipe aumentou	FE
	“quem tiver mais controle, vence o jogo”	FT
08/08	a seleção feminina foi bloqueando todos os traumas do passado	FE
	fez um treinamento com os garotos da seleção juvenil	FT
	vinha bastante pressionada principalmente por causa das fracas atuações	FT
09/08	uma partida memorável contra a Rússia	FT/FE
	precisarão de paciência oriental	FE
	as brasileiras se irritam diante de times que não deixam a bola cair	FE
	não vinham lidando bem com as críticas	FE
	e ficarem ainda mais mordidas	FE
	causou uma ebulição no grupo	FE
	as jogadoras foram ganhando confiança	FE
10/08	Deixar o coração na quadra	FE
	“não vamos desistir nunca”	FE
	“estava todo mundo desesperado”	FE
	se controlar para evitar o choro	FE
	“precisavam de uma palavra amiga e de carinho”	FE
	resgatar a autoestima	FE
	garra e vontade sem limite	FE
11/08	o time ganhou moral	FT/FE
	quebrar a sequência de derrotas	FT
	exercício para defesa e bloqueio	FT
	reverter uma situação ruim	FT
	tentará fazer de tudo para anulá-la	FT
	equilibrar a situação diante das norte-americanas	FT
12/08	o Brasil pode fazer história	FE
	superioridade brasileira	FT
	festa da medalha	FT
	o sorriso amarelo da primeira fase	FE/FO
	dourado da medalha conquistada	FE/FT
	meninas talentosas comandadas por um técnico vencedor	FE
	“serviu para calar a boca”	FE
	mostrou poder de reação	FE
	acho que foi um milagre	FE
	brilhou, decidiu o jogo	FE
	foi considerada a explicação para a vitória brasileira	FE
	“acho que fui glorificada”	FE
	“somos um grupo de guerreiras”	FE
	casal dourado	FO
	encomendar outra medalha dourada	FT

agora é campeão olímpico de novo	FT
Não teve um papel tão importante	FE
“milha filha está crescendo”	FE
“acho que fui mal aproveitada”	FE

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 35: levantamento de núcleos de sentido – basquete

Data	Título	Fator
28/07	a seleção feminina de basquete largou mal	FT
	acabaram derrotadas pela França	FT
	“deixamos de defender, de ter comunicação”	FT
29/07	vivia um momento de crise	FE
	com a jogadora, o Brasil ganha poder defensivo	FT
30/07	um dia para esquecer a frustração	FE
	irritada com a atuação do time	FE
31/07	vencer para continuar sonhando	FT
	apresentaram um discurso ensaiado	FT/FE
	a incapacidade de definir as partidas	FE
	Equipe se desliga do jogo e deixa o adversário impor	FE
1/08	“temos perdido a nossa confiança”	FE
	a seleção feminina de basquete começa a jogar suas últimas fichas	FT
	além de enfrentar um adversário temido	FT
	uma vitória nos coloca de novo na briga	FT
2/08	faltou qualidade	FT
	quebrar a série de fracassos	FT
	todas as jogadoras da seleção choravam	FE
	algumas inconsoláveis, como a pivô Érika	FE
	Adrianinha respirou fundo para desabafar	FE
	quando não conseguia controlar o choro	FE
	a intranquilidade e a insegurança do time	FE
os arremessos nem se quer esbarravam no aro	FE	
03/08	evitar uma eliminação precoce que seria humilhante	FE
	“elas tem de levantar a cabeça e contagiar as demais”	FE
	“o choro da maioria delas após a derrota”	FE
	sua saída inesperada, por indisciplina, virou assunto proibido	FO
04/08	quatro jogos, quatro derrotas	FT
	mas um futuro menos melancólico já está sendo construído	FE
	a experiência em Londres servirá para o crescimento	FT/FE
06/08	a equipe brasileira já entrou eliminada	FT
	com campanha decepcionante	FT
	ela conseguiu double double, com 15 pontos e 12 assistências	FT

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 36: levantamento de núcleos de sentido - judô

Data	Título	Fator
29/07	primeira vez que uma judoca brasileira sobe no lugar mais alto do pódio	FT
	o brasileiro teve um desempenho muito bom	FT
	reclamando das dificuldades financeiras	FT
	Sarah foi gigante no tatame	FE
	passou pelas cinco adversárias como se fosse uma veterana	FT
	determinada, só foi externar sua satisfação	FE
	agressiva, com o controle da luta	FE
		FE/FT
	jamais demonstrou nervosismo	FE

	“lutei sem pressão e confiante”	FE
	a relação da família de Sarah com o judô não foi tão amistosa	FE
	“se tratava de um esporte para homens”	FO
30/07	começou no judô por gostar de brigar na rua	FO
	terá de transformar toda essa agressividade em qualidade técnica	FO
	Rafaela chegou a Londres com credibilidade	FT
	única brasileira medalhista em uma Olimpíada	FT
	no masculino, Bruno Mendonça deve superar facilmente	FG
	mas depois terá pela frente o duríssimo georgiano	FG
31/07	não é uma mulher que esconde seus sentimentos	FO
	com lágrimas nos olhos e um sorriso aberto	FE
	sabe muito bem conviver com tensão pré-menstrual, briga com namorados,	FO
	vaidade e tudo que faz parte do dia a dia de uma mulher	
	eu as adotei como filhas e elas me adotaram como mãe	FE/FO
	além de administrar problemas pessoais de suas atletas	FE/FO
	um grupo desacreditado em um dos mais respeitados	FT
	as mulheres tenham um desempenho melhor que os homens	FO
03/08	40 minutos para superar dores físicas e mentais	FE
	“tive muita vontade de chorar”	FE
	“meu coração também estava machucado”	FE
	“uma medalha você nunca conquista sozinha”	FT
	a brasileira chorou após deixar o tatame	FE
	“o Brasil precisar ter mais respeito por seus heróis”	FO/FG
	“quando eu era atleta, faltava tudo”	FT
	“os homens tinham toda a estrutura e nós nada”	FT/FG
	Mayara Aguiar é tratada como uma judoca prodígio	FT
	com um estilo agressivo que busca o ippon	FT

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Tabela 37: levantamento de núcleos de sentido - boxe

Data	Título	Fator
06/08	entrou para a história do boxe brasileiro	FT
	valente e muito forte para a categoria	FT
	com personalidade, Adriana se posicionou desde o primeiro round no	FT
	ataque	FT
	Adriana acertou duas ótimas direitas	FT
	um dos pontos descontados foi por ter agarrado a adversária	FT
	“elas foram bem, deram o máximo”	FT
07/08	felizes, mas equilibrados	FE
	“ainda pode vir o ouro”	FE
	Adriana mostrou-se calculista e precisa	FT
	c brasileiro fez uma luta tática	FT
09/08	foi a última aparição da brasileira no boxe amador	FT
	a primeira brasileira a ganhar medalha no boxe desabafou	FT
	“ele nunca apoiou o boxe feminino”	FT/FG
	“entrei para jogar no contra-ataque”	FT
	“nada vai tirar o brilho de sua conquista”	FT/FO

Legenda: fator emoção (FE), fator técnica (FT), fator gênero (FG) e fator estereótipo (FO).

Ao observarmos as últimas tabelas da análise quantitativa referentes à classificação dos núcleos de sentido, pudemos nos atentar à maior concentração de fatores técnica e

emoção. No vôlei, no basquete e no judô, o segundo fator aparece mais (com índices de 62,5%, 54,5% e 40% respectivamente), enquanto no boxe, a técnica predomina (com altos 81,25%) e o fator emoção surge apenas com 12,5%. Em todas as modalidades, os fatores gênero e estereótipo obtiveram baixos percentuais – no basquete, o primeiro foi nulo e o segundo teve somente 3,03%. Já vôlei e judô têm 5,5% e 22,8% (respectivamente) no fator estereótipo, enquanto boxe marca 6,25% nos dois fatores. No Estadão em geral, um fato curioso a destacar é que sempre que o fator gênero apareceu (em especial no vôlei e no judô) foi exaltando a participação masculina na modalidade, usando o termo “heróis” para se referir os homens.

8. ANÁLISE QUALITATIVA E COMPARATIVA DO OBJETO

O jornalismo esportivo atual tenta cada vez mais se aproximar de seu público e consagrar o esporte como objeto de identidade nacional – exemplo disso é a mudança no formato das coberturas esportivas ao longo da história, que busca aproximar atletas e seu torcedor. No entanto, é certo que algumas modalidades aparecem com mais destaque do que outra seja por conta da popularidade da prática no país ou até mesmo pela própria campanha da equipe.

No jornal Folha de São Paulo, tivemos vôlei, futebol e handebol entre as modalidades mais noticiadas, enquanto no Estadão foram vôlei, basquete e judô. Decidimos tratar separadamente dos esportes que aparecem apenas em um jornal e trazer o vôlei apenas no item que compara a cobertura dos dois veículos, assim como o boxe, que apesar de ter chegado tardiamente na competição, surpreende por aparecer com destaque diferente nos dois jornais.

8.1. Folha de São Paulo

O futebol feminino se manifesta como uma modalidade que ainda procura se fortalecer. Apesar de seu caráter histórico e muitas vezes político, não recebe o apoio necessário como esporte de competição entre as mulheres. Parte desse pensamento fica evidente quando algumas matérias trataram da relação do time com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em momentos anteriores e posteriores à derrota que eliminou o Brasil das Olimpíadas. A primeira notícia sobre a equipe tem o seguinte título: “Nova direção aproxima CBF do time feminino” e fala sobre celebrar a paz, justificada pela ajuda do presidente da organização, José Maria Marin, à reestruturação da modalidade. Em contrapartida, as notícias veiculadas na reta final não apresentam o mesmo otimismo e ainda reproduz a fala de atletas que culpam a própria falta de estrutura e apoio pela derrota da seleção.

Na análise referente à frequência, os fatores técnica e estereótipo empatam com o índice de 37,5%, o que sugere certo tipo de incoerência, pois apesar de encontrarmos uma possível valorização da atuação das atletas, os traços de subjetividade ainda aparecem no discurso sobre o grupo, mesmo que não relacionados ao gênero – que possui um índice de 0%.

Porém, mesmo que tenhamos o inesperado percentual de 0% no fator gênero em um esporte predominantemente masculino, resultado de uma cobertura possivelmente livre de comparações, a diferença entre essas duas abordagens está no status de herói existente no tratamento com o homem. O bom ritmo de jogo de Marta ao lado de suas companheiras foi citado, mas não chegamos a ler sobre heroínas ou qualquer termo que se referisse a essa aura heroica – no entanto, podemos considerar esse 0% como um avanço, se pensarmos na quantidade de notícias veiculadas no Brasil que não valorizam o desempenho das atletas em campo, mas destacam-no fora deles²⁵. Bourdieu (2007) discorre sobre a questão do corpo humano como organização social que se manifesta entre o biológico e o social, o jeito de ser masculino e feminino – os homens nasceram para serem viris e praticarem esportes e as mulheres para serem admiradas como musas?

Questionamos aqui o motivo de as comparações serem nulas, o que nos leva a notar a maneira como o jornal se referiu ao time da capitã Formiga: enquanto mundo a fora encontramos a equipe masculina de futebol enunciada como “seleção brasileira”, temos na representação das mulheres apenas o termo “seleção feminina”. Seria o futebol feminino tratado apenas como um apêndice da modalidade? Se nos atentarmos à quantidade de investimento, campeonatos e número de clubes no Brasil encontramos um panorama bastante diferente entre as duas seleções, o que evidencia essa hipótese.

Outro fator observado na cobertura diz respeito à tentativa de representação da equipe por uma jogadora que fosse colocada no papel de liderança. Neste caso, apesar de não ser a capitã do time, Marta foi apresentada com essa responsabilidade e era constantemente apontada como a estrela do grupo. Olhando para essa situação percebemos comportamento semelhante da mídia com a seleção masculina – algo que em alguns momentos pudemos identificar inclusive na Copa do Mundo de 2014 com Neymar sendo apontado como peça-chave que desfalcou a equipe rumo ao hexacampeonato.

Quando olhamos para a análise do sentido encontramos frases núcleo do texto com 70% no fator técnica para reafirmar o índice elevado também na tabela 24. Mas não podemos ignorar que incidências de unidades de texto têm 50% de negatividade, com o uso de palavras

²⁵ Durante a Copa do Mundo de 2014, a seleção feminina de futebol participou de amistosos que deram início à sua preparação para a disputa da Copa América em setembro, mas não foi notícia em nenhum momento. No entanto, pipocavam nos veículos de comunicação notícias sobre as musas do futebol: mulheres que se apresentavam seminuas representando as torcidas de cada nação para serem votadas e admiradas, tornando a relação mulher e futebol completamente estigmatizada.

como “fraqueza”, “conflituosa”, “frustrações” e “triunfo magro”. Já alguns dos termos neutros e positivos são “na bola”, “estrelas”, “damas” e “experientes”.

O terceiro esporte mais noticiado na cobertura da Folha foi o handebol, modalidade com popularidade crescente no Brasil e no mundo. A equipe chegou à competição como uma das favoritas e perdeu apenas nas etapas finais tendo uma atuação primorosa comparada às outras edições de Olimpíadas. Os 60% no fator técnica evidenciam a valorização da performance feminina em quadra e superam o índice dos outros fatores. Gostaríamos de destacar o baixo percentual de 8% no fator gênero, que provavelmente se deve à participação exclusiva da equipe feminina na competição – isso diminuiu as possibilidades de comparações.

Segundo nesse contexto, muito se questiona sobre a perda da feminilidade nos esportes de contato e a agressividade entre as adversárias aparece em caminho contrário à valorização do estereótipo de mulher vulnerável imposto pela sociedade. Segundo Louro (1992) todo movimento corporal surge representado de maneira distinta para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido pelas mulheres, enquanto os homens devem ter um caminhar mais firme. O mesmo ocorre com o uso das mãos, posicionamento das pernas e outras posturas e movimentos. Dessa forma, surpreende que a única referência feita ao gênero masculino se deve à admiração vinda das arquibancadas. O que esteve em questão foi o uniforme utilizado pelas jogadoras e não sua habilidade, com destaque para a forma como elas “atraíam os marmanjos” com o novo modelo de short. Interessante destacar que a notícia também traz a opinião das próprias jogadoras sobre o novo uniforme, que citam a facilidade de reconhecer as companheiras dentro de quadra durante o jogo e ignoram qualquer referência a sensualidade, por exemplo.

Diferente do que ocorreu no futebol, a maioria das unidades de texto identificadas na modalidade era positiva (62,5%), o que sugere certa aprovação em relação ao handebol. Na análise feita com base nos títulos das notícias encontramos um índice ainda mais elevado no fator técnica (87,5%), no entanto ao nos atentarmos para a presença do handebol na mídia com o final das Olimpíadas a evidência parece ser momentânea. Se fizermos ainda outra comparação com o enfoque dado à seleção brasileira de futebol feminino encontraremos a ausência de uma jogadora que esteja à frente do time para representá-lo como aconteceu com Marta.

Podemos explicar essa situação com base na diferença de espaço ocupado por esses dois esportes na mídia em geral e na maneira como eles foram consolidados no Brasil: o futebol é o mais praticado no país e se popularizou nos pés de homens-gênios e heróis. Apesar de o handebol ser um esporte de contato em ascensão, vive um momento apagado para o sexo masculino na modalidade, enquanto assistimos a uma grande equipe feminina participando de Mundiais pouco divulgados. Pensando a partir da concepção de Bourdieu - que o povo tende a aceitar o que o intercepta através de ideais dominantes (masculino) – podemos chegar à conclusão de o handebol não se insere nesse contexto e a identificação com atletas-personagens acaba sendo dificultada.

Quando olhamos para os dois esportes abordados neste capítulo, encontramos muitas referências à técnica e poucas ou nulas menções ao gênero e à emoção relacionadas às práticas esportivas (com 25% e 4% respectivamente neste último fator). Se observadas as unidades e núcleos de textos, percebe-se um discurso mais conciso sobre a ação das atletas, com um teor direto e “sem papas na língua”, com palavras como “goleadoras”, “pupilas”, “experientes” ou “estrelas” usadas para se referir às atletas positivamente, mas sem nenhum tipo de apelo característico do emocional feminino evidenciando uma vitória ou derrota – algo que veremos nitidamente na análise de outra modalidade (vôlei).

Na notícia “Brasil faz 5 a 0 na estreia e rebate críticas de adversários” (referente ao futebol) o termo “damas” foi usado inclusive para contestar a maneira como um técnico de equipe adversária se referiu às jogadoras brasileiras de futebol. No handebol, falou-se sobre abatimento apenas na última notícia, visto que a cobertura teceu muitos elogios à atuação do time feminino. Apenas uma foto da goleira Chana chorando diante da eliminação foi divulgada, mas no texto tratou-se de evidenciar conquistas anteriores e “não houve espaço para sofrer a derrota” para as norueguesas.

Por fim, a última matéria sobre a modalidade trouxe uma percepção curiosa sobre o significado do crescimento da popularização do handebol: citou-se que o “patinho feio” dos jogos coletivos olímpicos ganhou destaque, sendo que “a vida sexual de uma atleta” virou debate nas redes sociais e que até o ministro do Esporte esteve presente em uma partida. A ironia é que a popularidade foi vinculada diretamente a dois fatores sem relação alguma com o desempenho em quadra.

8.2. O Estado de São Paulo

No Estadão, temos inicialmente duas modalidades para serem analisadas: a primeira delas é o basquete (esporte coletivo) e a outra o judô (prática individual), com diferenças que podem ajudar na compreensão de alguns elementos de representação distantes entre elas. Quando se trata da frequência, o fator técnica aparece com destaque de 39,4% no basquete e apenas 14,5% no judô. O basquete é uma modalidade consolidada no país e viveu sua fase áurea em competições. No entanto, a realidade nas Olimpíadas de 2012 foi outra: o time sofreu derrotas seguidas e acabou muito criticado pela torcida, assim como por toda a mídia que parecia cobrar das atletas o mesmo perfil da geração de ouro do Brasil – tanto que ao observarmos a quantidade de incidências positivas e negativas sobre a equipe, encontramos um índice de 60,5% de negatividade contra apenas 31,5% de positividade (tabela 27).

Isso mostra que apesar de terem sido valorizadas as referências sobre o padrão de jogo das atletas, a maneira como as jogadoras conduziram as partidas não permitiu um olhar otimista em relação aos resultados. Palavras como “crise”, “problemático” e “apagão” foram usadas para descrever o desempenho em quadra, provando que não houve a “compaixão” comum às atletas de outras modalidades – como ocorre com o vôlei em algumas situações.

Interessante mostrar essa diferença de tratamento em momentos distintos da competição por meio da análise dos títulos de algumas notícias: no dia 29/7, o jornal publicou “Meninas superam crise e estão prontas para pegar a França”. O termo “meninas” sugere certa aproximação afetuosa com a equipe, afinal, meninas são frágeis, precisam de proteção. Por outro lado, no dia 04/8 o Estado escreve “Mulheres perdem a quarta partida e saem de cena”, deixando nítida a censura e a mudança de comportamento por parte do jornal quando a equipe esteve derrotada e fadada à eliminação das Olimpíadas. As “mulheres” teoricamente não precisam ser poupadas de nada (ao contrário das “meninas”), ainda que estejam no posto de perdedoras.

Na frequência (tabela 25) do fator estereótipo – ainda no basquete – chegamos ao índice de 31,5%, aproximadamente metade do valor do fator técnica. Já emoção possui 26,3% de frequência. Esses números podem traduzir algumas percepções que tivemos sobre a representação da modalidade ao longo da competição. No entanto, encontramos algumas diferenças entre os dados das tabelas que sintetizam as unidades de texto e títulos. Percebemos que o fator estereótipo aparece com somente 3,03% de ocorrência na análise dos

títulos das notícias e emoção tem índice nulo, algo bastante diferente se compararmos com a matéria completa. Dessa forma, subentendemos que neste caso o sentido real da notícia se manifestou principalmente por meio do todo.

Os termos recorrentes e os núcleos de texto transmitiram a imagem de uma equipe desestabilizada e pouco reativa. Para caracterizá-las, palavras negativas como “desabafar”, “melancólico” e “irritada” foram utilizadas – importante lembrar aqui como essas são expressões relacionadas ao universo feminino: mulheres desabafam, ficam melancólicas e irritadas.

Porém, apesar de sugerir que equipe estava desestabilizada emocionalmente, não houve comparações de gênero referentes ao papel desempenhado pelo homem ou pela mulher. A única menção diz respeito a um episódio pontual entre uma das jogadoras e o namorado (da seleção masculina de basquete): eles se encontraram durante a concentração das equipes para as Olimpíadas e isso fez com que a jogadora ficasse de fora da competição, já que sua atitude²⁶ contrariou as determinações técnicas.

Se até agora nenhuma modalidade havia sido representada sob os índices elevados de emoção ou estereótipo, o judô aparece com um empate de 30,9% nos dois fatores, enquanto a técnica possui apenas 14,5%. Para tentarmos compreender tais resultados, é preciso observar a campanha das judocas brasileiras nas Olimpíadas de 2012, além do próprio discurso trazido por elas: Sarah Menezes e Mayra Aguiar foram destaques na competição – conquistando medalhas de ouro e bronze – já Rafaela Silva foi eliminada depois de dar um golpe ilegal, algo que rendeu troca de ofensas entre a atleta e usuários do Twitter que não concordaram com a sua atitude. Nesta ocasião, a judoca foi muito criticada pela imprensa, que vinculou seu comportamento ao desequilíbrio emocional diante da derrota.

Durante muito tempo o judô feminino foi concebido à sombra do masculino, mas desde 2008 assistimos a uma ascensão da modalidade, em especial quando Rosicléia Campos assumiu o cargo de treinadora da equipe feminina do Brasil e quebrou alguns tabus. Segundo Souza e Mourão (2013, p.4) a partir das relações de poder simbólico elaboradas por Bourdieu a mulher necessita ter um espaço concedido pelo homem para que possa assumir as posições

²⁶ Não podemos garantir se o fato foi abordado da mesma forma nos textos que trataram da situação vista pela ótica contrária, mas inicialmente transmitiu-se a ideia de que a mulher burlou as regras para encontrar o namorado.

dominadas por ele na sociedade. Neste contexto, podemos considerar que a educadora física foi uma das primeiras mulheres a surgir no cenário esportivo como uma liderança feminina de representatividade.

No entanto, a treinadora se encontra em licença maternidade e será novamente substituída por um homem – fato que surge como um retrocesso para as conquistas feitas até então. Importante citar que apesar de estar no cargo por seu próprio mérito e ter ultrapassado as barreiras da dominação masculina na sociedade, a treinadora se refere à sua relação com as judocas de forma maternal – perpetuando o pensamento predominante de “mulher doméstica”. Na tabela 36 (de levantamento dos núcleos de sentido) encontramos a seguinte frase “eu as adotei como filhas e elas me adotaram como mãe”, um pensamento que relaciona as condições de trabalho entre treinadora e atleta com o perfil emotivo feminino – não que ela precisasse negar a sua natureza para se mostrar eficiente, mas muitas vezes a mídia e a própria mulher não conseguem dissociar os dois papéis, de mãe versus profissional.

Por mais que o judô tenha aparecido primordialmente representado pelos fatores emoção e estereótipo – em detrimento da técnica – tivemos um índice positivo dessa representação, sendo que as conquistas de medalhas superaram o episódio como o da atleta Rafaela Silva. Mas ao olhar para as unidades de texto e os núcleos de sentido que traduziram a imagem da mulher encontramos um discurso que possui a necessidade de provar que a feminilidade está presente na modalidade. Utilizaram ao longo da cobertura frases como “não é uma mulher que esconde seus sentimentos”, “sabe muito bem conviver com tensão pré-menstrual”, “ vaidade e tudo que faz parte do dia a dia da mulher” e “chorou após deixar o tatame”, coisas que tentam justificar que apesar do contato da mulher com um esporte estigmatizado como masculino, a atleta não deixa de ser feminina e mantém suas características naturais – principalmente no que diz respeito à sua emoção e seu papel na sociedade.

Outro ponto a ser destacado diz respeito ao fator gênero – que aparece com 26,3% na tabela 25 – e as frases núcleo de sentido que tratam do judô masculino. Na notícia “Mayara supera dor e decepção para ganhar o bronze” a própria atleta e personagem do texto traz a seguinte reflexão: “o Brasil precisa ter mais respeito por seus heróis”, referindo-se a Leandro Guilherme e Tiago Canto, que falharam na busca por medalhas durante a competição. Já na notícia “A tenaz Rosicléia lutou para o feminino ter estrutura melhor” a técnica evidencia a sua busca para que as condições de treino no judô fossem iguais para as equipes que

representam o país. O que enxergamos aqui traduz muito bem a realidade dos dois grupos: homens consolidados no meio e vistos como heróis (apesar das cobranças por resultados positivos), e lutando pelas mesmas chances na modalidade.

Se compararmos as análises referentes ao basquete e ao judô podemos ver pontos semelhantes, mas principalmente diferentes entre elas. Nesse contexto, são iguais por serem modalidades mundialmente relacionadas ao universo masculino, mas destacamos que o judô ainda caminha rumo à sua legitimação como prática feminina, enquanto o basquete já foi referência de grandes atletas brasileiras. Elas foram chamadas de heroínas de uma geração de ouro e reconhecidas por sua habilidade dentro de quadra – algo que se espera encontrar na mídia como forma de valorização dos esportes que ainda tentam consolidar o espaço feminino diante de outras modalidades.

8.3. Análise comparada: impressões sobre o vôlei e o boxe

Neste item, trataremos das modalidades identificadas tanto na Folha de São Paulo, quanto no Estado de São Paulo: a primeira delas é o vôlei, sendo o esporte mais noticiado em ambos os jornais; o boxe aparece com mais ênfase no Estadão, mas foi escolhido como nosso objeto de estudo especialmente por ser a última modalidade adicionada ao programa olímpico feminino – como já apontamos anteriormente.

Os índices referentes ao vôlei apareceram bem distintos nas tabelas 24 e 25: na Folha, temos o fator emoção com altos 43%, uma porcentagem quase duas vezes maior que o segundo fator com mais incidência (o estereótipo, com 29,2%), enquanto no Estado emoção e técnica empatam com 31,8%. Se considerássemos esses dados de forma isolada, poderíamos concluir previamente que o primeiro jornal ignorou o desempenho técnico da equipe, mas valorizou a entrega e a emoção em quadra – evidenciadas em virtude da campanha de altos e baixos nas Olimpíadas – e que na segunda publicação o vôlei foi representado considerando a igualdade na maioria dos fatores, principalmente entre emoção e técnica.

No entanto, ao observarmos a classificação de incidências positivas e negativas, temos um alto índice de negatividade no primeiro jornal (49,2%) e de positividade no segundo (66,6%), provando a diferença de abordagem dos dois periódicos. O desempenho das brasileiras em quadra foi representado pela Folha como um momento que refletiu a insegurança e a luta das atletas nas Olimpíadas. No fator emoção, algumas das unidades de

texto negativas utilizadas foram: “corda no pescoço”, “desastroso”, “fundo do poço” e “mágoa” – todas muito dramáticas – enquanto as positivas pareciam querer atestar que a equipe continuava viva na competição com: “vibrar”, “raça”, “suor” e “gloriosa”. Porém, a positividade foi praticamente nula no fator técnica com termos como “penou”, “decepcionantes”, “desastrosa” e “sofrível” saltando muito mais aos olhos os discretos “impondo”, “gigante”, “triunfo” e “passearam”.

Para completar, quando combinamos tais percepções às unidades de texto da categoria estereótipo, retificamos a cobertura negativa que a Folha apresentou sobre o desempenho das atletas brasileiras de vôlei. Os termos “azarão”, “aflitas”, “cabisbaixas”, “massacrado” e “esboço apagado” transmitem a sensação de um time entregue às suas adversárias, ainda que o jornal em alguns momentos se refira às jogadoras como “estrelas” ou “pupilas” do técnico Zé Guimarães.

Em contrapartida, na cobertura do jornal O Estado de São Paulo encontramos o fator técnica em destaque na classificação geral do enfoque (assim como foi na tabela 27) com 52,6% das ocorrências, usando palavras como “arrasadora”, “festejada”, “memorável”, “saudada” e “poder de fogo” para se referir à técnica das jogadoras e refletir o desempenho em quadra. Já no fator emoção – que nos títulos aparece com menos notoriedade – as unidades de texto utilizadas trazem aspectos de um time com personalidade forte representado por termos como “coração”, “superação”, “gana”, “irritam” e “ebulição”. Assim como no fator estereótipo (com 21%) encontramos termos positivos como “eufórico”, “garra”, “iluminada”, “superpoderosas” e “meninas” – este último transparece certo cuidado com o tratamento das atletas, sugerindo até uma fragilidade tipicamente feminina, que não identificamos no basquete.

Neste contexto, pudemos encontrar várias referências a características e necessidades da mulher – diferente do que ocorreu na Folha de São Paulo – exemplificadas nas frases núcleo de sentido na tabela 34: “algumas jogadoras desabafaram”, “as brasileiras se irritam diante de times que não deixam a bola cair” e “precisavam de uma palavra amiga e de carinho”. Desabafar e irritar são verbos comumente relacionados a comportamentos femininos, assim como a expressão “precisavam de carinho” normalmente não seria dirigida a equipes masculinas em uma cobertura midiática. Esse tipo de abordagem transparece dá suporte à ideia de que o esporte praticado pelas mulheres é menos técnico e, por isso, menos importante o esporte praticado pelos homens.

Para finalizar nossas impressões sobre o vôlei, na categoria gênero da Folha de São Paulo encontramos nas frases núcleo de sentido uma comparação entre o desempenho de Jaqueline e Murilo (casal e atletas das seleções brasileiras), colocando-o em condição inferior a da jogadora, como é possível conferir em “ele assistiu sua mulher ser a estrela” e “Murilo até foi cobrado para ter desempenho similar”. Em contrapartida, no Estadão, faz-se referência aos jogadores da equipe masculina como heróis, antes da derrota na final (e também são tecidas comparações a Murilo, mas neste caso de maneira contrária) e ao casal dá-se o apelido de “casal dourado”.

Depois de trazermos dados sobre a representação do vôlei, seguiremos com as observações sobre o boxe. Como apontado anteriormente, a prática passou a fazer parte do programa Olímpico feminino em 2012 e possibilitou que a participação das mulheres na modalidade fosse analisada mais de perto. Num primeiro momento, encontramos diferenças entre as abordagens da Folha de São Paulo e do O Estado de São Paulo: no primeiro, o índice mais alto na análise das unidades de texto aparece no fator estereótipo (com 36,6%), seguido por 33,3% de gênero e 26,6% de técnica. Já no Estadão, temos 52,1% no fator técnica, 21% no gênero e empatados 13% em emoção e estereótipo.

Importante mostrar que o destaque no segundo jornal foi bem menor, com três e seis notícias respectivamente. Apesar disso, nas tabelas 26 e 27 temos os resultados de 41,3% de negatividade na Folha e 78,2% de positividade no Estado. No primeiro deles, as unidades de texto negativas utilizadas referentes ao maior fator foram: “humilhada”, “irritada” e “bate boca” quando se tratou de mostrar a atitude da atleta dentro e fora do ringue. Podemos nos atentar para o termo “bate boca” e fazer o seguinte questionamento: essa também seria uma expressão utilizada com homens? Ou eles simplesmente brigam em vez de bater boca?

O teor dado ao título “Adriana, bronze, bate boca com cartola” sugere certo desmerecimento à atitude e ao diálogo entre os dois envolvidos. No caso, a notícia aborda os problemas entre a atleta e um dos dirigentes da Confederação Brasileira de Boxe no contexto da luta por melhores condições de treinamento, tornando o termo “bate boca” inapropriado e um tanto pejorativo para ser utilizado na ocasião. Por outro lado, quando olhamos para outras unidades de texto inseridas na categoria estereótipo temos as expressões “toque feminino” e “dose de delicadeza” – que de certa forma tentam justificar a audiência dada à modalidade – mas também um índice praticamente nulo (de 3,3%) no fator emoção – que mostra certa distância da representação da atleta com fatores emocionais normalmente vinculados à

mulher. No caso de Adriana, temos uma atleta que não se encaixa nem na categoria de *sex-symbol*, nem na de mãe e esposa, ambas muito exploradas pela mídia, e acaba sendo tendo uma representação apagada na mídia, por mais que seu papel mereça devido destaque.

No jornal O Estado de São Paulo as unidades de texto inseridas no fator técnica foram em sua maioria positivas: “agressiva”, “calculista”, “encurrular”, “boa pontaria” e “concentração” são algumas das palavras utilizadas e tentam contrariar a premissa de que apenas o homem é identificado por sua força e habilidade como atleta. No fator gênero, temos inferências igualmente positivas adotadas para se referir aos atletas homens, como: “felizes”, “equilibrados”, “ambição”, “concentração” e “feito histórico”. A cobertura do Estadão se mostrou mais receptiva ao novo esporte e, como mostra a tabela 37, tratou de evidenciar a valentia e a personalidade da atleta em seus textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Koivula (1999 apud. KNIJNIK e SOUZA, 2004) na maioria das vezes a cobertura televisiva dá a impressão de que a performance de mulheres não é tão importante e interessante comparada a dos homens – ainda que cada vez menos. Em nossa pesquisa, tentamos ir além dessa afirmação e identificar em outras mídias de que maneira é feita a representação dessa mulher-atleta brasileira nas modalidades que compõe o maior evento esportivo mundial que são as Olimpíadas. Como ter a compreensão de todas elas requeria um estudo maior e mais amplo, optamos por observar os esportes mais noticiados pela mídia – levando em conta a quantidade de textos presentes em dois jornais de grande circulação no país. Depois de encontradas as modalidades com mais destaque em cada periódico, definimos nosso método de análise e as categorias pelas quais traçaríamos caminhos para refutar ou comprovar as hipóteses apresentadas no início desta pesquisa.

Inicialmente, após uma leitura flutuante do material definido como objeto, percebemos que o mais apropriado seria analisar cada modalidade separadamente, já que todas possuíam uma história particular dentro do cenário esportivo brasileiro. Nessa ocasião, pudemos compreender que a maneira como os esportes são incorporados pela sociedade reflete a forma com eles são retratados pela mídia e vice versa. Por exemplo: o futebol, o basquete, o judô e o boxe são apropriados pelas escolas como práticas masculinas, enquanto o vôlei e o handebol são incluídos como esportes femininos na grade de aulas de educação física. Esse pensamento acaba influenciando o surgimento de ideias pré-concebidas sobre cada modalidade, como se umas fossem apropriadas para mulheres e outras não.

Quando determinamos nossas categorias de análise, entendemos que olhar para o esporte no universo feminino seria lidar com contextos variados, mas repletos de elementos em comum justamente por conta dos preconceitos inseridos nessa realidade. Por esse motivo, listamos fatores-chave para a análise – eles contemplam os principais caminhos para observarmos as peculiaridades da participação feminina em cada prática – e passamos analisá-las tanto pela frequência com que os termos ligados aos fatores apareciam, quanto pelo sentido concedido a eles e pelas percepções de elementos subjetivos nas notícias – baseado em nosso referencial teórico e nas hipóteses defendidas até então.

Os principais pontos a serem comentados dizem respeito a algumas modalidades, são elas: o vôlei, o futebol, judô e o boxe. No vôlei, pudemos observar entre os jornais Folha de

São Paulo e O Estado de São Paulo a maneira distinta como cada um deles lidou com a chegada da equipe a Londres. As brasileiras chegaram às Olimpíadas com o status de “zebra”, mas reviveram na disputa e buscaram resultados positivos, sofrendo uma ressignificação por parte da mídia, que tratou reafirmá-las como uma equipe campeã. No entanto, O Estado conduziu de maneira positiva as demonstrações de emoção por parte do grupo e tentou evidenciar o seu crescimento técnico ao longo das Olimpíadas, enquanto a Folha apresentou uma cobertura que tendia a uma representação muito mais por meio dos estereótipos e da emoção vinculada ao descontrole emocional, considerado tipicamente feminino.

No futebol, encontramos 0% de referência à equipe masculina. Surpreende porque esse é o esporte mais popular no Brasil e tende a ser sempre relacionado a esse universo. O jornal analisado trouxe uma cobertura baseada em relatar o desempenho das atletas em campo e não fez comparações com o time que na época era dirigido por Mano. Porém, conseguimos perceber a ausência de uma proposta de identificação da equipe com o a sociedade, já que diferente do que comumente acontece com jogadores homens, não há o protótipo de uma heroína, ainda que fosse depositada grande responsabilidade na atacante Martha. Nesse contexto, faz-se valer a ideia de que o futebol feminino funciona meramente como um apêndice do futebol masculino no Brasil – talvez, no mundo.

Já no judô a relação do esporte com as mulheres foi traduzida por meio da suposta relação maternal de Rosicléia com suas judocas. Isso fica claro com a opção pelo discurso carregado de subjetividades que tenta reafirmar a “condição” feminina tanto das atletas, quanto de sua treinadora dentro da modalidade considerada inapropriada para mulheres. Ainda que tenha havido positividade em sua representação – o que demonstra uma aceitação com uma modalidade nova e em ascensão – as frases de núcleo identificadas nos textos comprovam a hipótese de que o “ser mãe” ainda supera o “ser atleta”. Por outro lado, no boxe – um esporte igualmente masculino aos olhos da sociedade – temos uma mulher retratada a partir de uma agressividade que se manifesta como forma de reafirmação de sua importância dentro da modalidade. Adriana foi vencedora de uma medalha de bronze, mas teve seu feito ofuscado pelas conquistas dos homens da modalidade e por um suposto “bate-boca” com cartola. Os outros dois esportes analisados – handebol e basquete – mostraram uma representação justificada pela própria campanha das equipes nas Olimpíadas.

Pensando em considerações gerais sobre os resultados que encontramos na pesquisa, concluímos que a busca da mulher por espaço no ambiente esportivo se dá de maneira única a

cada modalidade e ocasião. Isso varia de acordo com a história dos esportes, das personagens-atletas presentes neles e principalmente da campanha desenvolvida ao longo do evento esportivo noticiado. No caso das Olimpíadas, temos um grande espaço para uma busca por legitimação, ainda que essa caminhada seja dificultada por valores pré-adquiridos nas relações entre o indivíduo e a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, L.K. **Esporte, imagem corporal e exploração de mídia.** III Fórum de Debates Sobre Mulher & Esporte: Mitos & Verdades. São Paulo, p.96, 2004.
- ANDRÉ, S. **Judô feminino: relato de uma história.** III Fórum de Debates Sobre Mulher & Esporte: Mitos & Verdades. São Paulo, p.96, 2004.
- ARRAES, J. **Sim, jogadores choram e homens também sentem.** Revista Fórum, junho de 2014. Disponível em> <http://www.revistaforum.com.br/copa/sim-jogadores-choram-e-homens-tambem-sentem/> Acesso em: 10 de julho de 2014
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARTHES, ROLAND. **O que é o esporte? Le sport et les hommes.** Revista serrote. Instituto Moreira Sales. São Paulo, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro : Zahar, 2006.
- BECK, D. Q; GUIZZO, B. S. **Estudos Culturais e Estudos de Gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais.** Revista HOLOS, Ano 29, Vol. 4, 2013.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 6 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 322p.
- _____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAPRARO, A. M.; CHAVES, A. **O Futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social.** Lecturas: Educación Física y Deportes. 2007.
- _____; MARTINS, C.J; LIMA, M.A de. **Olimpíadas modernas: história de uma tradição inventada.** Rev. Pensar a Prática, p. 4, 2009.
- CARDOSO, Maurício. **100 anos de olimpíadas.** São Paulo: Scritta, 1996.
- CAVALCANTI, V.R.S. **Mulheres em ação: revoluções, protagonismo e práxis do século XIX e XX.** Revista Projeto História. São Paulo, PUC-SP, vol. 30, p.243-264. 2005. Disponível em: [http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/14-Artg-\(Vanessa%20Simon\).pdf](http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/14-Artg-(Vanessa%20Simon).pdf). Acesso em: 28 de agosto de 2013.

CHEREM, E.H.L.; OLIVEIRA, G. TUBINO, M.G.B. **A inserção histórica da mulher no esporte**. Editora Universa. Revista Ciência e Movimento, v.16, p. 118, 2008.

COLLI, E. **Universo olímpico uma enciclopédia das olimpíadas**. São Paulo: Códex, p.43,2004.

CONTADOR, C.B; SILVA, L.H.Z; TODT, N.S. **Os Jogos Olímpicos sobre o olhar dos atletas brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho. Coletânea de Estudos Olímpicos, v.2, p. 254, 2002.

DEVIDE, F.P. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos. Ijuí: Editora Unijuí, p. 88-89-98, 2005.

DIAS, ALFRANCIO FERREIRA. **Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade**. Disponível em:
http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IN_D_9/FORUM_V9_13.pdf. Acesso em: 7 de maio de 2013

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. **As relações entre os sexos no esporte**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.5, n.2, p.321-48,1997

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____, A.C. **Os estudos culturais**. In.: HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C., FRANÇA, Vera. Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências. São Paulo, Vozes, 2010. P. 151-170.

FANZINI, F. **Futebol é "coisa para macho"?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882005000200012&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 de maio de 2013

GOELLNER, S. **Pode a mulher praticar o futebol?** In: CARRANO, P.C. Futebol, paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.79-94.

GOELLNER, S.V. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Rev. bras.Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GUMBRECHT, H.U. **Elogio da beleza atlética**. Ed. Cia. Das Letras. São Paulo, 2007.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 7ª edição. Editora DP&A. São Paulo 2002

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais.** Trad. de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rüdger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. The Promotion of Women in the Olympic Movement. IOC policy and initiatives. Lausanne: Department of International Cooperation/IOC, 2009.

_____. Women in the Olympic Movement: key figures. IOC policy and initiatives. Lausanne: Department of International Cooperation/IOC, 2012.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Índia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: EDUSC, 20

KOIVULA, N. **Gender Stereotyping in Televised Media Sport Coverage.** *Sex Roles.* v. 41, n. 7/8, 1999.

LASCH, C. **A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LESSA, P. **Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista.** UEM: Universidade Estadual de Maringá. Revista Motrivivência. Ano XVI, n.24, p. 157-172. 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/862/3895>. Acesso em: 2 de setembro de 2013.

LOURO, Guacira Lopes . **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997. 179p.

MACÊDO, G.N.S. **A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional.** Universidade Católica de Goiás. 2003. Disponível em: http://www.ucg.br/ucg/katiamacedo/dissertacoes/pdf/Goiacira_ConstrucaoRelacaoGeneroHomemMulher.pdf

MARTINS, L.T; MORAES, L. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata.** Revista Pensar a Prática, 10/1: 69-81, jan./jun. 2007.

MARTINS, C.J. ALTMANN, H. **Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning.** Em: X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, SP. 2007. Disponível em http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Carlos_J_Martins.pdf. Acesso em: 7 de maio de 2013.

MATTELART, A. **Introdução aos Estudos Culturais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEZZARROBA, C; PIRES, G.L. **Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva.** Revista Ativ. Fís.,Lazer & Qual. Vida: R.Educ.Fís.,Manaus, v.2,n.2, p.3-19, jul./dez.,2011.

MIRAGAYA, A. **A mulher olímpica:** tradição versus inovação na busca pela inclusão. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro, p.3, 2002

_____. **A mulher olímpica:** tradição versus inovação na busca pela inclusão. Trabalho apresentado em Fórum Olímpico, Universidade Gama Filho, 2002.

MOURÃO, L. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização.** Revista Movimento, vol.16, n.13. 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11777>. Acesso em 2 de setembro de 2013.

_____. ROMARIZ, S. B. **A história do voleibol contada por jogadoras de seleção brasileira no período de 1958 a 1989.** XII Encontro Regional de História ANPUH, Rio de Janeiro, 2006. Acesso em 23 de junho de 2014.

OLIVOTO, R. **Handebol:** uma visão político-crítica do seu desenvolvimento como desporto. Revista Digital; ano 9, n. 67, Buenos Aires, 2003. Acesso em: 23 de junho de 2014.

PEDRO, J.M. **As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila,** Estudos Feministas, 13(1):81-102, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100006>. Acesso em: 13 de junho de 2013.

ROSA, G. C. **A discussão do conceito de identidade nos estudos culturais.** Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre.

RUBIO, K. SIMOES, A. C. **De espectadores a protagonistas a conquista do espaço esportivo pelas mulheres.** Rev. bras. Mov. ano V, nº 11, 1999.

SAYÃO, Débora Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. In: Revista Perspectiva, v.21 n.01, jan/jun 2003. Editora da UFSC: NUP/CED. Florianópolis.

SILVA, T. T. A. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes, 2002.

SIMÕES, A.C (org). **Mulher & esporte:** mitos e verdades. Editora Manole. São Paulo, 2003

SOARES, G. A. D. **A mulher nas Olimpíadas.** *Ciência Hoje.* n.8, v.43, 1988.

_____.C, KIJNIK, D., MACEDO, L.L. **O ser mulher no esporte de competição:** a busca dos limites no esporte de rendimento. Revista virtual EFArtigos - Natal/RN – v.3, n.5, julho/2005. Disponível em: <http://efartigos.atspace.org/otemas/artigo53.html>. Acesso em 4 de maio de 2013.

SOUZA, G.C de. **Narrativas do judô feminino brasileiro: construção da historiografia de 1979 a 1992.** XII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Gabriela%20C%20de%20Souza.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2014.

TURINI, M. DACOSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos.** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. ISBN 85-7444-033-7

VIEIRA, S; FREITAS, A. **O que é Basquete.** Casa da Palavra: COB. Rio de Janeiro, 2006.

_____. **O que é Boxe?.** Casa da Palavra: COB. Rio de Janeiro, 2007.

ANEXOS

Os anexos seguirão a seguinte ordem:

a) Folha de São Paulo

Vôlei

Futebol

Handebol

Boxe

b) O Estado de São Paulo

Vôlei

Basquete

Judô

Boxe